

REVISTA DA SEMANA

Nº 21



CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

24 - 5 - 47



DEANNA-ENAMORADA DE UM JOVEM E SENSACIONAL
ASTRO DA TELA... TOM DRAKE - ÀS VOLTAS COM O
HILARIANTE CÔMICO... WILLIAM BENDIX - E COM O
PRINCIPE DOS PIRATAS...
ADOLPHE MENJOU.



Deanna **DURBIN**
Tom **DRAKE**
William **BENDIX**

em

"Amor de ENCOMENDA"

("I'll Be Yours")

Deanna canta:

"SARI WALTZ" "GRANADA"
"IT'S DREAM TIME"

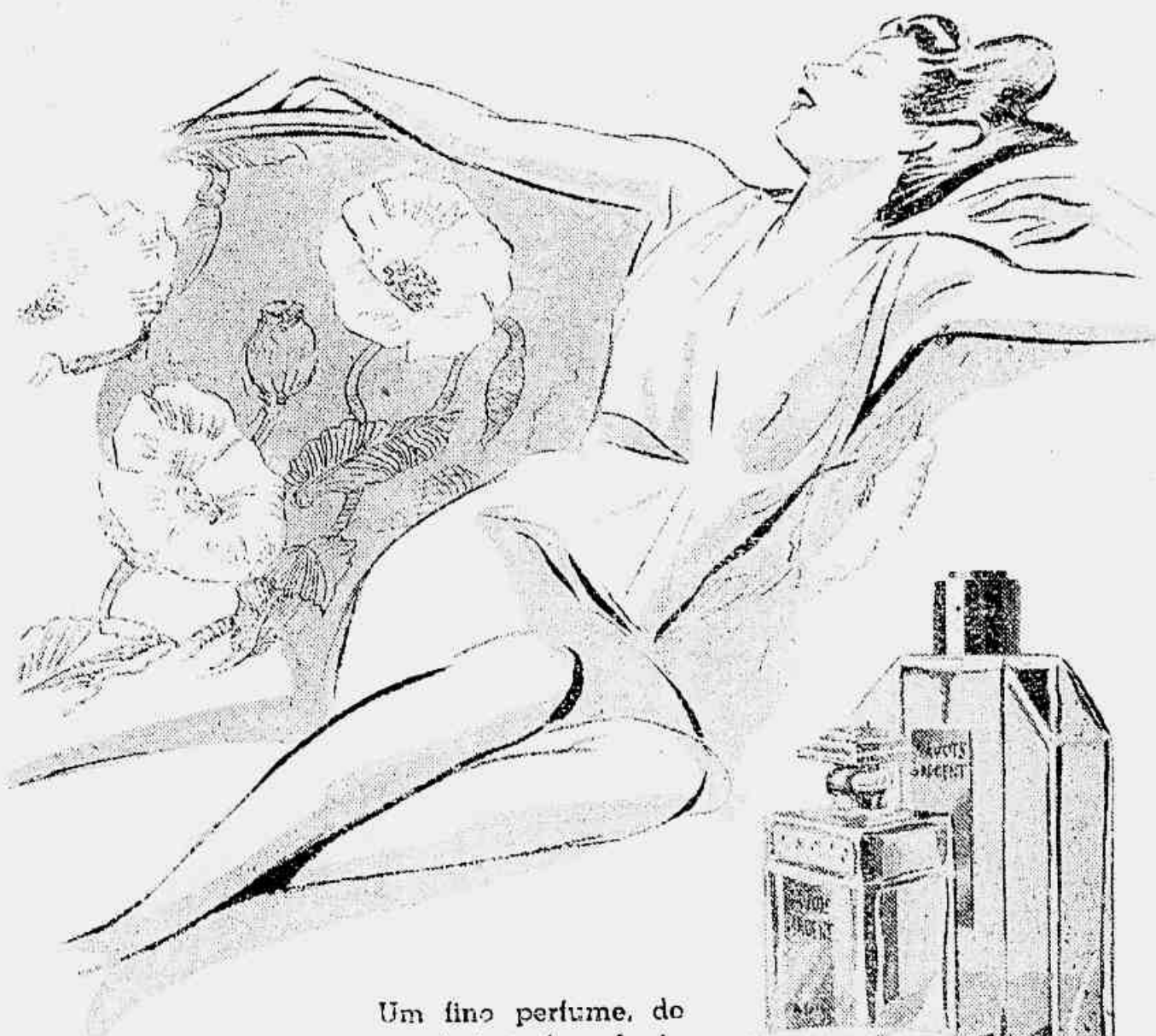
com Adolphe **MENJOU**

WALTER CATLETT • FRANKLIN PANGBORN • WILLIAM BROOKS
Produtor: FELIX JACKSON • Diretor: WILLIAM A. SEITER • Produtor Ass.: HOWARD CHRISTIE



O MOMENTO político nacional andou agitado, com o notícia do acôrdo político referente à adoção do sistema parlamentarista no Rio Grande do Sul e, possivelmente, em outros Estados. Vários jornais acolmaram o movimento de "golpe baixo e sujo", de partidos derrotados, para se vingar do fracasso. Entretanto, não pode ser sem grave injustiça acolmado de "golpista" um homem como o senhor Raul Pilla, que há mais de vinte anos prega as excelências do parlamentarismo. O senhor Pontes Pico de la Mirandola deu um confuso parecer afirmando que é cabível a hipótese do parlamentarismo no Rio Grande do Sul. Outros juristas disseram a mesma coisa, em linguagem menos confusa. E a Câmara Federal resolveu perguntar, a si mesma, se é permissível, ou não, a adoção do parlamentarismo nos Estados. Aguarda-se com grande curiosidade a resposta que a Câmara dará a si mesma. Começaram a arrefecer os boatos de "golpe militar" destinado a reforçar a autoridade do presidente da República e a eliminar o poder legislativo. O general Canrobert Pereira da Costa, ministro da Guerra, fez uma incisiva declaração, afirmando que o Exército manterá o regime democrático e não está interessado na restauração do irremedio fascista que aqui tivemos sob o nome de Estado Novo. O líder da maioria na Câmara Federal, senhor Cirilo Junior, fez declarações semelhantes, dizendo, ainda, que não se cogita de intervenção federal em São Paulo ou em qualquer outro Estado. A União Democrática Nacional, reunindo-se para apreciar o momento político, manifestou-se contrária à cassação do mandato do senador, deputados e vereadores comunistas, coerente, aliás, com o seu ponto de vista anterior, contrário à cassação do registro do Partido Comunista. Esse partido, embora dissolvido, fez ler pelos seus ex-representantes, senhores Mauricio Grabois, na Câmara Federal, e Pedro de Carvalho Braga, na Câmara Municipal, um manifesto de despedida, convidando o general Eurico Gaspar Dutra a renunciar. O general Dutra, em vez de aceitar o convite, o que fez foi embarcar para o sul, afim de inaugurar a ponte internacional que liga Uruguaiana a Paso de los Libres, encontrando-se, então, com os presidentes Thomas Berreta, do Uruguai, e Juan Domingo Peron, da Argentina. Por falar em presidentes: o generalissimo Rafael Leonidas Trujillo Molina, "El Supremo" de Santo Domingo, disputou sozinho as eleições que se realizaram no seu país, para chefe do governo, e duas horas antes de terminadas as apurações, proclamou a si próprio vencedor, por "esmagadora maioria". Aliás, o adjetivo não podia ter sido melhor escolhido. Há vários anos, o generalissimo Trujillo tem sido "esmagador". Tem esmagado os seus adversários e as liberdades públicas, em geral. Vários órgãos da nossa imprensa, entre os quais "O Globo", "O Jornal" e "Correio da Manhã", assumiram a defesa do prefeito Hildebrando de Góes, lamentando a ofensiva de boatos malignamente desfechada contra o governador da cidade. Tratando-se de um grande técnico e não de um politiquelro, não seria nada demais que o general Eurico Gaspar Dutra prestigiasse a autoridade do prefeito, permitindo que esse possa levar adiante os excelentes projetos em que está empenhado. Sobre o assunto, cisse judiciosamente um editorial de "O Jornal": "Só se opõem ao senhor Hildebrando de Góes os que não se acham satisfeitos com a maneira impessoal, correta e desinteressada com que ele dirige a administração do Distrito. O general Dutra sabe muito bem disso. Ao escolhê-lo para exercer funções de tanta importância sabia que teria ao seu lado, para executar o programa de seu governo na metrópole, um técnico dotado de experiência administrativa e incapaz, pela tradição de uma prestigiosa vida pública, de subordinar-se aos corrilhos políticos que têm feito a desgraça do Rio de Janeiro. O presidente tem diante dos olhos o exemplo de Rodrigues Alves, sustentando o prefeito Passos, a despeito da insensata e violenta campanha movida contra ele e tirando grande parte de sua glória histórica da firmeza desse apoio". O "Diário de Notícias" publicou, também, um editorial muito simpático ao prefeito Hildebrando de Góes. A propósito: teve excelente repercussão em todos os círculos artísticos a nomeação do maestro Walter Burle Marx para o cargo de diretor do Serviço de Teatros da Prefeitura, ao qual se acha subordinado o Municipal. Compositor e regente de grande mérito, Burle Marx muito tem feito pela divulgação da música brasileira no exterior e de sua capacidade de organização tivemos uma boa prova, no passado, através da Filarmônica, de tão esplêndida atuação. As entrevistas dadas à imprensa diária pelo maestro Burle Marx já deixaram bem claro que ele é o homem para o cargo e que sua nomeação foi, por isso mesmo, grandemente acertada. Chegou da Europa a primeira leva de imigrantes encaminhados para o Brasil depois da guerra, vindo entre eles técnicos de várias especialidades. Houve durante a semana toda uma série de intoxicações, recaído as suspeitas sobre a carne frigorificada, distribuída em pacotes, e sobre o excesso de cloro na água consumida pelos cariocas. O Japão decididamente não se emenda. Os jornais de domingo publicavam telegramas dizendo que haviam sido iniciadas sondagens pelos japoneses no sentido de poder o Micado restaurar o seu exército, no total de cem mil homens, além de uma força aérea, também pequena... No Triângulo Mineiro, segundo o diretor geral do Departamento da Produção Animal, há 150.000 cabeças de gado gordo, esperando transporte. Quem quiser carne, vá para lá... se conseguir transporte! O botequineiro português Adelino Fernandes de Almeida tinha no seu boteco uma arma superior, potencialmente, à bomba atômica". Depois de prestar declaração Fernandes de Figueiredo, um freguês, sem saber que a coisa era séria, mexeu com a criadinha e o botequineiro, sem mais aquela, meteu-lhe uma bala na cabeça, matando-o instantaneamente. O caso se verificou na rua Uruguaiana, esquina de Marechal Floriano. Muito mais emocionante, entretanto, é esta singela declaração de um ilustre fabricante de armas de guerra norte-americano, ora dedicado às investigações sobre a força atômica, em telegrama do International News Service: "Washington, 17 (INS) — O antigo fabricante de aviões, Glenn L. Martin, declarou no sub-comitê de aviação do Congresso americano que cientistas já estão trabalhando no aperfeiçoamento de uma "nuvem: radioativa" que constituiria uma arma superior potencialmente à bomba atômica". Depois de prestar declarações, Martin afirmou aos jornalistas que "a nuvem atômica" poderia ser criada por aviões voando a grande altura e que não será explosiva. Acrescentou que também poderia acontecer que a nuvem se voltasse contra o próprio Exército americano. "E" um armamento tão mortífero que ninguém poderia atravessá-lo com vida". E, com esta sensacional novidade, encerramos a rosca, justamente na hora em que ocorria o mais sensacional eclipse dos últimos anos, o eclipse que trouxe ao Brasil gregos e troianos, isto é, russos e norte-americanos.

Parfums d'argent



Um fino perfume, de suavíssima fragrância e persistente efeito.

LOCÃO • EXTRATO • BRILHANTINA • PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS * RIO

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

Optalheria

R. CARIOCA N.º 28

**JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES**

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

NÃO é só o mimetismo o responsável pelas agitações sociais, pelas inquietações políticas em que se debate uma parcela numerosa da nossa população. Essas agitações e essas inquietações são, também, um reflexo das condições internas que devem ser aliviadas, para que o governo se revista de uma autoridade maior, no seu alã de defender intransigentemente o regime democrático. Essa autoridade será tanto maior quanto mais decididamente marchar o governo democraticamente ao encontro das aspirações populares, realizando uma administração fecunda em medidas que beneficiam a coesividade, desenvolvendo as organizações de assistência social e combatendo lentamente a miséria em que se debatem alguns milhões de brasileiros. A trágica verdade é que o descalabro administrativo do passado, a espantosa inércia do período ditatorial, — colocado fora da alçada da crítica construtiva por uma feroz e inexplicável censura à imprensa e ao pensamento livre, — favoreceu a fermentação dessas agitações, pela descrença que implantou no coração de muitos brasileiros. Nenhum documento é mais triste e mais demonstrativo desse espírito negativista da ditadura de que o Brasil mal acaba de emergir do que esse caso dos "hospitais-fantasma", convertidos em abrigos da miséria, em hotéis de párias, em estalagens imundas dos que não encontram onde morar. O Estado Novo, com a sua falta de direção e a sua incuria característica, neles gastou milhões, afim de que dali resultassem, não hospitais, mas simples "cabeças-de-porco". Nesta cidade sem hospitais, onde se morre à míngua de tratamento adequado, onde não há um leito vago em parte alguma, grandes estruturas estão sendo consumidas pela ação do tempo, porque o governo do falso "pai dos pobres" se preocupava apenas com a fachada, com as coisas rutilantes ou demagógicas. E' a consideração do general Eurico Gaspar Dutra, chefe do governo legal da República, — porque resultante da mais livre e honesta eleição realizada no país, — que oferecemos esta reportagem, na esperança de que a lei e ordene aos seus auxiliares as urgentes providências que o caso requer, afim de que o Poder Público se reabilite, no presente, dos erros cometidos no passado.

OS "HOSPITAIS-FANTASMAS"

ALBERGUES DA MISÉRIA

A história dolorosa de cinco hospitais abandonados pelos poderes públicos — Um hospital paralizado há dezessete anos e transformado em "favela" — Um outro, converteu-se em "cabeça-de-porco" — A homenagem a Henry Ford e a Ademar de Barros que não se completou — Os empregados municipais acusam o padre Olímpio de Melo — O mistério do Pavilhão Ortopédico Barata Ribeiro — Casas de saúde transformadas em focos de doenças.

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

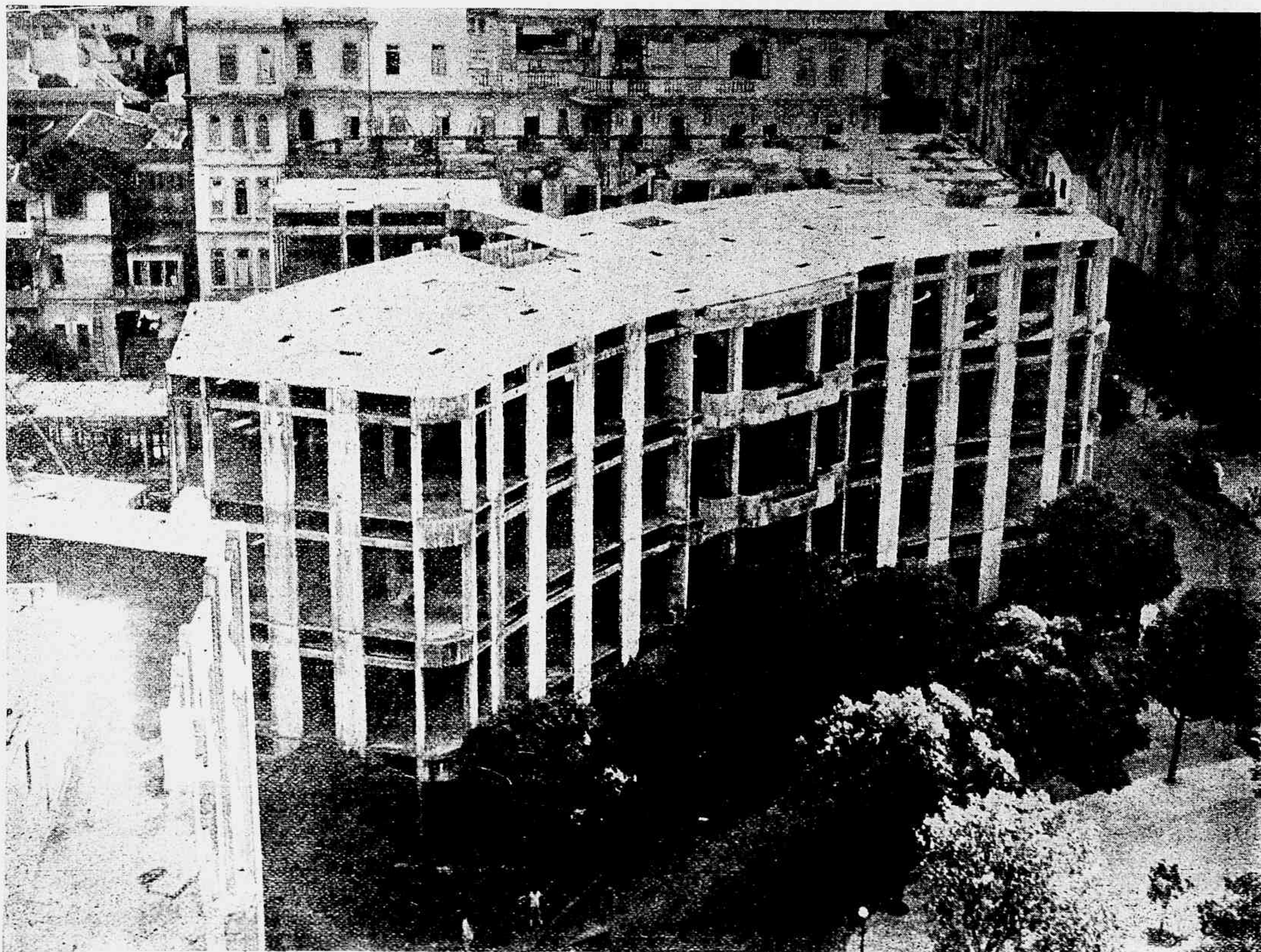
O RIO DE JANEIRO poderia ser hoje a única cidade do Brasil suprida suficientemente de hospitais se os estabelecimentos que foram iniciados há cinco, dez e mesmo vinte anos não tivessem tido inexplicável e criminosamente suas obras paralizadas. Por que tais obras foram suspensas? Que os leitores tirem suas próprias conclusões dos dados que fornecemos nesta reportagem, os mais exatos publicados até hoje sobre essas "sinfonias inacabadas" de cimento armado. Todas as estatísticas atestam que a sub-nutrição do carioca aumenta de ano para ano e esse depauperamento físico progressivo, ajudado ainda pelo clima, pela falta de moradia e de transporte, está fazendo do habitante da cidade maravilhosa um povo doente, predisposto a toda sorte de moléstias. Por isso cada vez mais aumenta a crise de leitos em nossas casas de saúde. Os três mil leitos existentes nos cinco "hospitais-fantasma", objetos desta reportagem, estão fazendo uma

falta enorme. Há três ou quatro lustros essas colunas imbeis de concreto armado, essas enfermarias desertas, vêm desmentindo a demagogia dos homens da ditadura que ou sam ainda hoje afirmar que sempre cuidaram dos interesses do povo. Em cada uma das zonas da cidade esses hospitais abandonados gritam irrefutavelmente: — E' mentira!

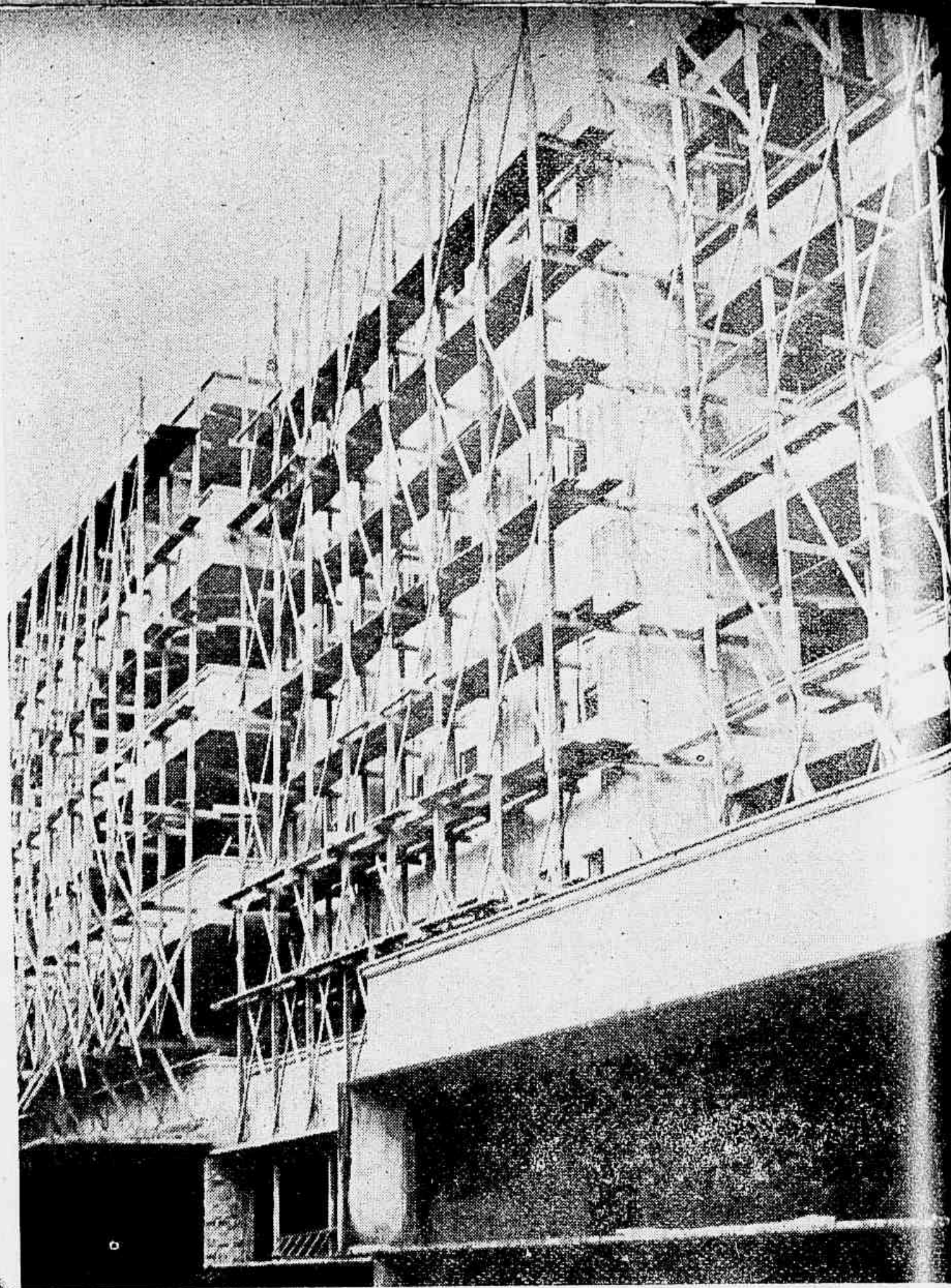
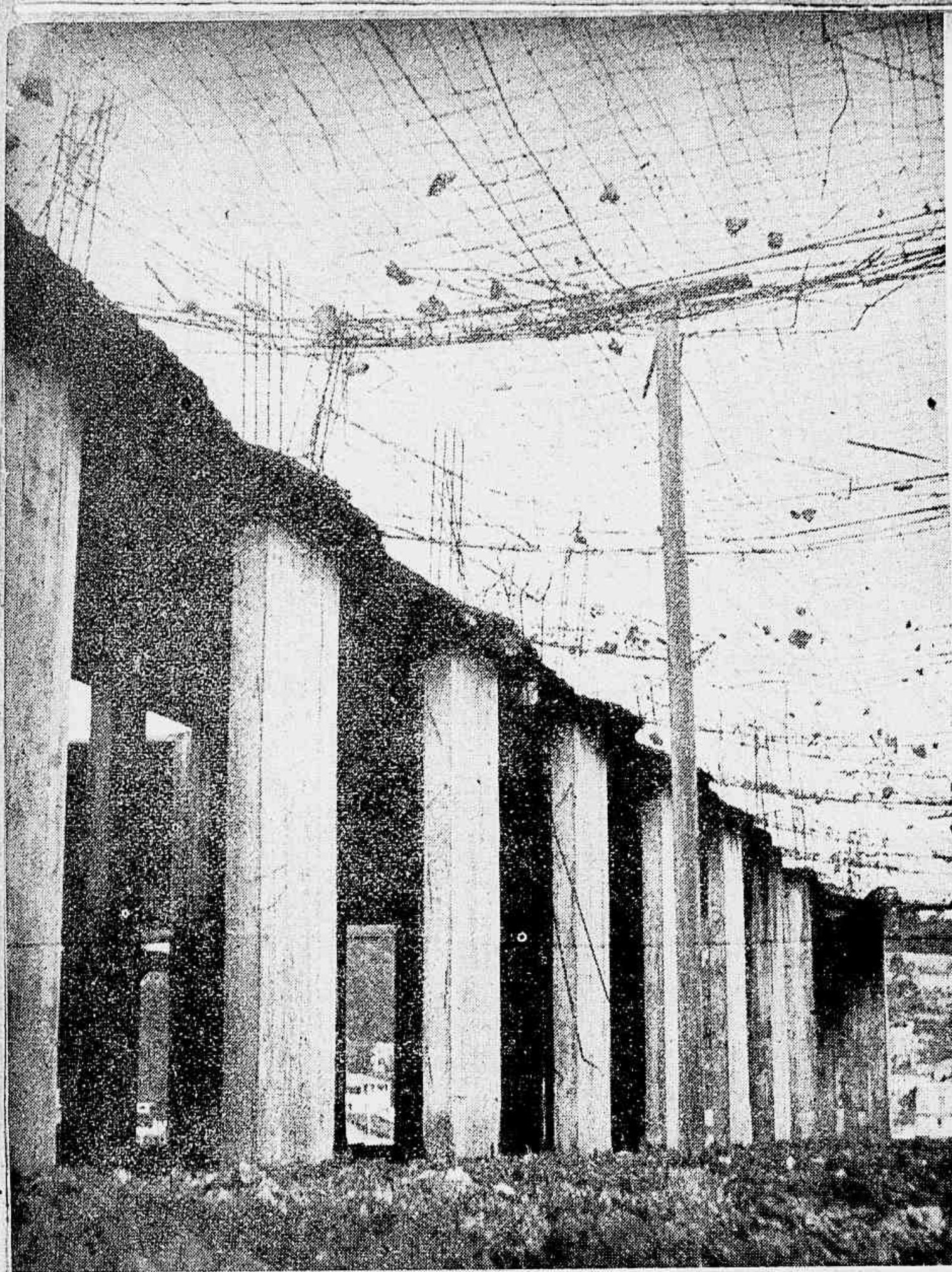
UM "HOSPITAL-FANTASMA" QUE VEM DO TEMPO DO SENHOR ARTUR BERNARDES

Não há morador do Rio que ainda não tenha visto, de passagem de trem pela estação da Mangueira ou de bonde, ao subir a rua São Francisco Xavier, aquele colosso de cimento armado perdido entre os terrenos do antigo Derby Clube. Esse hospital foi iniciado no último ano da presidência do senhor Artur Bernardes, autorizado

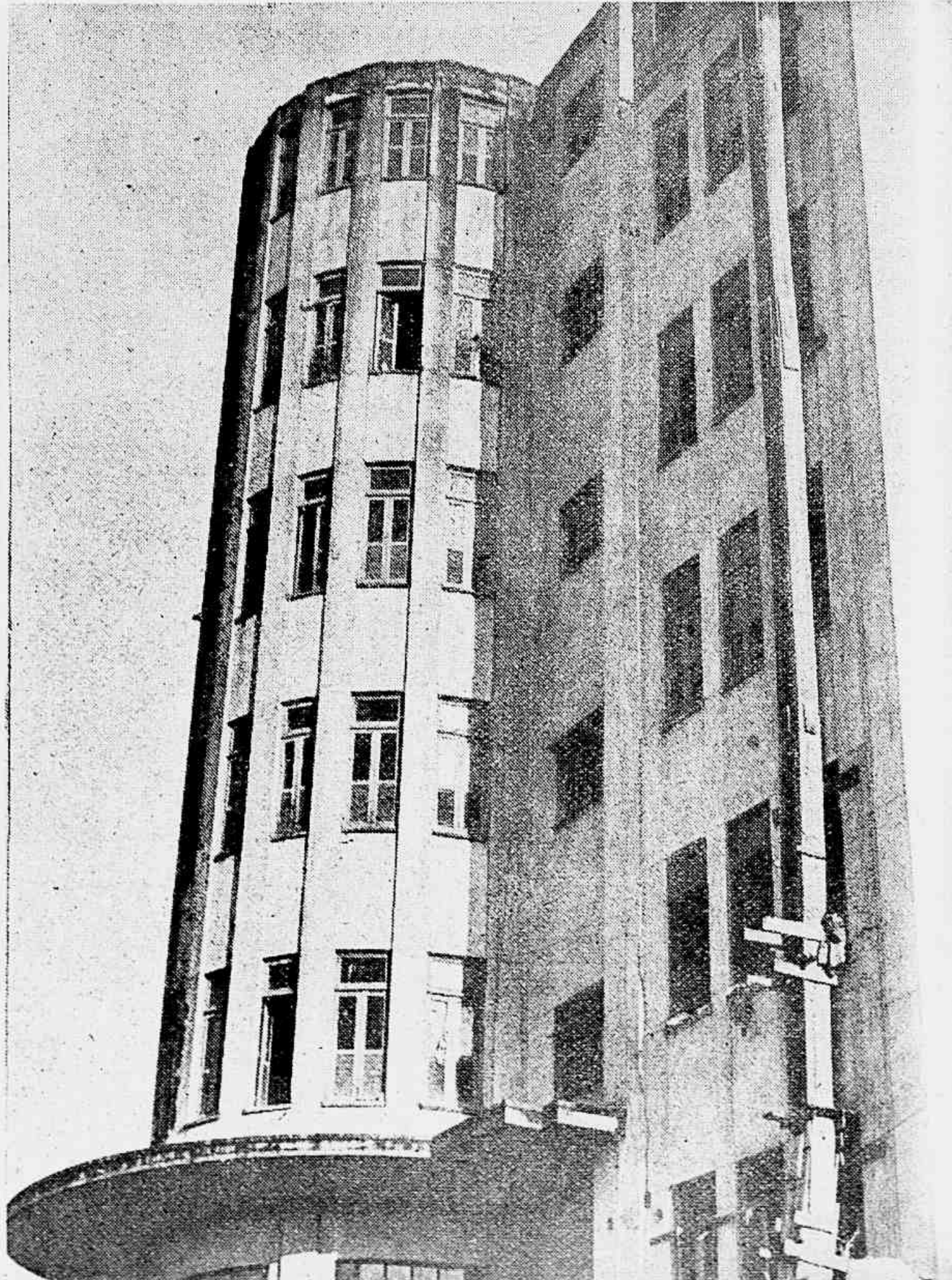
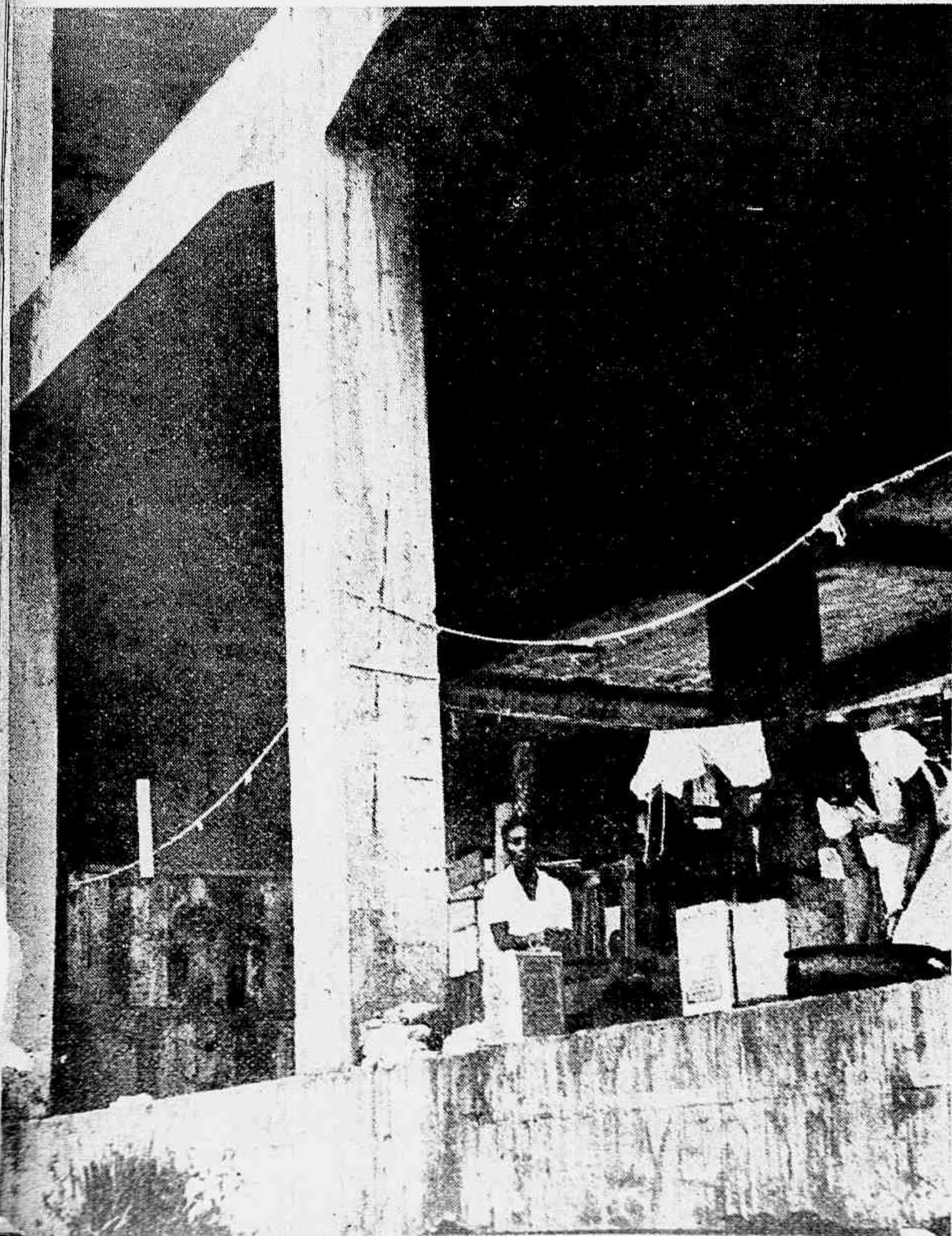
Nesta página: — O hospital da praça Cruz Vermelha cujas obras foram paralizadas por determinação do padre Olímpio de Melo, quando ditador na Prefeitura do Distrito Federal. Quase dois anos esteve o padre na Prefeitura, outros prefeitos vieram, mas nenhum deles se lembrou de terminar o hospital iniciado pela Assistência Médico-Cirúrgica dos Empregados Municipais. Na página à direita: — um detalhe do Hospital das Clínicas, em Mangueira, iniciado no governo Artur Bernardes, em 1926, e abandonado depois de 1930 pelo poder público. Formou-se debaixo desse hospital abandonado uma lagôa de águas lodosas e pestilentas, o maior foco de mosquitos que já vimos no Rio de Janeiro.







Em cima, à esquerda: — o piso do quinto pavimento do hospital da praça Cruz Vermelha ruiu numa grande extensão. A direita: parte da fachada do Hospital Geral Pedro Ernesto, à avenida 28 de Setembro. Este hospital foi iniciado como parte do plano hospitalar do prefeito Pedro Ernesto e teve suas obras paralizadas quando o padre Olímpio de Melo foi guindado à Prefeitura. O prosseguimento de suas obras, em 1940, tem sofrido interrupções até a data de hoje. Em baixo, à esquerda: detalhe do Hospital das Clínicas, em Mangueira, convertido hoje em favela. Casebres imundos brotaram sobre as lajes inúteis de concreto. A direita: fachada do Hospital Henry Ford. Desapropriado pela Prefeitura em 1941, só lhe faltava o aparelhamento para funcionar, mas foi transformado em "cabeça-de-porco".



Detalhe da entrada do Hospital Henry Ford. O edifício que deveria funcionar como casa de saúde abriga hoje quinhentas pessoas que não querem mais sair dali, apesar dos editais suplicantes do Departamento de Obras Novas.

pelo decreto de 12 de fevereiro de 1926. O contrato de construção foi firmado diretamente entre o Conselho de Assistência Hospitalar — departamento federal extinto no ano seguinte — e o engenheiro civil Porto D'Ave, mediante uma "administração contratada", com a remuneração de oito por cento sobre o custo da obra para o construtor. Esse hospital nasceu sem sorte... Em 1927 o Tribunal de Contas se negara a registrar o contrato de construção. O presidente Washington Luís, por sua vez, adiou sempre a aprovação desse mesmo contrato e a confusão foi continuando até 1930, embora o engenheiro Porto D'Ave tivesse levantado a estrutura até a laje do quarto pavimento, altura que ainda se encontra hoje.

"OBRAS Suntuárias, de Opressão e Demagógicas"

Um jornalista classificou com acerto as obras do senhor Getúlio Vargas durante os seus quinze anos de poder. Todas elas se classificam dentro de três categorias: de opressão, suntuárias ou demagógicas. O que a ditadura do atual senador trabalhista fez em favor da conclusão do Hospital das Clínicas de Mangueira (o antigo nome de Hospital Artur Bernardes fora substituído), foi simples obra demagógica. A construção paralizou-se com o advento da revolução de 30 e o governo revolucionário abriu rigoroso inquérito contra o construtor, afim de provar supostas irregularidades contratuais. A ação governamental ficou nisso. Conclusões do processo e das obras ficaram para as calendas. O tempo foi passando e a União esqueceu definitivamente a finalidade a que se destinava o prédio e como consequência do desleixo, uma favela principiou a se alastrar por entre os seus andares e em redor do casarão. Hoje mais de cem pessoas fizeram os seus barracos de madeira sobre as lajes de concreto armado. Até botequins e quitandas estão funcionando dentro do antigo hospital! Em redor do prédio, nos terrenos que lhe pertencem (a área adquirida foi de 110.553,00 metros quadrados), uma favela maior se alastra, dormindo a sua miséria anti-higiênica no mesmo local em que a ciência pensou em fazer seu.

QUEM SE CANDIDATA AO ARRANHA-CEU

Enquanto o tempo passava, vários pretendentes apareciam candidatando-se à ocupação do edifício. Ali pretendeu se instalar a Escola Nacional de Química, a Faculdade de Odontologia e até a Polícia Especial. Mas o prédio adquirira tabu e tudo resistia. O Ministério do Trabalho estudou durante algum tempo a possibilidade de instalar ali o "Hospital da Previdência Social", que serviria a todas as instituições de previdência do país. Uma avaliação feita pelo Instituto dos Comerciantes para esse fim, estimou o terreno e a estrutura em seis milhões de cruzeros. Há coisa de dois anos o governo planejou construir o Estádio Nacional nos terrenos do Derby, incorporando-se ao projeto os terrenos do hospital, cujo prédio seria destinado à residência de atletas. Recentemente apareceu o plano Pujol Junior-Souza Campos, para a localização ali da já lendária Cidade Universitária. De acordo com esse projeto a Universidade seria situada nos terrenos da Quinta da Boa Vista e da Mangueira. Como todos os outros planos, este também gorou, para a felicidade dos faveleiros que estão entaboados entre as salas do edifício abandonado. O Ministério da Educação e Saúde, proprietário desse patrimônio, notificou, exatamente há um ano, ao presidente da República não se interessar por este acervo, pedindo uma decisão do governo sobre esse autêntico "abacaxi".

TRANSFORMADO EM FOCO DE MOSQUITOS

Salta aos olhos de todos que uma solução prática e imediata deve ser dada àquela obra. O aspecto atual dessa construção que deveria ter sido o maior hospital do Brasil, é contrastador. Uma lagoa formou-se sob o pavimento térreo, proveniente dos transbordamentos temporários do rio Joana, que corre junto à sua face oriental. As dejeções da favela circundante são canalizadas para aquele pequeno lago de águas podres e pestilentas. Debaxo dessa caricatura de hospital está localizado o maior foco de mosquitos da cidade. Se a Saúde Pública continuar esquecendo aquela zona, teremos dentro de algum tempo um novo surto de febre amarela ou de outra febre maligna.

O CASO DO HOSPITAL HENRY FORD

Se o hospital de Mangueira foi transformado em casa-grande da favela que o envolve, o Hospital Henry Ford teve sorte melhor, foi convertido em cabeça-de-porco. Não desejamos criticar o Departamento de Obras Novas da Prefeitura que, a título precário, permitiu o alojamento de setenta famílias do Morro do Vintém naquele prédio. Mesmo porque esse órgão é recente, enquanto que o abandono da Prefeitura é bem mais antigo, data de seis anos, época em que o construtor entregou pronta a construção. Por que a municipalidade abandonou um hospital completamente terminado, quando foi ela mesma que o desapropriou? Um problema que poderá ser solucionado pelos re-

As enfermarias do Hospital Henry Ford estão convertidas em moradia de uma pobre gente que — diga-se de passagem — não tem mesmo onde morar. Triste finalidade de um prédio desapropriado por alguns milhões de cruzeros! Esta interior parece o de um perfeito apartamento...



Os hospitais abandonados do Rio estão servindo para diminuir a crise de habitação da cidade. O fotógrafo colheu esse flagrante no hospital da praça Cruz Vermelha.

querimentos dos vereadores cariocas. A casa de saúde, situada numa encosta aprazível, foi construída pelo senhor Artur Vitor e recebeu do seu proprietário o nome de Hospital Henry Ford. O senhor Artur Vitor esclarece na placa comemorativa, com data de 26 de janeiro de 1941, que a "homenagem ao renovador do Baixo Amazonas não traduz auxílios materiais, jamais hauridos..." etc.

UM BUSTO ESQUECIDO DO SR. ADEMAR DE BARROS

Quem deve ter auxiliado moral ou financeiramente a construção do prédio destinado à Faculdade de Medicina da Capital Federal, instituição pedagógica também de criação do senhor Artur Vitor, foi o senhor Ademar de Barros. Só assim se compreenderia a existência de um busto do atual governador paulista, esquecido em um dos ângulos do edifício. Embora sem nome ou qualquer outra indicação, reconhecemos facilmente a cabeça do líder do Partido Social Progressista e governador de São Paulo. Mas nenhum dos moradores a quem indagamos soube identificar o busto...

RESOLVENDO UM PROBLEMA E CRIANDO OUTRO

O prédio que o secretário de Saúde e Assistência arrendou e logo após desapropriou está hoje irreconhecível. Residem ali atualmente perto de quinhentas pessoas, muitas das quais, segundo fomos informados, sem autorização do Departamento de Obras Novas e sem ficha da Assistência Social da Prefeitura, órgão sob a direção do dr. Vitor Moura, cuja função é cadastrar todos os que residem em parques proletários municipais e em prédios da municipalidade. Os vigias que zelam pelo Hospital se queixaram do desmazelo que os inquilinos têm pela propriedade que usufruem gratuitamente. Em um prédio menor, destinado anteriormente a servir de morgue, foram localizados os sem-trabalho. Ali, num espaço estreito, residem vinte pessoas, numa promiscuidade e imundície de causar dó. A solução temporária de abrigar ali os moradores do Morro do Vintem, ameaçados pelo desmoronamento das pedreiras da montanha, criou, agora, um outro problema, o da desocupação do prédio. Vários editais afixados, pedindo a evacuação do edifício, são rasgados pelos que não pretendem abandonar a moradia e mesmo porque, diga-se de passagem, não têm outro lugar para onde ir. Fala-se que o dr. Vitor Moura pretende construir o quinto parque proletário da Prefeitura, para o qual se mudaria toda aquela gente. Com o prédio entregue em tão péssimas condições, como forçosamente o será, a Secretaria de Assistência necessitará de uma grande verba para repará-lo e depois, então, poder fazer dali a projetada escola de enfermeiras hospitalares. Depois de cinco anos, vazio e inútil, o prédio se transformou em casa de cômodos. Quando lhe deram um destino, criaram ao mesmo tempo um problema. Quando terá finalmente o Hospital Henry Ford a finalidade que deve ter?

OS FUNCIONARIOS MUNICIPAIS ACUSAM O PADRE OLIMPIO

— O que Pedro Ernesto tentou fazer em benefício da saúde do povo carioca o padre Olímpio de Melo destruiu em grande parte — disse-nos um velho funcionário público, opinião que depois ouvimos repetida por muitos outros, por todos aliás com quem tivemos oportunidade de falar.

O Hospital da Praça Cruz Vermelha, iniciado em 1935 e o hospital da Avenida 28 de Setembro, partes do plano hospitalar de Pedro Ernesto, tiveram suas obras suspensas na administração do prefeito padre Olímpio que, ao ser projetado o golpe fascista de Getúlio Vargas, sucedeu ao senhor Pedro Ernesto. O hospital inacabado da Praça Cruz Vermelha foi iniciado pela Assistência Médico-Cirúrgica dos Empregados Municipais (A.M.C.E.M.), sociedade beneficente fundada pelos próprios funcionários municipais em 1931.

Em 1935 começou a construção do prédio, já então com o apoio direto de Pedro Ernesto. Um ano depois de fundada a A.M.C.E.M. o prefeito, com o intuito de auxiliar a sociedade, associou-a ao seu hospital particular, localizado junto à construção que se levantava, à avenida Henrique Valadares 101. Assim, desde 1932, graças ao humanitário prefeito, aquela sociedade passou a ter assistência médico-cirúrgica, utilizando-se da metade do hospital particular. Para que pudessem construir seu prédio próprio o prefeito Pedro Ernesto criou uma taxa especial de um por cento sobre o valor de todos os requerimentos municipais e, graças a esse imposto, que rendia aproximadamente dois milhões de cruzeiros anuais, pôde ser iniciada a construção do hospital do servidor municipal em 1935.

APARECE O PADRE OLIMPIO

Tendo sido o democrata Pedro Ernesto substituído pelo politiquelro padre Olímpio de Melo, ex-protégido do médico-prefeito e do qual se tornou o mais acirrado inimigo, iniciou-se precisamente nesta data um descaso sistemático do poder municipal pelas construções de hospitais. Um vereador, o sr. Ivan Pessoa, de afogadilho, conseguiu que o Conselho extinguisse a taxa de um por cento destinada à Assistência Médico-cirúrgica e, com a falta dessa verba, a diretoria da sociedade foi obrigada a paralisar as obras do hospital, ficando ainda com diversos débitos que até

No edifício da morgue, anexo ao Hospital Henry Ford, habitam atualmente trinta pessoas na mais miserável promiscuidade.

as famílias residem no hospital da praça Cruz Vermelha em barracos improvisados. O vigia da obra mora ali há dez anos e espera terminar os seus dias no mesmo local, antes ainda da construção haver terminado.

que não pôde liquidar. Sob o fundamento que a A. M. C. E. M. não tinha verba para prosseguir a construção e estava em situação financeira insolúvel o padre-prefeito ocupou terreno e estrutura, ordenando a paralização das obras. Há dez anos que essa ordem foi dada e até hoje lá está o esqueleto da construção, sem que nenhum dos novos prefeitos e seus secretários de assistência e saúde se lembrassem de concluir obra tão necessária ao povo do Rio. Os empregados municipais que tiveram cortadas as aspirações e desperdiçado o capital empatado na construção continuavam pagando (e até hoje ainda pagam) uma taxa sobre os seus salários denominada "assistência hospitalar do servidor". Para justificar essa arrecadação que a Prefeitura, foram presenteados com a outra metade do hospital da Avenida Henrique Valadares, onde já tinham direito a cinquenta por cento. Essa casa de saúde, em tal época, era sobremaneira acanhada em suas instalações para que pudesse ser convertida em Hospital do Servidor Municipal, como o foi.

TRANSFORMAÇÕES SEM RESULTADO PRÁTICO

Escolas e hospitais eram a finalidade da administração do saudoso Pedro Ernesto. Com a sua saída essas realizações foram esquecidas. O vigia do hospital inacabado da Praça Cruz Vermelha toma conta da construção há treze anos e com sua experiência e filosofia intuitiva sobre o governo municipal, declarou-nos que é bem possível que continue no seu barraco, construído ao lado do arcabouço de cimento armado, outros tantos anos. O ex-prefeito Henrique Dodsworth transformou em agosto de 1944 a A. M. C. E. M. em Departamento de Assistência ao Servidor Público, mas também nada fez para ultimar os pavimentos projetados. E enquanto o projeto do novo Hospital do Servidor Público não se torna realidade, a crise de leitos hospitalares progride. Enquanto se estuda a doação da estrutura e do terreno da Praça Cruz Vermelha ao governo federal, que pretende instalar ali o Instituto Nacional do Câncer, sob a direção do doutor Mario Kroeff, inicia-se uma polêmica sobre a localização do futuro Hospital do Servidor Público que, apesar de batizado, não sabe onde vai nascer.

JOGO DE EMPURRA COM O HOSPITAL DO "BOULEVARD"

Outra obra que faz parte do plano hospitalar de Pedro Ernesto é o hospital da Avenida 28 de Setembro, denominado, quando iniciaram as obras, de Hospital Pedro Ernesto. Com a subida à Prefeitura do padre Olímpio, teve também suas obras paralizadas e seu nome substituído. A escola de Medicina que já perdera as esperanças de conseguir o Hospital de Clínicas de Manguelha solicitou ao governo federal a doação para aquela faculdade desse estabelecimento. A transferência de propriedade foi processada, e mesmo sob a jurisdição da União as obras não prosseguiram. Esse marasmo se prolongou até 1940, aproximadamente, quando novamente o hospital voltou à posse da Prefeitura. Com verbas deficientes e sem boa vontade administrativa os trabalhos recomeçaram lentamente, até que em 1943 tornaram a paralisar-se. Um funcionário da Prefeitura que tem trabalhado por diversas vezes na Secretaria de Assistência e Saúde nos declarou:

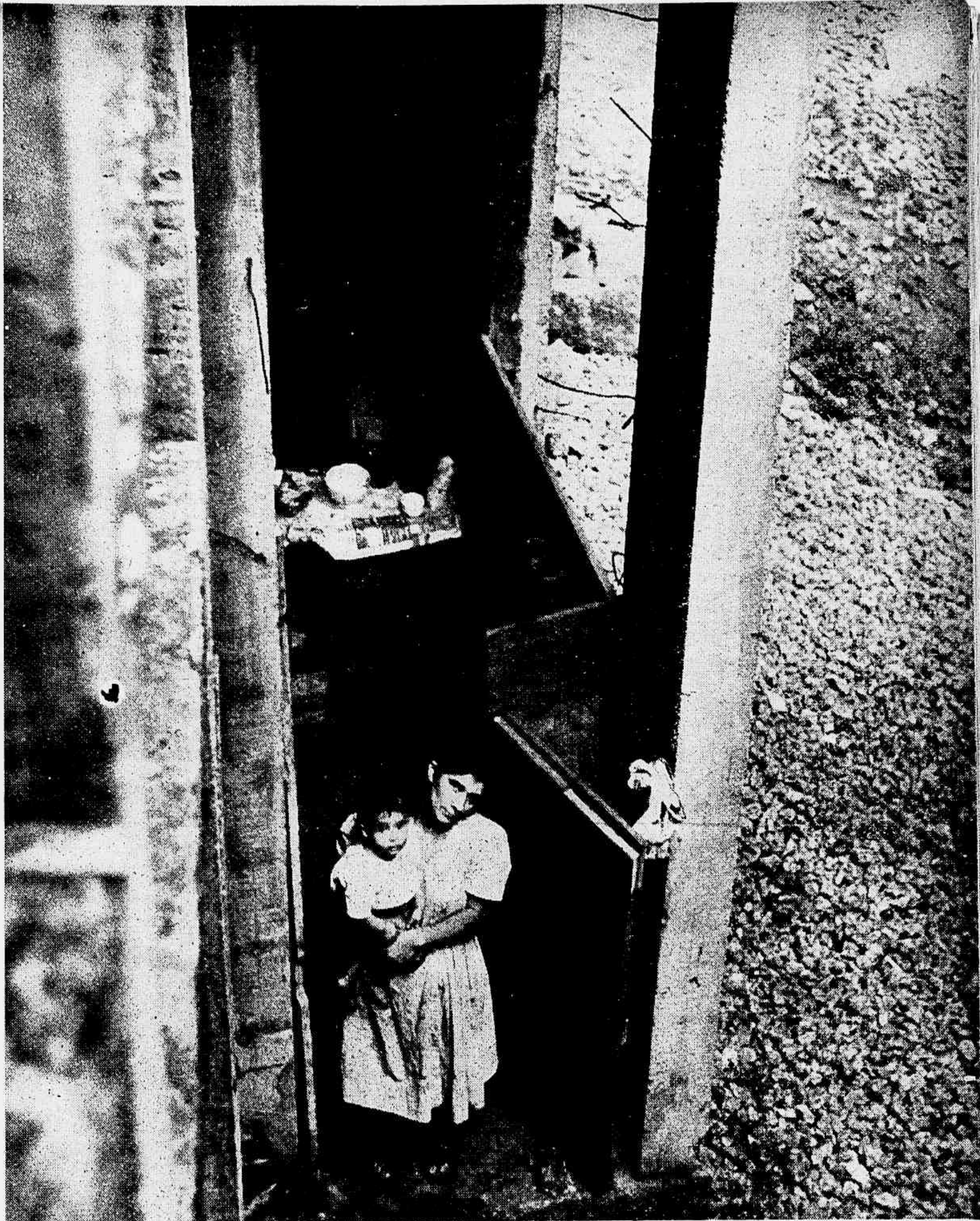
— Essas interrupções causam um prejuízo enorme ao erário público. Quando se recomeça, voltam as despesas de organização e o preço do material e da mão de obra está muito mais elevado. É um crime essa falta de continuidade em obras municipais e federais!

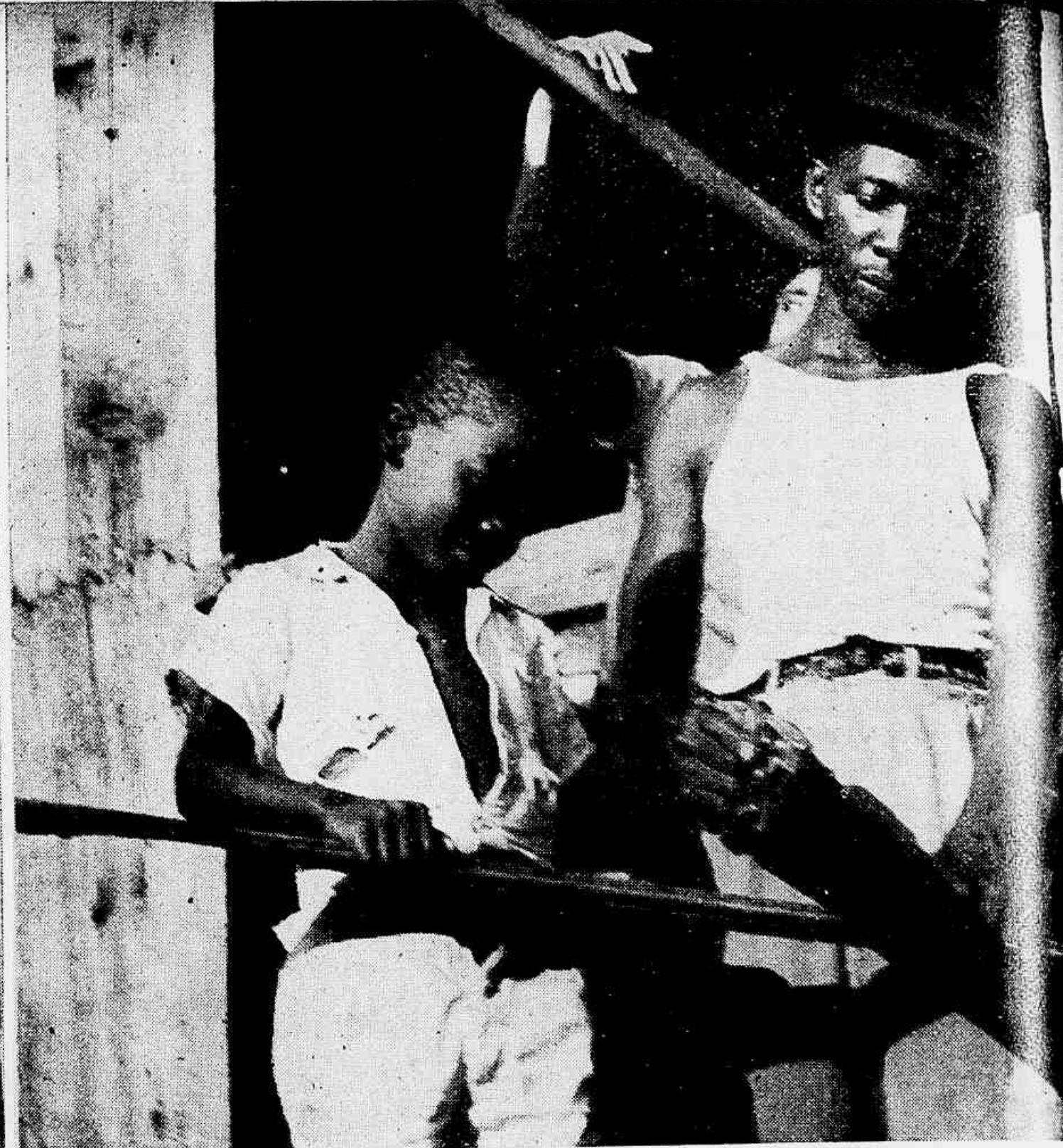
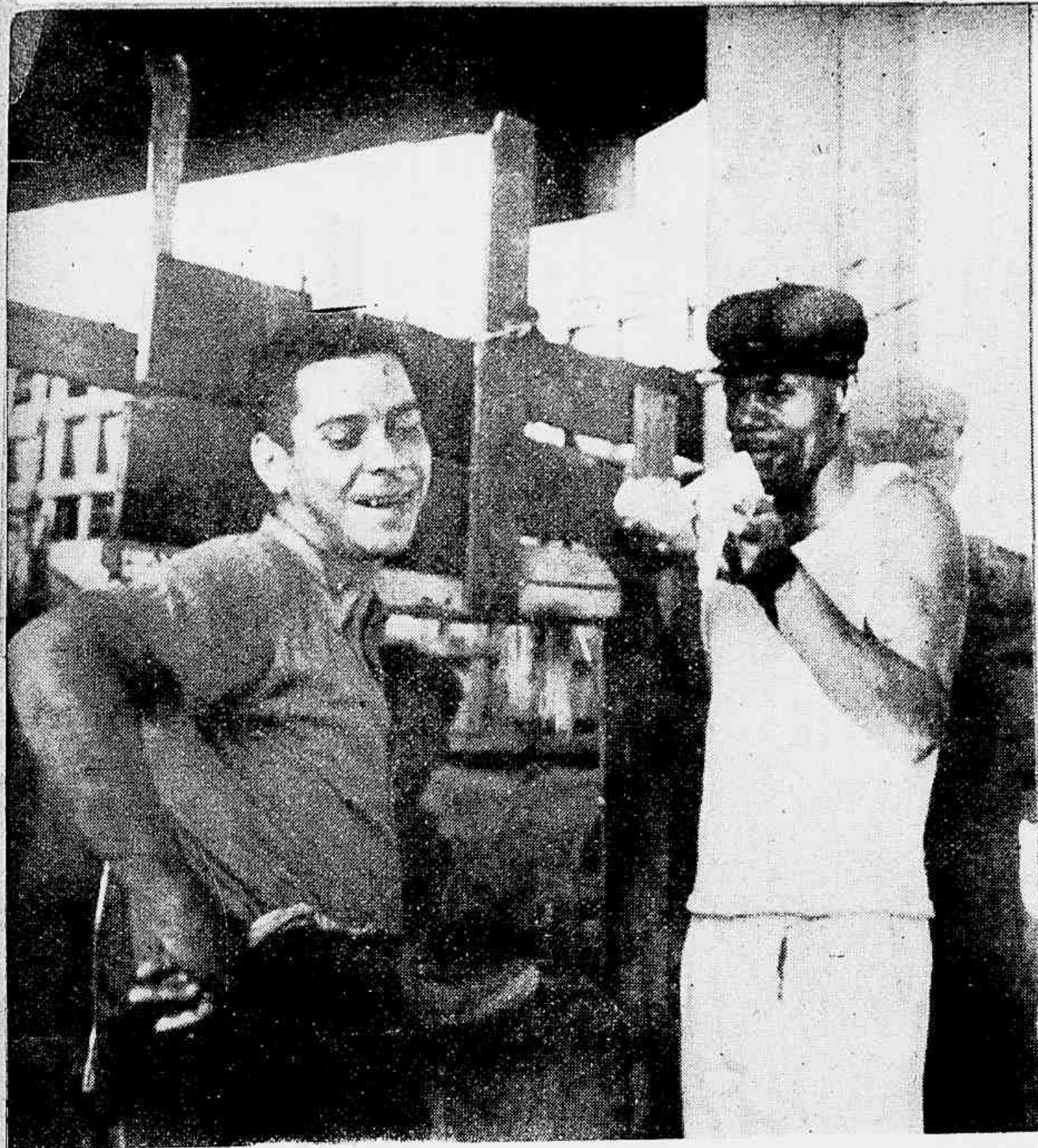
Em 1945 conseguiu-se crédito para dar prosseguimento à construção, cujo projeto sofrera reformas nesse meio tempo. A primitiva capacidade de seiscentos leitos foi aumentada, devendo ter o Hospital Geral Pedro Ernesto (o nome voltou quando a política desapareceu), quando pronto, mil e cinquenta e quatro leitos, com todas as clínicas da medicina moderna. Será o maior e mais completo da América do Sul, mas só estará terminado em 1952. Isto se não aparecer um outro padre Olímpio na Prefeitura Municipal.

OUTRO MISTÉRIO NA PREFEITURA

Por mais que o reporter andasse de Heroões para Pilatos, não conseguiu resolver o mistério sobre a responsabilidade do funcionamento de um hospital ortopédico, terminado há dois anos, e que ainda não foi e não há indícios de que tão cedo seja dado ao público. Interrogamos as várias repartições competentes, mas o mistério continuou o mesmo. O caso é o seguinte: O Hospital Barata Ribeiro, ou como o denominam os departamentos oficiais, Pavilhão de Ortopédia Barata Ribeiro, anexo ao Posto Médico Pedagógico Oscar Clark, mais conhecido como Clínica Oscar Clark, está situado à rua General Canabarro 392. Esse pavilhão de clínica especializada está completamente terminado e devidamente aparelhado há dois anos desde 1945, quando a firma construtora deu ciência da terminação da obra do Departamento de Prédios e Aparelha-

O antigo proprietário do Hospital Henry Ford homenageou muita gente com a construção do prédio, entre as quais Mme. Darcy Vargas que teve o seu nome em uma clínica, e o senhor Ademar de Barros, que ganhou um busto de bronze. Hoje o prédio está convertido em uma colossal "casa-de-cômodos".





Nesta página, quatro flagrantes da favela miserável que tomou conta do Hospital das Clínicas, em Mangueira. Na foto à esquerda, detalhe do botequim que vive da venda de cachaça. A direita: o levantamento de mais um barraco sobre as lages do hospital abandonado.

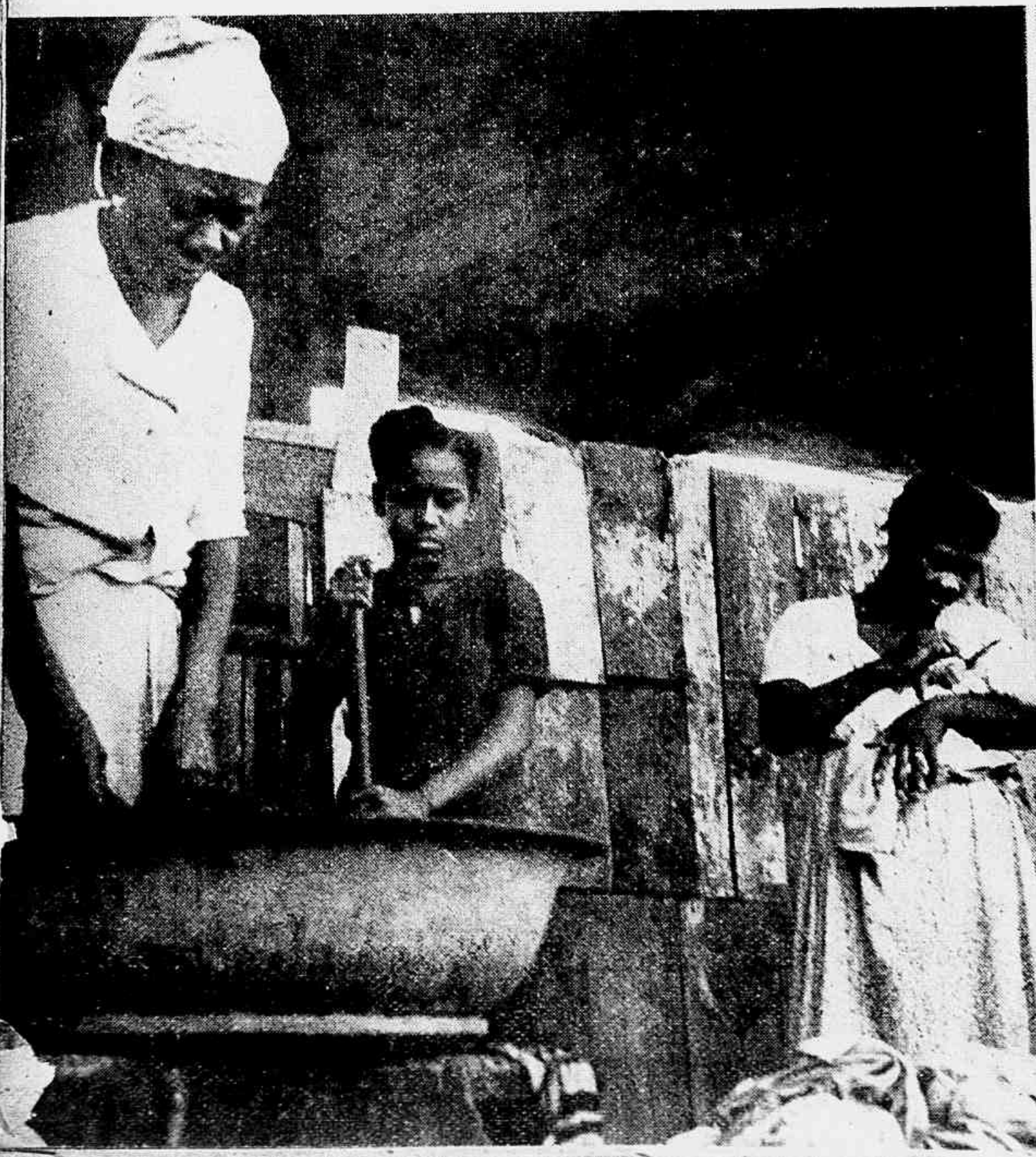
mentos Escolares da Prefeitura, que atestou o recebimento. Recebido o hospital pelo departamento, este o teria de passar por intermédio do Secretário de Educação ao Departamento de Assistência Hospitalar, também subordinado à Secretaria de Educação e Cultura. Entretanto essa transferência, simples na realidade, até hoje não se realizou. O Departamento de Assistência Hospitalar declarou-nos textualmente que até hoje não sabe da existência oficial desse pavilhão, que já lhe deveria ter sido entregue há dois anos. E por que o Departamento de Prédios e Apartamentos Escolares não fez até hoje essa entrega? Esse departamento nos declarou que, recebendo o prédio devidamente aparelhado em 1945, cumpriu sua obrigação, notificando naquela data o então Secretário de Educação. Comunicado ao Secretário as coisas ficaram nesse pé. Em fevereiro de 1946, um ano depois, esse Secretário foi substituído pelo professor Raja Gabaglia, em caráter provisório, até que o governo da República legalmente empossado

nomeasse o Prefeito e este por sua vez, escolhesse seus secretários. O senhor Fioravanti Di Piero substituiu o professor Gabaglia e aguentou-se no seu posto durante um ano. Aberta a Câmara Municipal, o dr. Nilo Romero, que foi médico psiquiatra da Clínica Oscar Clark, denunciou o descaso da Secretaria da Educação pelo Hospital Barata Ribeiro e a bomba arrebentou nas mãos do sr. Fioravanti. Por que — perguntava o vereador Nilo Romero — não se pediu verba nem créditos especiais foram abertos para fazer funcionar um hospital completamente equipado? A Secretaria de Educação, por intermédio dos dois Departamentos responsáveis, o de Prédios e Apartamentos Escolares e o de Assistência Hospitalar não soube responder. O reporter, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu encontrar o responsável pela desarmônica entre o recebimento e a transferência do hospital, que apesar de pronto e aparelhado, também está abandonado pela municipalidade!

CASAS DE SAÚDE IGUAIS A FOCOS DE DOENÇA

O panorama dos hospitais-fantasmas é doloroso, quando se sabe a necessidade de leitos que tem a cidade e os milhões de cruzeiros que foram abandonados criminosamente. E em alguns deles, como o de Mangueira, o abandono foi total. Não se cuida da conservação do prédio e disseram-nos que milhares de sacos de cimentos e diversos materiais de construção ali armazenados foram roubados. As condições higiênicas desse "hospital" são lamentáveis. A favela que o circunda e que toma conta dos próprios pavimentos é imunda, sem o menor policiamento e sem nenhuma higienização. Os hospitais abandonados estão convertidos em focos de infecção. O Hospital Henry Ford está sendo arruinado pelos que residem ali gratuitamente. Quando a Prefeitura e o governo federal darão uma solução definitiva a essas obras que custaram o dinheiro do povo e que estão levemente esquecidas?

Esta é a miséria que fez quartel general dos hospitais inacabados do Rio. Lavadeiras operários braçais, esmoleres, indigentes, cachaceiros contumazes e valentões conhecidos da polícia é a população que habita as enfermarias e salões há anos esquecidos pelo governo.



DULCINA

CONQUISTA UMA NOVA PLATÉIA

Depois do triunfo obtido em Buenos Aires, a ilustre atriz brasileira se faz aplaudir em "Chuva" em Montevideo — Trezentas representações, em seis meses de temporada, na capital argentina — Cerca de meio milhão de pesos, a receita de "Chuva" — Como a revista argentina "Crítico" apreciou a criadora de Saddy Thompson no palco do Astral

★

Em outubro de 1946 a ilustre atriz brasileira Dulcina de Moraes chegou a Buenos Aires, contratada pela Empresa do Teatro Astral para, nesse teatro, dirigir e representar, em castelhano, com um elenco de artistas argentinos, a peça "Chuva", notável obra dramática de John Colton e Clemence Randolph, baseada em um conto de Somerset Maugham, com a qual aqui havia obtido estrondoso sucesso, representando-a vários meses no Rio e vários meses em São Paulo. Assim foi que, em novembro, debutou Dulcina na capital portenha e o êxito sensacional que ali obteve, como intérprete e diretora, são do conhecimento de todos. A esse sucesso artístico seguiu-se um espetacular sucesso de público. Lançada em pleno verão, completante fora da estação teatral, "Chuva" teve que enfrentar o tremendo calor de Buenos Aires, saindo plenamente vitoriosa. Vieram outros obstáculos sérios para o êxito de uma peça: o Natal, o Ano Bom, o Carnaval. Veio o êxodo da população de Buenos Aires para as estações de verão, que, este ano, segundo as estatísticas, alcançou a quase um milhão de pessoas, por fim, veio em fevereiro, o período das férias no comércio, do que resultou o fechamento de inúmeras casas. Houve dias, em janeiro e fevereiro, de não haver movimento nenhum pelas ruas de Buenos Aires. Os jornais, então publicaram crônicas, comentando esse êxodo, com títulos — "a cidade deserta". E "Chuva", como por milagre, se manteve sempre galhardamente, lotando o imenso teatro Astral. Veio o mês de março. Estrearam as companhias, abriram-se vinte e tantos teatros com novidades teatrais, e nada afetou "Chuva", que se manteve inalterável, esgotando lotações. Tendo estado 6 meses no cartaz (de novembro de 1946 a maio de 1947), essa peça alcançou 300 representações consecutivas! Se não fossem os compromissos do Teatro Astral, onde estreou no dia 23 de maio a ilustre atriz italiana Emma Gramatica, a afortunada peça se manteria em cartaz, na capital portenha por todo o ano de 1947. Dulcina, agora cumprirá apenas um contrato de 15 dias em Montevideo, não realizando, devido a seu cansaço, excursão pelo Pacífico, como havia projetado seu empresário. E virá, em seguida, ao Brasil para descansar.

A vitória de Dulcina não foi apenas dela, mas do nosso teatro e do próprio Brasil. Não devemos esquecer a publicidade, que, durante seis meses, na capital argentina, Dulcina fez de nossa pátria e do nosso teatro. Ininterruptamente, durante esse tempo, se viu diariamente nos jornais e em toda publicidade se falar em Buenos Aires, com entusiasmo, na "grande atriz brasileira" Dulcina de Moraes, publicidade que resultou uma magnífica propaganda para o teatro brasileiro. Isso é o que todos nós, brasileiros, devemos agradecer a Dulcina que, durante sua longa temporada em Buenos Aires, incontestavelmente, elevou bem alto o nome de nossa terra, e mostrou, sendo uma sua representante, que temos um teatro capaz de brilhar em qualquer grande centro.

Como exemplo da repercussão que teve o êxito de "Chuva", damos, abaixo, a tradução de um interessante artigo sobre Dulcina, publicado na revista argentina "Crítico":

"As temporadas de verão têm suas surpresas. Em uma delas se deu a conhecer 'La Cruz de los Caminos'; em outra Manuel Collado se revelou um artista de indiscutível categoria em 'Camino a Roma' de Sherwood, e, na mais recente a do Astral, nos deparamos com uma das artistas mais estunantes que hajam pisado um palco argentino.

Digamo-lo sem rodeios, com a alegria de quem dá uma boa notícia: Dulcina de Moraes é uma artista excepcional, na verdadeira acepção da palavra. Aristocrata da cena soube animar sua persona-

gem, tão contraditória e tão cheia de nuances, com rara inteligência. Desde que aparece em cena, sua figura se converte em centro de atração, e o espectador, acostumado a realizações mais ou menos boas, mas poucas vezes extraordinárias, se encontra, abruptamente com algo que não esperava, com uma atriz primorosa, que, em um dos papéis mais difíceis do teatro contemporâneo, se desempenha maravilhosamente.

A "Saddy Thompson" de "Chuva" é uma mulher vencida pela vida, mas, ao mesmo tempo, desesperadamente aferrada à inútil idéia de enganar-se a si mesma. Dulcina a estudou com fervor de artista e a traduz à perfeição, com sobriedade mais que elogiável, si pensarmos nos múltiplos escolhos que teve que vencer. "Saddy" não é uma mulher vulgar; em sua prolongada vida profissional, desenvolveu certas normas, que a diferenciam daquelas criaturas de vida irregular que já não podem cair mais baixo. E essa migalha de delicadeza — que será o que — em dado momento lhe permitirá retificar rumos — a impede converter-se em um farrapo imundo.

DULCINA, MUITO SUPERIOR A JOAN CRAWFORD

Havíamos visto a versão de Joan Crawford. Foi boa, mas colocou a protagonista dentro de um modelo de frivolidade monótona. Dulcina — muito superior — aparece em cena com um traje exuberante, mas dentro de um justo limite. Cada frase sua diferente tem um matiz diferente. Conforme a pessoa a quem se dirige, assim será o tom da sua voz e a intenção da frase. Seus ademanes correspondem exatamente ao tipo que deve interpretar, evitando cuidadosamente o girar de revista e todo movimento exagerado.

Contrário ao que nodia imaginar-se, não há em "Saddy Thompson" os gritos fora de tempo e o desejo de chamar a atenção sem reparar nos meios. Qualquer que seja a pessoa a quem se dirige, fá-lo sem arrebatamentos tropicais, marcando intencionalmente as palavras e as pausas, mas sem jamais exagerar.

Ao passar do frívolo ao dramático, Dulcina mantém sua linha de justeza e transmite diretamente sua tragédia ao espectador, fazendo-o vibrar compassivamente, apenas com a insinuação de seu estado psicológico. A chuva — que é o personagem principal — vai se apoderando da sensibilidade do público, sufocando-o. Da mesma forma, se apodera dos intérpretes, com seu cair monótono, e cria um clima alucinante que é marcado por gestos languídos, aparentemente insignificantes, mas de importância capital no desenrolar da história.

DULCINA — UMA GRANDE DIRETORA

A enorme teatralidade da peça extraída do conto de Somerset Maugham é magnificamente aproveitada pela grande diretora que há em Dulcina, que utiliza a música de um gramofone velho — música admiravelmente escolhida — ou a luz de uma vela ou o ruído das gotas da chuva para criar ambiente.

DULCINA — UMA ATRIZ GENIAL

Genial ao interpretar as cenas frívolas, excepcional nas cenas dramáticas e insuperável como diretora, Dulcina de Moraes nos deu uma lição de bom teatro, que nunca esqueceremos. É talvez a única atriz que tenha trabalhado na Argentina com exceção, quicá, de Lola Membrives — que diz com naturalidade de quem não segue nenhum texto, e que pode abordar os gêneros mais disparados com a idoneidade só permitida, só proporcionada pela vida interior interpretativa.

Dulcina acaba de se despedir de Buenos Aires, e recebe, agora, os aplausos do público de Montevideo, em sua já famosa criação de "Chuva", na qual enfrentou as platéias de três nações.



A LOUCURA DO DIAMANTE

ALGUNS negócios obrigaram-me a demorar-me em Chancery Lane até às nove horas da noite; e, por minha vida, sentindo chegar-me a dór de cabeça, já não achava gosto no trabalho e nem mesmo nas distrações. O pouco que me era dado ver do firmamento entre as altas paredes daquela estreitíssima rua comercial, prenunciava uma noite serena. Tomei o partido de ir até o cais, para repousar um pouco a vista, e refrescar as idéas seguindo o reflexo das luzes na água sombria do rio. Para apreciar este ponto da cidade, o melhor momento é a noite: uma obscuridade indulgente esconde, a nossos olhos, a sujidade do rio e as luzes vermelhas, alaranjadas e brancas desta hora crepuscular, provenientes do gaz ou de eletricidade, aparecem na sombra, em linhas incertas, dando todas as nuances possíveis, do cinzento ao vermelho escuro. Para lá dos arcos da Ponte de Waterloo, com pontos luminosos indicavam a curva do cais. Acima do parapeito do rio erguem-se as torres de Westminster, de um pardo escuro, contrastando com o brilho das estrelas rutilantes no azul profundo do firmamento. Em baixo corre a água negra do rio; só os seus raros fremitos rompem o silencio da noite e fazem estremecer as luzes que parecem correr á sua superfície.

— Está fazendo muito calor esta tarde, disse uma pessoa a meu lado.

Voltei a cabeça e vi um homem de perfil, que se achava apoiado ao parapeito.

Tinha o rosto fino, não muito feio, se bem que pálido e doentio; a gola do casaco, levantada e presa em baixo do queixo, indicava, como se fôsse um uniforme, a sua condição social. Vi que a minha resposta seria para ele, evidentemente, como que o preço de um jantar e de uma cama para passar a noite.

O'hei para êle com curiosidade. Contar-me-ia alguma coisa interessante para fazer jús á esmola? Ou seria algum desses vagabundos vulgares, incapazes até de contar a sua própria vida? Havia como que um rãio de intelligencia na sua fronte e nos seus olhos, e um estremecimento no lábio inferior que me decidiu a dar-lhe resposta.

— Muito calor, com efeito. Mas aqui não está muito quente para nós.

— Não, disse êle, continuando a olhar para o rio. Aqui está fresco... neste momento.

— E' um prazer, continuou após um curto silencio, achar-se

em Londres um lugar calmo e tranquilo como este. Depois da agitação dos negócios durante o dia inteiro, a ir e vir no cumprimento das suas obrigações, prevenindo-se contra todos os perigos, não sei o que seria de um pobre individuo si não encontrasse, para descansar um pouco, um lugar calmo e tranquilo como este...

E continuou, fazendo longas pausas entre uma e outra frase.

— O senhor é, com certeza, um dos que tomam parte nos fastidiosos negócios mundanos; si assim não fôsse, não estaria agora aqui. Porém, é o mesmo, não é possível que sinta o cerebro tão fatigado como o meu, e as pernas tão cansadas como as minhas... Ora! ás vezes pergunto a mim mesmo se a causa valerá a pena. Tenho vontade de deixar tudo, nome, fortuna, posição, e arranjar algum emprego modesto; vejo, porém que, si renunciasses á minha ambição, embora ela só me dê motivos de desgosto, teria remorsos durante todo resto da minha vida.

Calou-se; eu olhei-o surpreendido. Se jamais vi um homem em situação difficil e desesperada, foi este, sem dúvida. Estava andrajoso, sujo, com a barba por fazer, os cabelos despenteados; dir-se-ia ter passado uma semana em um celeiro empoeirado. E falava-me das fastidiosas preocupações de uma grande empresa. Eu ria-me quasi abertamente. Ou era um louco, ou estava representando a triste comédia da falsa pobreza.

— Si as altas empresas, disse por meu turno, si os grandes negócios trazem, como consequencia inevitavel, fátigas e inquietações, proporcionam entretanto como compensações, a influencia, a facilidade em praticarmos o bem, indo em auxilio daquêles que são mais desditosos do que nós; e, além d'isto o emprego da nossa actividade nos tráz sempre uma certa satisfação e bem-estar moral...

O meu gracejo, empregado nesta circumstância, era de mau gosto; efeito do contraste que havia entre o exterior daquêle homem desconhecido e o teor do seu discurso sobre negócios e altas empresas, eu porém estava constrangido e como que vexado por lhe ter falado assim.

Ele voltou-se bruscamente para mim, deixando ver o rosto irado, porém calmo.

— Esqueci-me, disse êle; é justo que o senhor não compreenda, não pode mesmo compreender.

Observou-me um momento, e continuou:

— Sim, isto é um absurdo. O senhor não me dará crédito, embora lhe diga tudo; portanto, não ha inconveniente em dizer-lhe e será para mim um consolo dizê-lo a alguém. O certo é que estou a braços com um grande negócio, sim, um grande negócio; neste momento porém, estou, em apuros. O fato é este: fabrico diamantes.

— Suponho, disse eu, que o senhor está sem recursos.

— Estou desgostoso por não ser tomado a sério, disse êle com um gesto de impaciencia.

Repentinamente, desabotoando o casaco esfarrapado que trazia, tirou um saquinho de pano que se achava preso por um barbante ao seu pescoço, e abrindo-o, tirou de dentro uma espécie de calhau de uma côr tirante a pardo.

— Seria uma surpresa para mim se o senhor fôsse bastante entendido para saber o que é isto, disse êle, estendendo a mão que segurava a pedra.

Faz agora um ano, pouco mais ou menos, que eu em Londres, aproveitava as minhas horas de lazer estudando, afim de tomar grau em ciências; tinha portanto alguns conhecimentos de física e mineralogia.

O objeto, que me era apresentado, não deixava de ter alguma semelhança com um diamante bruto, da mais nêgra espécie, se bem que fôsse por demais grosso como a ponta do meu polegar.

Tendo segurado nêle, vi que tinha a forma de um octaedro regular, apresentando as superficies curvas peculiares aos metais mais preciosos. Abri o meu canivete e tentei dar riscos na pedra: inutilmente.

Voltei-me para a luz do gaz e passei-o sobre o vidro do meu relógio, fazendo com a maior facilidade uma linha branca de travez. Olhei para o desconhecido com curiosidade que a cada passo mais aumentava.

— Isto parece-me ser um diamante. Porém, se de fato assim é, êle é o Behémot dos diamantes. Onde o encontrou?

— Torno a repetir-lhe que fui eu quem o fabricou. Dê-m'o outra vez.

E, metendo-o novamente no saquinho, abotoou o casaco.

— Vendo-o ao senhor por cem libras esterlinas, exclamou de subito, precipitadamente.

Estas palavras tornaram-me de novo desconfiado. A pedra, em suma, podia ser um bloco dessa materia quasi tão dura como o diamante a que dão o nome de **corundum**, tendo na forma uma semelhança accidental com o diamante. Ou então, se

era verdadeiramente um diamante, como poderia este homem tê-lo obtido, e por que razão o oferecia pelo preço de cem libras?

Oihámos fixamente um para outro. Ele pareceu-me cubigoso, porém honesto. Neste instante passou-me pelo espirito o pensamento de que talvez fôsse realmente um diamante que êle tentava vender. Mas eu não sou rico; a falta de cem libras faria um rombo sensível na minha modesta fortuna e, além disso, nenhum homem sensato compraria um diamante na rua, á luz do gaz, a um mendigo esfarrapado, unicamente sob a sua garantia pessoal. Entretanto, um diamante dessa grossura, evocava uma visão de milhares de libras. Uma pedra daquêle quilate, pensava comigo mesmo, não poderia existir sem ser mencionada em todos os livros concernentes ás pedras preciosas. E vinham-me á idéa histórias de contrabandos, dos Cafres habitantes do Cabo, possuidores de dêdos agêis e sutis. Portanto, puz de lado toda a idéa de comprá-lo.

— Como e onde o encontrou?

— Eu mesmo o fabriquei.

Eu ouvira falar de Moissan, mas, sabia que os diamantes artificiais são pequenissimos. Sacudi a cabeça em ar de dúvida.

— O senhor parece-me ser mais ou menos entendido no assunto. Vou falar-lhe um pouco da minha vida, talvez assim forme uma outra idéa da compra que lhe ofereço.

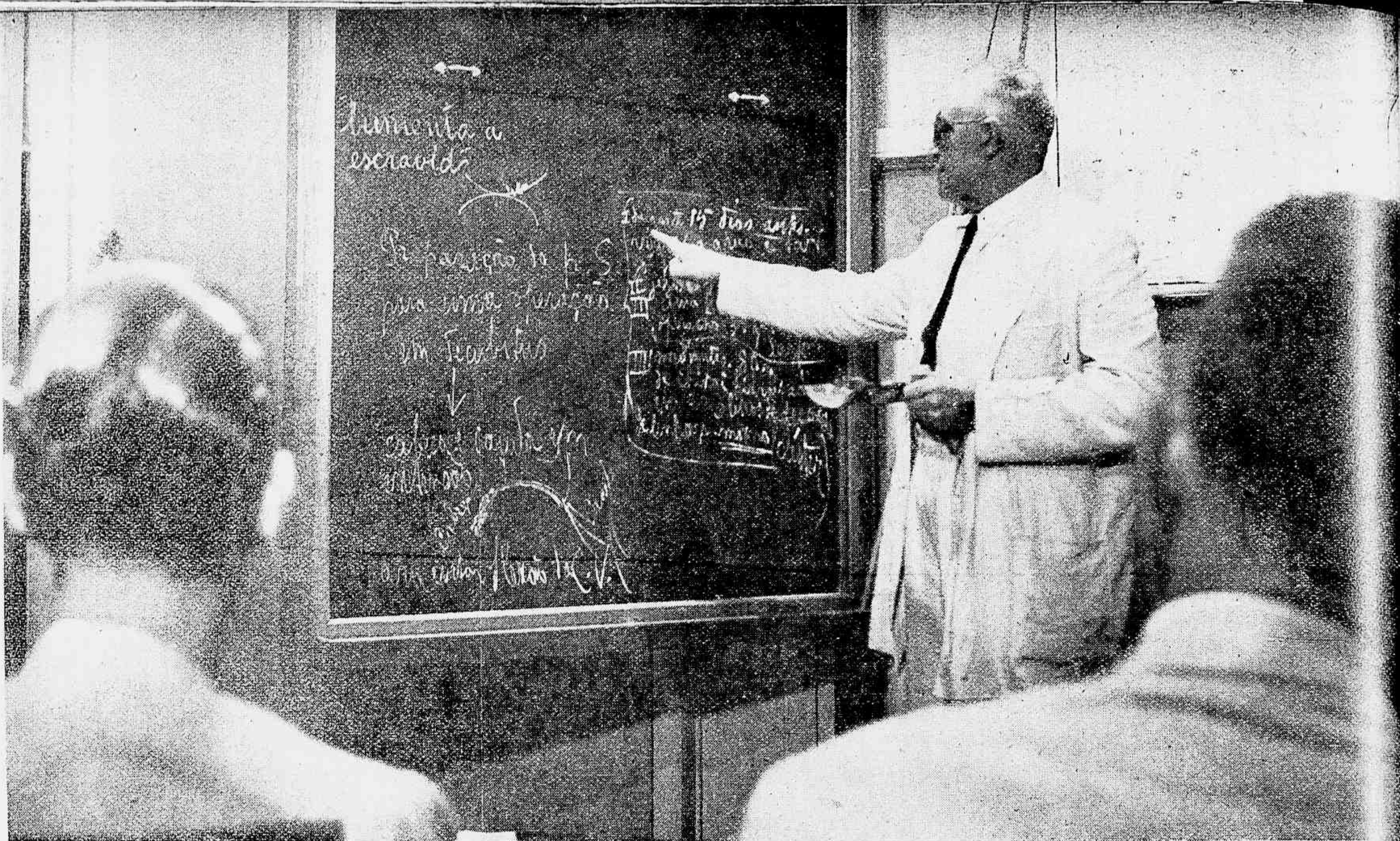
Dizendo isto, voltou-se de costas para o rio, e poz as mãos nos bolsos. Depois, com um suspiro, disse:

— Bem sei que o senhor não me acreditará.

Os diamantes, continuou, — e enquanto falava, a sua voz perdia gradualmente o timbre cansado que costumava ter dos vagabundos e tomava qualquer coisa do tom desembaraçado de um homem instruído — devem ser fabricados prejetando-se o carbono puro em um **dissolvente** apropriado, sob uma pressão conveniente. O carbono se cristalisa, não em estilas de chumbo ou pó de carvão, mas sim em pequenos diamantes. Isto é já conhecido dos químicos há muitos anos; porém ainda não foi determinado exactamente por ninguém o verdadeiro **dissolvente** em que se deve projetar o carbono, nem a justa pressão que assegura os melhores resultados. Por esta razão os diamantes fabricados pelos químicos são pequenos, escuros e não têm valor como pedras preciosas. Então eu, o senhor me entende, consagrei a minha vida a resolver este problema. Sim, consagrei a êle toda minha vida.

Com a idade de dezessete anos principiei a estudar as condições do fabrico de diamantes; tenho hoje trinta e dois anos. Achava que a investigação, embora a preço de absorver todo o pensamento e toda a energia de um ho-





O professor Otavio Dupont ministrando uma aula teórica aos seus alunos, arma no quadro negro uma minuciosa demonstração da matéria em foco.

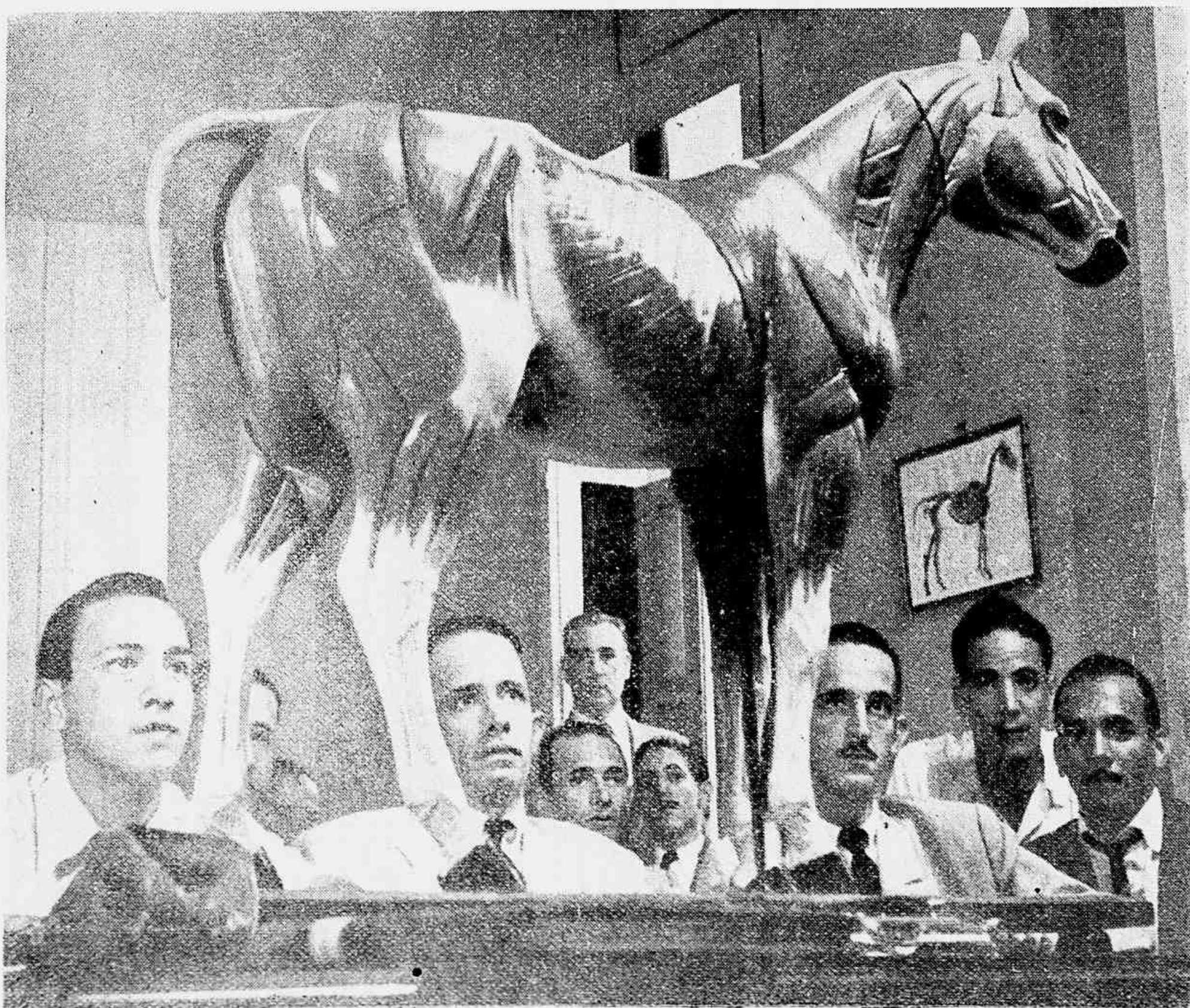
DIPLOMAS PARA TRATAR PUROS-SANGUE

Um mundo que o público desconhece — Um leigo numa sala de aula especializada — Acidentes dos tendões e outras coisas que o reporter não entende — Dois anos de estudos e doutores em puros-sangue — Alunos que amam um mestre, coisa rara em nossos dias — Tudo isto tem um objetivo: o disco final

Reportagem de ADALBERTO MENDES

Fotografias de ARNALDO VIEIRA

O estudo do puro-sangue é ali desenvolvido com o maior critério, sendo completos os conhecimentos de que carecem os futuros tratadores.



HÁ dentro dos muros que confinam os terrenos do Hipódromo da Gávea uma outra cidade. É a cidade do turf, um mundo à parte, em cujo interior vai um intenso borborinho desde o alvorecer, quando os parelhinhos percorrem as pistas em galopes de saúde ou nos aprontos de sensação, sob os olhares atentos dos "corujas". É quase desconhecida, porém, a complicada engrenagem que põe em funcionamento as belas tardes de corridas, quando os aficionados encontram tudo tão bonito e tão calmo. Mil e uma atividades movimentam as peças da máquina imensa, onde há coisas das mais curiosas, das mais úteis e do maior alcance social. Em reportagens anteriores, REVISTA DA SEMANA mostrou a vida dos jóqueis, homens que são uma parcela viva do hipódromo, e aquele espetáculo comovente das criancinhas do jardim de infância povoando de bençãos os verdes prados da majestosa praça. Pois veremos



Atenção e interesse permanente pelas aulas do mestre é o que se deduz do flagrante acima. Sômente bons resultados poderão colher esses alunos.

agora uma escola de tratadores em plena função, perfeita organização que ministra conhecimentos especializados a dezenas de alunos, candidatos aos delicados misteres de cuidar dos "nobres" da raça cavalar.

Chegámos em ocasião propícia, e logo de entrada assistimos a uma aula do professor Otávio Dupont, que discorria no momento sobre acidentes dos tendões, coisa de que o reporter, leigo no assunto, nada conseguiu entender, muito apreciando, porém, a maneira clara e simples com que era abordado o tema pelo mestre, que depois viemos a saber tratar-se de uma das maiores autoridades que possuímos em veterinária. Pedimos ao professor Dupont para fixar algumas fases da sua aula e em seguida percorremos as diversas dependências da Escola, atendidos por um dos seus diretores, que nos prestou os esclarecimentos necessários.

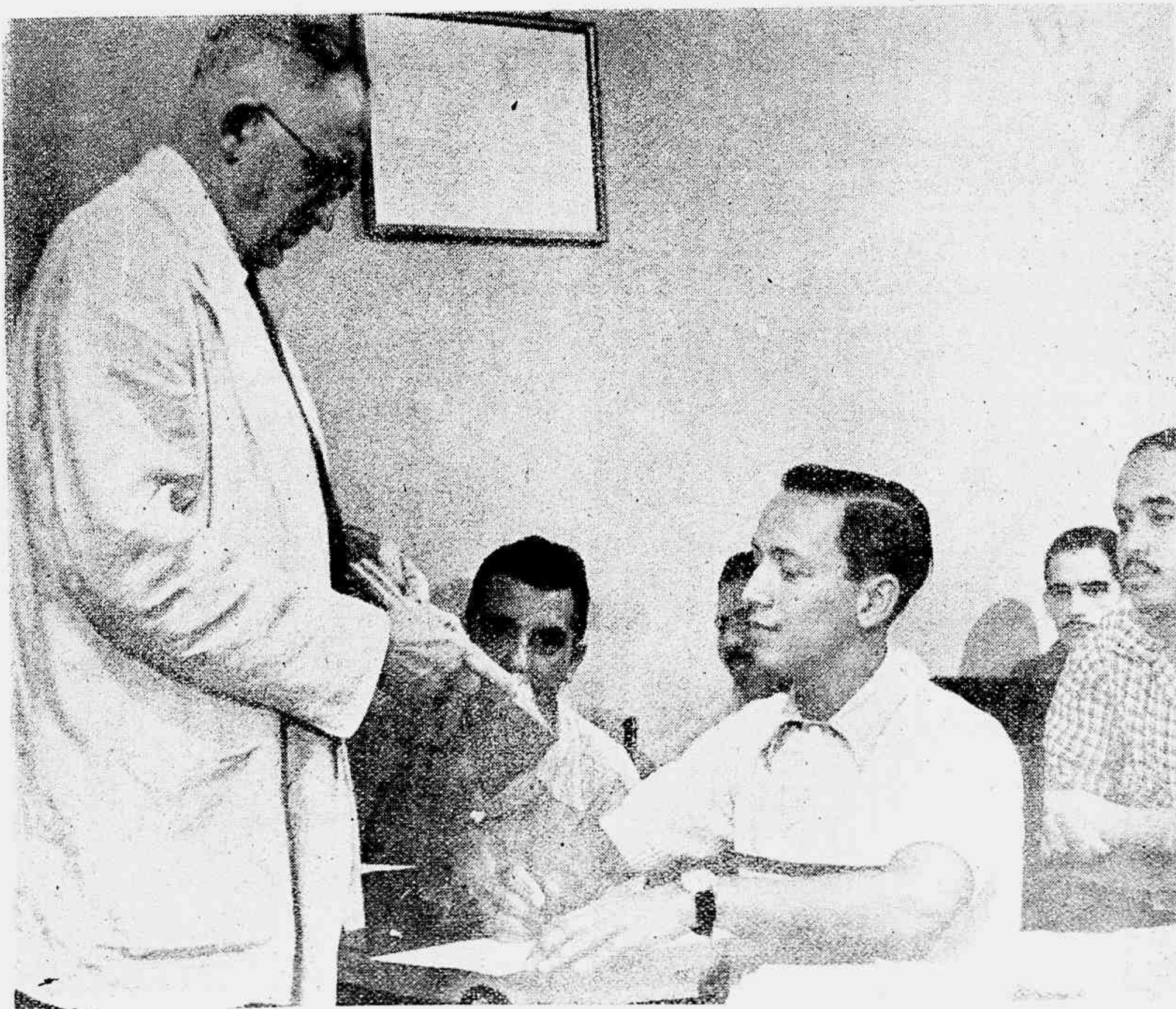
A Escola de Tratadores destina-se a preparar profissionais capazes de receber, tratar e cuidar animais puro-sangue inglês para o mister de corridas em hipódromos, ensinando os conhecimentos compatíveis com o grau de adiantamento da profissão

do tratador, detalhes sobre o cavalo, lições de boa ética e moral, deveres e obrigações para com o Jockey Club, os proprie-

tários e o público em geral. As suas matrículas estão abertas a pessoas de ambos os sexos, brasileiro ou estrangeiro naturali-

zados, desde que satisfaçam as condições de integridade moral exigidas. O curso tem a duração de dois anos, no fim dos quais

Alcides Morales deseja maiores esclarecimentos e o professor Dupont prontamente os fornece. Mestre e alunos ali se entendem muito bem.





O doutor André Gomes de Amorim, um dos diretores da Escola, põe o reporter ao par do simples e eficiente mecanismo adotado. Neste momento nos é dado apreciar o grau de aproveitamento dos alunos, que é o melhor possível.



Os funcionários da secretaria, Isabel Nunes Ferreira, José Batista da Silva e Maria de Castro Ramos não interrompem o trabalho em face da bisbilhotice do reporter. Ali há muito que fazer. Em baixo — Outro aspecto da sala de aula, num momento em que o diretor da Escola assistia aos trabalhos.



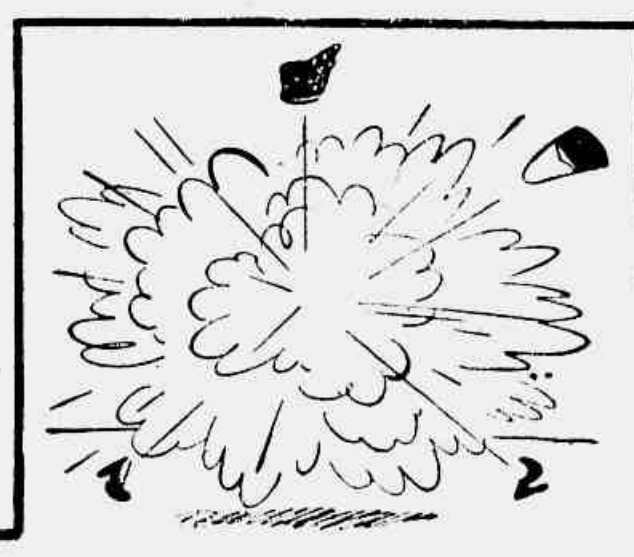
será dado àqueles que o concluírem o título de tratador com o respectivo diploma. As aulas ministradas por competentes professores, dividem-se em teóricas e práticas, sendo estas lecionadas nas cocheiras, onde se procede a toda sorte de intervenções cirúrgicas mediante as mais modernas conquistas da ciência e da técnica.

Os alunos adquirem ainda noções de anatomia, de fisiologia e hipologia, de higiene, estudam o cavalo puro-sangue inglês, stud-book, código de corridas e trato e trabalho, entregando-se assim a uma aprendizagem completa que lhes assegura os conhecimentos necessários ao bom desempenho de suas funções futuras.

A Escola possui um mecanismo simples e eficiente, permitindo ao visitante uma rápida visão dos métodos empregados e do estado de aproveitamento dos seus frequentadores. Tivemos oportunidade de verificar que a maioria destes leva muito a sério os seus estudos, ostentando boa nota em quase todas as disciplinas. Isso aliás observamos durante a aula que assistimos, ouvida atentamente e com o maior interesse. Falando a um aluno, este mostrou-se entusiasmado pelo curso e teve palavras de calorosos elogios ao professor Otavio Dupont, que classificou como o mestre mais querido dos discípulos da Escola, incansável que é no desempenho das suas atribuições, constituindo-se num dos seus maiores fatores de sucesso.

Achamos muito interessante o regime aí instituído de lições previamente distribuídas entre os alunos, que as recebem sempre de véspera, mimeografadas, ficando por essa forma cientes do que vai ocorrer no dia seguinte, sistema que tem dado os melhores resultados.

E' esta Escola de Tratadores outra das louváveis iniciativas da nossa grande sociedade turfista, e uma faceta a mais no multiforme campo de atividades que se desenrolam intra-muros do hipódromo imenso, no qual se trabalha febrilmente em todas as horas do dia para se chegar com a máxima perfeição aos minutos eletrizantes das arrancadas sensacionais onde se chocam a perícia dos montadores, a eficiência dos **entraineurs**, o prestígio dos puros-sangue, as alegrias e desilusões dos proprietários, e onde os nossos olhos desfrutam um espetáculo maravilhoso, preparado com minúcias desconhecidas.



A VIDA DE JÚLIO CÉSAR

(100 A. C. — 44 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

JÚLIO CÉSAR nasceu (100 A. C.) num país que, durante várias gerações, se dedicara ao morticínio internacional como meio de promover o engrandecimento nacional. As legiões romanas abriam seu caminho de conquistas e sangue entre as nações mais fracas. E dentro da própria cidade de Roma havia incessantes contendas e tumultos entre os políticos que disputavam a supremacia. Vinham um após outro — Mário, Sila, Pompeu — e eram eleitos para a suprema magistratura à força de pedradas, caçadas e punhaladas. Cada eleição em Roma era uma batalha, e aquele que dispusesse de maior séquito de assassinos e degoladores saía vencedor. Era uma situação em que cada um lutava por si, e ninguém pelo país. As disputas pessoais dos políticos mais eminentes tinham lançado o país numa longa série de guerras "civis", como foram batizadas pelos polidos historiadores. Na realidade, não passaram de incivis carnificinas.

Era César um produto típico de tal meio. Possuía em alto grau a ostentação, o brilhantismo, a desfaçatez, a audácia, a ambição, a avidez, e a deshumanidade do conquistador romano. Uma vez, quando era simples rapazote, foi raptado por um bando de piratas. Castigou-os lendo-lhes em voz alta as suas poesias e prometeu-lhes em tom de gracejo que, assim que fosse resgatado, haveria de voltar com um exército para crucificá-los. E cumpriu a promessa.

A brilhante audácia do moço não só espantava como também aterrava os romanos. Já antes dos trinta anos, assegurara pela força a sua eleição para o cargo de grande pontífice. Muitas pessoas, entre as quais o orador Cícero, começavam a suspeitar que ele tivesse pretensões ao governo. "Mas", escreve Cícero, "quando vejo o seu cabelo arranjado tão cuidadosamente e observo como ele o ajusta com um dedo, parece-me impossível que na cabeça deste homem possa entrar a idéia de subjugar o estado romano". Cícero mais tarde viria a descobrir que não lia muito bem nos pensamentos de César.

Não era César apenas o primeiro sacerdote de Júpiter mas também um dos mais ardentes devotos de Venus, de cujas divinas ilhargas dizia ter nascido. Não era segredo que ele seduzira um número considerável de jovens matronas romanas. Com efeito, chamavam-lhe "omnium mulierum vir", "o marido de todas as mulheres". Mas divorciou-se da própria esposa porque um seu amigo procurara seduzi-la. Não tinha motivo para erer que ela tivesse correspondido, mas "a mulher de César" disse, "deve estar acima de toda suspeita".

Não era só "o marido de todas as mulheres", mas, como advertiam os gracejadores de Roma, "a mulher de todos os homens". Na sua juventude, quando passou um par de anos na corte do rei Nicomedes, da Bítinia, costumavam referir-se a ele — "sotto voce", é claro — como "a rainha Nicomedes".

Mas a sua principal ambição era brilhar não tanto nas alcovas como nos campos de batalha e no senado. O escopo da sua vida era conquistar e governar. Sendo ainda moço, foi um dia ver a estátua de Alexandre em Gades, capital da Espanha. Essa estátua, erigida sobre alta colina, representava o conquistador com o braço estendido em direção ao mar, que contemplava como a sonhar com as terras que havia por conquistar além da barreira das vagas. Longo tempo esteve César ante a estátua, com lágrimas nos olhos.

— Por que choras? — perguntou um dos homens da comitiva.

— Como poderia conter as lágrimas — replicou César, — ao pensar que Alexandre com a minha idade tinha conquistado o mundo, ao passo que eu até hoje ainda não fiz nada digno de memória!

Conquistar o mundo, como Alexandre; alcançar a imortalidade através de rios de sangue humano — tal era a ambição de Júlio César.

Mas para isso necessitava dinheiro. E não o tinha, na mocidade. Ao contrário, suas extravagâncias levaram-no a contrair dívidas que subiam a um milhão e meio de dólares. Estava resolvido a saldar essas dívidas de qualquer modo — e então havia de empreender uma

carreira de conquistas, como nem os próprios romanos tinham visto semelhante.

Deste modo, afim de saldar as suas dívidas e conquistar o mundo, entrou numa triplíce aliança com Crasso, o homem mais rico de Roma, e Pompeu, seu maior guerreiro. Era o Primeiro Triunvirato, a primeira coligação histórica de gangsters internacionais, organizada com o fim de saquear a humanidade. Esses três gloriosos celerados decidiram cortar o mundo, como um bolo tentador, em três fatias para reparti-las entre si. César tomou posse da Espanha, Crasso foi para a Ásia e Pompeu ficou em Roma.

★

Quando César formou o triunvirato com Pompeu e Crasso, um senador romano, um só, teve o arrojo de protestar publicamente. Este homem era Catão o Moço, descendente de Catão o Antigo e "encarnação das antigas virtudes da República Romana". Estava no senado advogando a preservação dessa república quando César, entrando à frente de seus capangas, bradou:

— Prendam este homem!

Os presentes contiveram a respiração, estarelecidos. Catão foi levado para o cárcere e um dos senadores sussurrou ao seu vizinho: — Eu preferiria estar encarcerado com Catão a estar em liberdade com César. — Mas não ousou falar em voz alta. A liberdade de palavra já não existia. Para todos os efeitos, estava terminada a República Romana.

O Primeiro Triunvirato, como quase todas as parcerias de gangsters, teve relativamente curta duração. Crasso logo morreu em combate; César e Pompeu ficaram satisfeitos por se verem livres dele. Podiam agora disputar o domínio de Roma sem a embaraçosa interferência dum terceiro.

Mas por enquanto César tinha em mira um objetivo mais imediato — a pilhagem do mundo. Como Alexandre, estava ansioso por descobrir que extensão de território um só homem seria capaz de conquistar. Renovou, portanto, a aliança com Pompeu e resguardou-se contra a traição deste dando-lhe por mulher sua filha Júlia. Feito isto, lançou-se com as suas legiões romanas à conquista de novos e desconhecidos territórios. Da Espanha marchou para o norte, entrando na Gália (França), país que lhe proporcionou muitas vitórias e considerável presa de guerra. De lá partiu para a Grã-Bretanha, através da Mancha — uma façanha de grande ousadia, pois muitos dos soldados acreditavam que a Grã-Bretanha era um país fabuloso, sem existência real, e que César, ao levá-los nessa louca empresa contra o desconhecido, ia lançá-los pela borda da terra ao abismo sem fundo. (Era essa a concepção geográfica do mundo nos tempos de César: um disco achatado para além do qual estava o vácuo infinito). Mas César não deu atenção às apreensões dos seus soldados. Zarpuu para oeste e veio ter a um país real, que prometia mais conquistas e mais despojos.

A expedição à Grã-Bretanha, entretanto, foi uma grande decepção. Nas diversas batalhas que lá travou, informam-nos Plutarco pesadamente, "causou mais dano ao inimigo que proveito a si próprio, pois os insulares eram miseravelmente pobres e não possuíam nada que valesse a pena saquear".

César tornou aos ricos despojos da Gália, como a campo mais digno dos seus talentos predatórios. Durante dez anos enriqueceu-se e aumentou em glória, espoliando e matando os helvéticos, os belgas, os aquitanos e os germanos. A indecente narração dos seus roubos e homicídios (a "Guerra das Gálias", de César) é um dos livros mais largamente lidos nas escolas públicas. Já é tempo de que os nossos filhos sejam protegidos contra a peçonha revoltante e insidiosa dessa obra.

As conquistas de César na Gália são resumidas por Plutarco em um só frase:

"Em menos de dez anos tomou de assalto mais de oitocentas cidades; subjugou trezentos estados; e, dos três milhões de homens que ao todo enfrentou em diversas ocasiões, matou um milhão e apisionou outro tanto".

E não se limitava a matar apenas os

que combatiam contra ele. Numa das suas invasões chacinou quase meio milhão de mulheres e crianças — horrendo monumento de crâneos humanos levantado à glória militar de César!

★

Enquanto César oprimia brutalmente as Gálias, Pompeu tratava de solapar-lhe a influência em Roma. Quebrara-se o último elo daquela amizade artificial, pois Júlia, mulher de Pompeu e filha de César, tinha morrido de parto. A inimizade entre ambos manifestava-se agora abertamente. Pompeu tratava de fazer-se nomear ditador. Logo que César soube disto, apressou-se a deixar a Gália e, atravessando o Rubicão, marchou contra a sua cidade natal. "Disseram" observou Plutarco, "que, na noite anterior à passagem do rio (Rubicão) teve ele um sonho impio, em que tinha relações antinaturais com sua mãe".

Quando o conquistador se aproximou da cidade a maioria dos habitantes, tendo pesado e comparado os direitos de César e de Pompeu ao poder supremo, decidiu passar para o lado mais forte — isto é, o de César. Rasgo típico dos romanos, como se depreende da carta que Marco Célio, discípulo de Cícero, enviou ao velho mestre: "Os homens devem seguir o partido mais honroso, em tempo de paz. Mas quando se trata de guerra devem apoiar a facção mais poderosa... O exército de César é incomparável, de sorte que me tornei um ardente e fervoroso cesariano".

Vendo que perdera a partida, Pompeu fugiu da cidade. "Roma estava como um navio abandonado pelo piloto". César entrou, declarou que Roma se achava em estado de anarquia e proclamou-se ditador. Dirigiu-se então, com uma fila de soldados, ao erário. Encontrou-o sob a guarda do jovem tribuno Lúcio Metelo.

— Arreda-te do meu caminho! — gritou-lhe César.

O tribuno, cujo dever era impedir qualquer ato que lhe parecesse ilegal, recusou deixar o seu posto.

— Este dinheiro pertence ao povo, eu me oponho a que o tomes.

— Este dinheiro — retorquiu César — pertence a mim. Abre as portas, ou morres!

Metelo empalideceu, mas manteve-se firme.

— Tu não te atreverás!

— Moço, — César avançou contra ele de espada em punho, — é mais fácil fazer do que dizer!

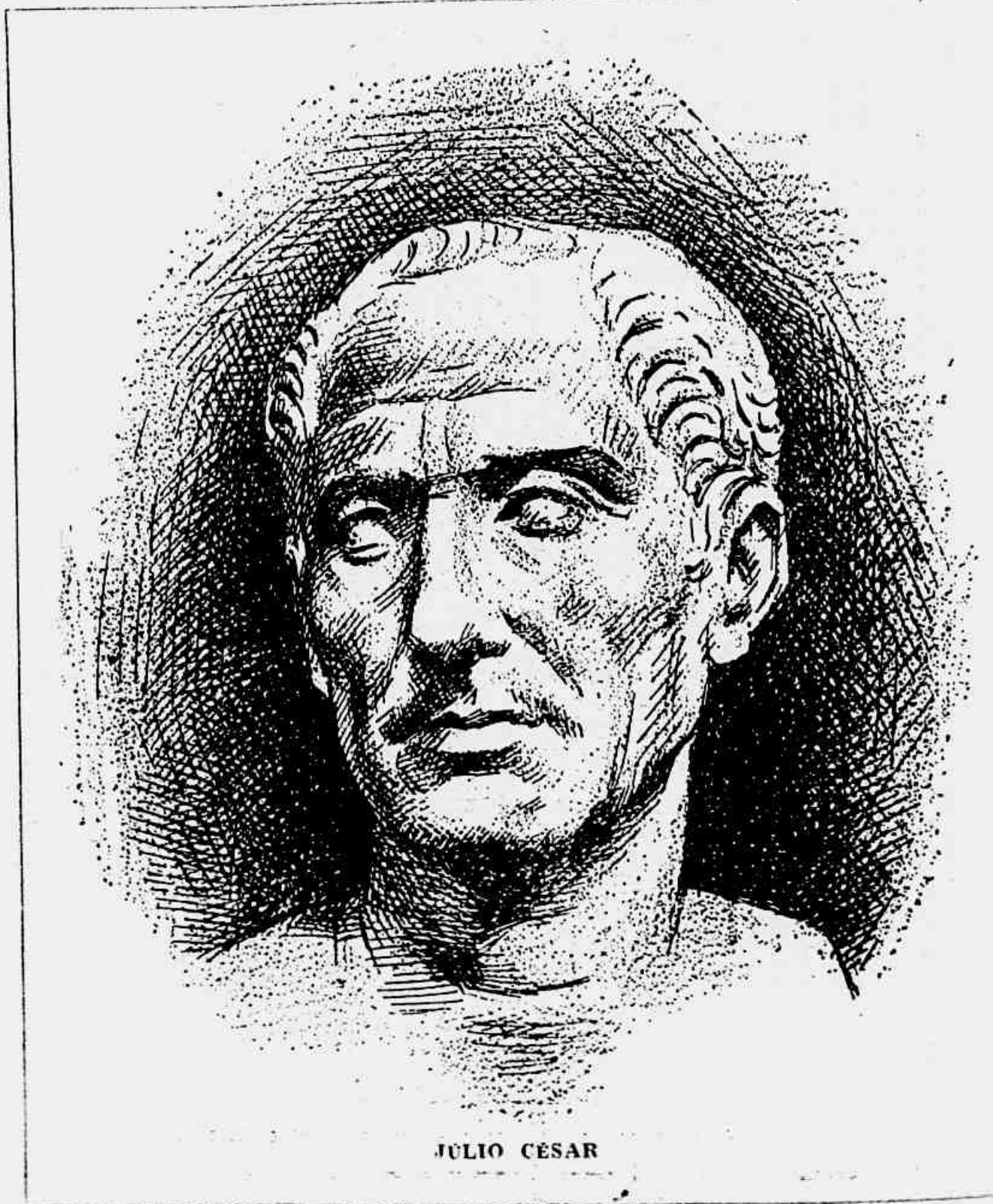
Metelo, já completamente atemorizado, cedeu. César arrombou as portas do tesouro e apoderou-se dos fundos públicos. Dirigiu então eloquente discurso aos seus compatriotas, dizendo-lhes que fazia tudo para o bem deles e ameaçando de morte todo aquele que ousasse contradizê-lo.

Tendo deste modo assegurado sua posição em Roma, deixou uma guarnição na cidade e partiu com o resto de suas coortes em perseguição de Pompeu.

Avançava com tão furioso passo, na ansia de dar cabo do rival, que até os soldados mais robustos começaram a queixar-se. "Quando, e onde", perguntavam, "permitirá este César que descansemos por fim? Se não tem consideração por nós que somos humanos, que ao menos tenha piedade dos nossos broquéis e couraças; que veja como estão gastos pelas guerras intermináveis a que a sua ambição desordenada nos arrastou".

Entretanto, adestrados na disciplina do exército romano, logo recalçaram as suas queixas. Seguiram-no à Tessália (na parte norte da Grécia), onde ele encontrou as desmoralizadas forças de Pompeu e as desbaratou. Pompeu escapou e fez-se de vela para o Egito.

(Continua na pag. 52)



JULIO CÉSAR



VIRGINIA LANE venceu no rádio e no teatro, como vencerá no cinema, quando se lhe abrirem as portas da sétima arte, uma vez que lhe sobram predicações para tanto. Bastante viajada, excursionou pela Argentina, Chile e Uruguai, países em que exibiu a beleza da música popular brasileira, e presentemente recebe os aplausos dos frequentadores do Carlos Gomes, com os números que canta com graça e desembaraço em "Um milhão de mulheres". Nascida na capital paulista, num dia vinte e oito de fevereiro, há mais de vinte e menos de trinta anos, seu ingresso no rádio deu-se através da Mayrink Veiga, no decorrer de 1938. Tamanho foi seu êxito que outras emissoras se interessaram por seu concurso, inclusive a Tupi, com a qual assinou contrato. Terminado este, suas vistas se voltaram para a Nacional, estação onde se encontra presentemente. Virginia Lane alia a bonita voz que possui à plástica perfeita de que é dotada. Recentemente a jovem cantora foi convidada a filmar na Atlântida, devendo aparecer num dos seus próximos filmes. Também pretende visitar a Argentina no mês de julho, para cumprir compromisso assumido com uma das emissoras locais. Afóra o rádio e o teatro, Virginia Lane trabalhou em diversos cassinos, figurando como atração de alguns "shows". Possui olhos verdes, cabelos pretos, pesa cinquenta e seis quilos e tem um metro e sessenta e cinco de altura.

EDSON LOPES é uma das mais valiosas conquistas do rádio e do teatro brasileiros, devido ao excelente material de voz que possui, capaz de rivalizar com o de Paul Robeson. Com trinta e dois anos de idade, pois nasceu no decorrer de 1915, sua voz já deliciou o Brasil inteiro, levada que foi pela poderosa onda da Rádio Nacional, da qual é artista exclusivo. Antes de experimentar o canto, o baixo mineiro exerceu toda a sorte de empregos, inclusive o de capinar e limpar as ruas da cidade de Parreiras. Sem desanimar, Edson Lopes veio parar no Rio, na qualidade de continuo da Companhia do Vale do Rio Doce, iniciando então a luta para ingressar no "broadcasting" carioca. Conseguiu interessar à PRE-8, passando a tomar parte nos programas de estúdio dessa popular emissora. Daí, não tardou a ingressar no Cassino Atlântico, animando os diversos "shows" com seus números escolhidos e variados. Hoje, Edson Lopes é um nome admirado por todos os ouvintes e um artista a quem o público aplaude todas as noites no Carlos Gomes, no decorrer de "Um milhão de mulheres".

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

O ingresso do Hemílio Fróes no "broadcasting" carioca deu-se através do departamento esportivo da Rádio Globo, na qualidade de redator. Mais tarde, influenciado por Levy Kleiman, criador de "Conversa em família", passou a atuar como radiador, condição em que se conserva até hoje, tomando parte nas diversas novelas ali irradiadas. Seu primeiro grande papel viveu-o em "Poeira de estrelas", interpretando a figura de Rex Brand. Depois, desempenhou o de Flavio de "Rendas e mantilhas", seguindo-se a personificação do guarda filósofo, da novela "Vingança". Ultimamente, coube-lhe fazer o Alfredo, de "Maria Clara", e o Angelo, de "Lágrimas benditas", dois seriados de Alvaro Augusto. Nascido no Estado do Rio de Janeiro, a dez de julho de 1920, Hemílio Fróes, exerceu várias profissões, inclusive a de industrial, posto que abandonou no decorrer de 1945, para se dedicar ao rádio. Neste, experimentou enorme sensação a tal ponto que, quando enfrentou pela primeira vez o microfone, não pôde articular uma palavra sequer. Foram cinco minutos de angústia intensa, mas que não deixaram de ser pitorescos para o próprio artista. Dedicando-se exclusivamente ao "broadcasting", Hemílio Fróes trabalha ainda em outros programas, que a PRE-3 apresenta, inclusive "No mundo da Carochinha", que vai ao ar às 21 horas às quartas-feiras e em "Um diário de mulher", novela de Amaral Gurgel. Seu divertimento predileto é o cinema, sendo "fan" de Ingrid Bergman, Bette Davis e Paul Muni.

OS que acompanharam, capítulo a capítulo, "Em busca da felicidade", devem estar lembrados do papel saliente de Jane Gipsy, interpretando Miss Kitty, velha e excêntrica milionária. Seu trabalho foi dos mais perfeitos, o que lhe valeu excelente contrato dos dirigentes da Rádio Tupi, onde estreou na novela "Anel de noivado", em que teve como colega Norka Smith. Sua voz agradável proporcionou-lhe ainda o ensejo de atuar como locutora, sendo lançada nesse posto por Aurelio de Campos. Isto, depois de um início brilhante e de um curso na Escola Dramática do Serviço Nacional de Teatro. Como prêmio do seu interesse pela arte, foi contratada pela "Comédia Brasileira", juntamente com Ribeiro Fortes. Também emprestou seu talento ao Teatro Universitário, obtendo grande sucesso nas peças "Dias felizes" e "Week-end". Jane Gipsy é um tipo agradável, possuindo olhos castanhos, rosto oval, cabelos negros, estatura mediana e bonito sorriso. Seu ingresso no elenco de teatro cego da PRG-3 deve-se, em parte, a Olavo de Barros que, na ocasião, respondia por esse setor. Nessa mesma emissora, tem trabalhado nas principais novelas, vivendo os mais disparatados personagens, uma vez que para tanto lhe sobra poder interpretativo. Não há muito, recebeu convite de uma empresa cinematográfica para tomar parte num filme, mas a falta de tempo levou-a a desistir. Quanto ao palco, espera voltar a pisá-lo brevemente.



GAFANHOTOS

Aviso prévio: As cenas e personagens deste escrito são puramente fictícias. Qualquer semelhança com pessoas, fatos ou cousas, não passará de mera coincidência.

ERAM três ou quatro famílias de húngaros, tangidas através do mundo pelo terror nazista. Após uma dramática peregrinação de porto em porto, nessa época em que os passaportes visados valem mais do que as criaturas humanas, conseguiram alojar-se, animados para a luta pela vida, num lote de terras ainda virgens, ou quase virgens, situado no interior brasileiro. Eles vinham do país dos vales férteis, que verdejam ao sopé dos Carpatos e onde as belas e ricas lavours, ondulando entre águas cantantes, se alongavam a perder de vista. Morenos e fortes, descendiam, homens e mulheres, daqueles magiares românticos, poetas e músicos inspirados, que haviam emigrado das bandas do Ural e do Volga, espalhando-se pelas planuras húngaras desde o começo do milênio cristão.

As suas economias, preservadas em sobressalto, com sacrifícios extremos, encontravam-se minguadas pela voracidade do cambio negro e das propinas salvadoras. Não obstante, aparelhando-se como melhor lhes fora possível, empunharam as enxadas e os arados com obstinação heróica, sob a proteção do padroeiro Santo Estêvão.

Homens da terra por atavismo, a terra reconheceu-os, sorriu-lhes, presenteou-os generosamente com seus primores. De colina em colina, transpondo córregos e valos, brotaram rápidos, como por artes de magia, as culturas de cereais e hortaliças, os vinhedos com seus pingentes de uvas capitosas, os algodões salpicados de flocos alvíssimos.

Na sucessão das colheitas abundantes, as carroças do sítio, e logo após, os caminhões com pilhas de sacos e caixas, atravessavam revolucionariamente o vilarejo próximo, rumo à estação ferroviária. Cabeças inquietas esticavam-se nas janelas, de olhos arregalados para as núvens de poeira, que as viaturas amontoavam nas ruas barroquentas. A porta da botica, em sua função tradicional de observador e comentarista, o farmacêutico chupava mais fundamentalmente o inseparável cigarro de palha:

— Esses ciganos são danados. Arrancam tudo da terra. Até parecem italianos...

E repassando com o olhar amargurado as drogas encanecidas nas prateleiras:

— O pior é que não confraternizam conosco. O governo devia olhar para isso. Estamos diante de um novo quisto imigratório... Veja você, compadre: eles não compram nada. Nem mesmo um simples xarope!

A noite, na estância em repouso, enquanto a folhagem das plantações melodiava ao sopro mágico do vento, os violinos gitanos soluçavam para as estrelas.

Naquela manhã decorativa, pintada de azul e ouro, os homens partiram cantando para o trabalho. Empunhadas pelos cabos, com laminas altas, as enxadas faiscavam ao sol. A voz moça de Czinka, mais volumosa, mais intensa, semeava pelo ar as notas de uma antiga melodia. Em casa, no amplo chalé de madeira, a bela Geiza modulava intencionalmente o saltitante estribilho da canção. O velho Zriny retardara-se no terreiro, às voltas com seus projetos e orçamentos, afagando com a mão calosa a bigodeira espessa, aguçada em pontas de setas.

Foi quando surgiu, num claro ângulo do horizonte, a nuvem móvel e distante. Aquela nuvem de mau preságio, que avançava e se adensava, escura, compacta, sonorizada por um zunido metálico.

A onda de gafanhotos alastrou-se, veloz e voraz, sobre as culturas indefesas. Uma sombra esverdeada empanou a luminosidade da paisagem. Enquanto a mesma nuvem deslizava, sibilando, zumbindo, erguia-se da terra o confuso crepitar das mandíbulas em ação e das folhas e hastes partidas, trituradas e devoradas. A tempestade animal avassalou a gloriosa manhã de sol, espalhando a destruição, em torno, pelas colinas e vales.

Abatido, arrastando os pés fatigados, o lavrador galgou as escadas da secretaria. Vinha do sítio devastado, a conselho do sub-prefeito local, afim de solicitar ao governo a limpeza, com recursos técnicos, das terras infestadas de ovos de gafanhotos e de saltões daninhos. E também, se o acaso lhe sorrisse, alguma ajuda material em dinheiro ou em sementes, para a vida pudesse continuar. Trazia pelos bolsos, a esmo, a papelada sacramental,

Por ONDINA FERREIRA

(Autora de "Inquietação", "Ele te dominará" e "Outros dias virão")

Ilustração de ARMANDO MOURA

enfeitada de selos e carimbos: certidões, atestados, talões de impostos. Era o salvo-conduto de suas pretensões. O farmacêutico auxiliara-o bastante; que bôrdoso homem, aquele! Ministrara-lhe, com paciência e minúcia, todos os esclarecimentos sobre a viagem, as baldeações, a hospedagem, as diligências a efetuar, — e ainda lhe vendera, com a mesma solicitude fraternal, um vidro de fortificante para o sistema nervoso...

No guichê do protocolo, o funcionário cômico de bronze, servente classe G, carreira de servçal, do Q G — P S — II, concedeu meio olhar e meio ouvido de atenção à queixa do agricultor:

— Diga isso por escrito. Selado e com firma reconhecida, entendeu? Aqui não atendemos a pedidos verbais. O chefe?... O chefe é o secretário. E agora, ele só dará audiência pública na semana que vem, quando o jornal avisar. Requeira por escrito, ouviu?

E voltando-se para outro burocrata, instalado ao fundo do santuário, rematou com entusiasmo a palestra interrompida:

— Mas não resta dúvida, meu caro. Aquele pelotão do Nininho foi que salvou o nome do Brasil!

A petição ingressara, selada e com as benzeduras indefectíveis, no labirinto dos trâmites legais. Aliás, o segundo pedido, visto que o primeiro, obra imperfeita de um despachante colhido ao acaso, tropeçara, ao fim de três semanas de espera, no lacônico e esmagador "requeira em termos". Mas o segundo requerimento, de autoria de um advogado, peça bem cobrada, bem paga e de fino sabor literário, baseava-se sólidamente no artigo 63 § 2º, letra g, do decreto-lei nº 572.674, de 1938, combinado com o artigo 163, letra j, do regulamento expedido com o decreto-lei nº 683.570, do mesmo ano. Além disso, chamava os ganhafotos de "acridios", ortópteros e outros nomes esdrúxulos, que impressionam favoravelmente, graças a seu delicado perfume de ilustração.

Homem humilde e de poucas luzes, afeito ao trato com a enxada e não ao saber que dimana dos livros, e grimpava repetidamente, cada vez mais abatido e mais trôpego, as escadas da secretaria. Na ficha de protocolo, aumentavam, em cada visita, as informações sobre a marcha caprichosa e coleante do processo:

- A 2ª D B C em 7-3
- A 5ª D C R em 15-4
- Ao D J em 21-5
- A 3ª D I A em 17-6.

(Continua na pág. 58)







Nesta página: dois flagrantes de Eddie Cantor, no estúdio da RKO Radio, com o nosso correspondente especial, Luis Serrano. Em cima, antes de pintar-se, e em baixo, já preparado para cantar "My, how the times goes by (Meu Deus, como o tempo passa!)", no filme "If you Knew Susie".

Vovô EDDIE CANTOR não entrega os pontos...

HOLLYWOOD, maio — Não posso negar que sempre tive uma grande paixão pelos filmes cômicos de Eddie Cantor, ao ponto de ver várias vezes seguidas "O meu boi morreu", "Escandalos romanos" e "Cai, cai, balão!", ainda que sendo obrigado a gazeir os estudos, uma vez por outra... Eu era um garoto naquele tempo e não me envergonho de confessar essas peraltices. O que me espanta é que, sendo eu hoje, não mais um rapaz, mas um senhor com alguns cabelos grisalhos nas fronteiras, o velho Eddie Cantor da minha infância ainda continui firme, dançando, cantando, pulando, em atividade ora no teatro, ora no cinema, ora no palco. Chefe de uma família enorme, avô várias vezes, contribuinte do Tesouro Norte-Americano com muitos milhões de dólares, Eddie Cantor continui lépido e satisfeito, não direi moço, em todo caso, bem sacudido. Vi-o no estúdio da RKO Radio, onde está filmando, ainda agora, uma nova película, "If you knew Susie". Nesse novo filme, Eddie Cantor aparece ao lado de Joan Davis, a conhecida atriz cômica, que ainda há pouco foi aplaudida em "A autora gaiata", com Jack Oakie e Mischa Auer.

— Fique por aqui e espere que eu me prepare, — disse-me Eddie Cantor, vestindo um folgado pijama de listras largas, azuis e vermelhas. — Depois poderemos conversar um pouco...

Esperei. Vovô Eddie Cantor começou vertiginosamente a se pintar de preto e, em pouco, havia se tornado um verdadeiro tição, — mas um tição de boca branca, como o famoso tipo de cançone-

E VEM AÍ DANÇANDO, CANTANDO E PULANDO, TODO PINTADO DE PRETO, EM UMA NOVA COMÉDIA



Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

tista, ou "minstrel", que criou no palco e, mais tarde, no cinema. Joan Davis, para minha surpresa, apareceu em seguida como uma mulata e as coristas,

para meu maior espanto, como um grupo de "blackies", mas "blackies" do outro mundo... Houve um rápido ensaio e, logo, todos começaram a dançar e a



cantar... em silêncio! Sim, em silêncio, porque o som já havia sido gravado antes e estava sendo executado em "play-back". Tratava-se, apenas, de articular bem, afim de fingir que todos estavam cantando. O diretor repetiu esse número uma infinidade de vezes e fiquei saturado da música de "My, how the times goes by", — tal é o seu título, — e de gritos de "Corta", "Começa" e "Repete". No fim, Eddie Cantor foi convocado para uma conferência sobre alterações na história e mal pude trocar algumas palavras com ele. Eddie disse que agradece a fidelidade dos seus fãs do mundo inteiro. E referiu uma anedota de Mark Twain, a respeito de deixar de fumar.

— E' a coisa mais fácil do mundo. — dizia o autor de "Tom Sawyer". — E' tão fácil que eu já deixei de fumar mais de mil vezes...

Depois dessa anedota, Eddie Cantor acrescentou:

— O cinema é como o cigarro. Eu já trabalhei muito, vivo muito cansado e tenho a vida bem organizada, ou, pelo menos, de sorte a não me dar dores de cabeças e preocupações na hora de pagar o imposto sobre a renda... Já me retirei do cinema várias vezes. Mas tenho voltado a esse "vício". Talvez porque, realmente, seja fácil demais a gente deixá-lo... Entretanto, eu faço, agora, um juramento sério. E não é juramento de fumante: este será mesmo o meu último filme...

Riu e se foi, aos pulos, o que basta para termos a certeza de que, ainda uma vez, ele voltará...



Aqui está o vovô Eddie Cantor, o homem que fez o mundo inteiro rir com "O meu boi morreu", "Escândalos romanos" e vários outros filmes desopilantes. Mais uma vez ele aparece como o negrinho sapateador e cantor, na película "If you knew Susie", com a atriz Joan Davis e as RKO Radio Girls. Apesar da avançada idade, — quase sessenta anos, — vovô Eddie continua firme, atuando no rádio (através da NBC) no teatro e no cinema (alternadamente, mesmo porque simultaneamente seria demais...)



O VISCONDE DE SINIMBU'

ESCRAGNOLLE DORIA

Deve o Brasil reverência a quantos de seus filhos nunca lhe perturbaram a ordem, o ritmo do seu progresso, muitos e muitos sacrificando a vida na guerra para sustentação da honra pátria.

Na paz deve o Brasil gratidão e reverência a um alagoano notável por muitos títulos em tempos de um Brasil hierarquizado.

Tal alagoano chamou-se João Lins Vieira Cansção de Sinimbu', visconde do seu nome.

Instruindo-se desde cedo, de boa instrução primária passando a secundária num tempo em que simples preparatórios bem feitos deram raiz de cultura aos homens mais notáveis do Brasil.

Alguns deles foram estudar ou aperfeiçoar conhecimentos de grau superior na Europa, a maioria porém contentou-se com as lições dos mestres de seu país e nem por isto deixaram de alcançar fama.

Bacharel em Direito pelo Curso Jurídico de Olinda, Sinimbu' doutorou-se em ciências jurídicas e sociais na Universidade alemã de Liena, enquanto seu colega de turma Bernardo de Souza Franco se satisfazia com a formatura em Olinda.

Em 1849 iniciava Sinimbu' vida pública que o havia de conduzir a destacadas e depois às mais altas funções do Estado.

Resumidamente o evidenciara a enumeração dos cargos exercidos por Sinimbu': Foi presidente de quatro províncias, três do Norte, uma do Sul, deputado geral por Alagoas duas vezes, senador do Império pela mesma província de 1857 a 1859, ministro de Estado efetivo duas vezes e interino de várias pastas, conselheiro de Estado de 1882 a 1889, vice-presidindo o Senado em 1885 e 1886.

Algum tempo fóra da prática foi Sinimbu' juiz de direito da importante comarca fluminense de Cartão depois de diretor do *Diário Oficial*.

Em 1878 atingiu Sinimbu' o posto supremo da carreira parlamentar, a presidência do conselho de ministros, organizador do gabinete de 5 de Janeiro de 1878 no qual foi o único presidente do conselho a chamar a si a pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, pasta confiada a Sinimbu' em 1862 em ministério presidido por Olinda.

Nem se esqueça ter Sinimbu' passado pela diplomacia, nosso ministro residente no Uruguai, cuja integridade salvou e quem tal o declarou foi o barão do Rio Branco, com qualidade para dizê-lo por saber e saber história do Brasil, suprimindo a falta da massa que totalmente a ignora e faz timbre em desconhecê-la.

Sinimbu' esteve presente na vida pública nacional de 1840 a 1889, por pouco durante meio século pois...

A sua ancianidade — nascera em 1810 — não o impedia até 1889 de substituir o presidente do Senado nos seus impedimentos, nem de trabalhar em pareceres do Conselho de Estado, agraciado com o título de visconde por ocasião de lei Treze de Maio.

Proveitosa sobre laboriosa, a existência de Sinimbu' já encontrou biógrafo, em um comprovinciano, Craveiro Costa, não mais vivo. O estudo do escritor alagoano abre bastante luz sobre Sinimbu'.

Aqui o focalizaremos apenas como presidente de província.

Em 1840, alentado pelo vigor de robustos trinta anos, Sinimbu' presidiu Alagoas e presidir terra natal é sempre missão delicada, a alheios se perdendo o que aos se não perdoa. Vamos vê-lo e o viu Sinimbu' quando a questão da

transferência de capital da cidade de São Cristóvão para a de Maceió agitou, província inteira.

Efetivada a transferência o velho centro não perdoou a Sinimbu' ter pugnado por novo centro.

Bastantes anos após à mudança de capital, o presidente de 1849 teve necessidade de ir a engenho seu em São Miguel dos Campos. Ficou-se o viajante na amnésia popular, mal de tanto Brasil.

Mas em São Cristóvão alguém tinha memória, um padre baírrista. Ao passar Sinimbu' por São Cristóvão, o sacerdote mandou dobrar a finados nos bronzes de todos os campanários da cidade a dizer saudade de sua importância por vozes de sinos.

A segunda presidência de província exercida por Sinimbu' foi a de Sergipe em 1841, de Junho a Julho. Não lhe consentiu o coração permanência na terra onde vivia o indigitado mandante do assassinio de dileto amigo e conterrâneo, Fernandes de Barros, de talentos tão próximos de genio quanto os do seu coevo, Souzainha, o matemático maranhense.

Veio então Sinimbu' ao Rio de Janeiro a dirigir o *Diário Oficial*, em seguida na magistratura fluminense em Cantagalo onde se recomendou como togado.

A política, porém, não perdia de vista Sinimbu', trazendo-o de novo ao parlamento de onde arredado para exercício de nova presidência, a de província por muitos anos convulsionada pela guerra civil dos Farrapos,

chegando a desunião do todo o Império a luta farroupilha levantando armas na Regência.

Pacificada a província caberia a subsequentes presidências da mesma, completar a ação pacificante de Caxias. Por sua parte Sinimbu' o conseguiria.

Ha pouco o *Boletim Municipal da Prefeitura de Porto Alegre* recolheu lembrança da passagem do presidente Sinimbu' pela província de São Pedro.

Um douto jesuíta, Luís Gonzaga Jaeger, amigo do nosso passado, teve em mãos o *Diário* de Ernesto Muzzel, germânico fundador de digna família sul-rio-grandense.

Muzzel veio ao Brasil a servi-lo quando o governo brasileiro desvenhava o Prata da tirania de Rosas.

Ao consignar impressões no seu *Diário*, Muzzel prestou depoimento a bem de Sinimbu' e da sociedade porto-alegrense da época.

A sós consigo mesmo, Muzzel, no seu *Diário*, disse de Sinimbu':

"O Snr. Presidente é um homem summamente culto, fino e amável, na flor dos seus annos estudou Direito em Leipzig, desposando mais tarde, na Bahia, uma moça, natural de Dresden, de nome Nogler.

Num sarão para o qual alguns de nós fomos convidados estiveram presentes sua esposa, seu sogro (o velho Vogler) e sua sogra.

Pareceu-me extremamente encantadora a Snr^a. Presidente, que foi sentar-se a uma mesa com uma meia de tricot

na mão servindo-nos o chá. Desde longo tempo eu não gozava de hora tão feliz.

Fóra de nós estavam presentes um general brasileiro e um civilista inglês, de maneira que a conversação era feita em lingua portuguesa, francesa e allemã, idiomas que tanto o Snr. Presidente, sua mulher e sogra falavam correctamente. Comnosco (os allemães) o Presidente falava em francês, por falar allemão com accento carregado".

A nota do *Diário Muzzel*, na sua redação luso-germanizada, meia por luva, fóra de nós em vez de alem de nós, é preciosa em relação a pessoas e á pintura da sociedade da época, de um país, de uma província onde Porto Alegre de primazia como cidade capital.

Do sul passou Sinimbu' ao norte, ainda na qualidade de presidente, mandado administrar a Bahia.

Chegara Sinimbu' à cidade do Salvador em momento de agitação ou vespas de pleito eleitoral renhido para renovação de mandatos na Camara dos Deputados, para nova legislação.

Tanto bastava para cobiças e cabalas. Alem disto tratava-se de preencher vaga no Senado, a de Cassiano Mello Mattos, disputada por dois candidatos de grande peso na balança politica sempre de fiel oscilante. Eram candidatos Zacarias e Nabuco, ambos correligionários do novo presidente, a porção de vagas a serem preenchidas alvorçando candidatos em torno do Senhor Eleitor.

Cessada a batalha das urnas, surgiu questão economica contra o monopolio de carnes verdes e farinha de mandioca, a Camara Municipal do Salvador e a Assembléa Provincial bahiana ajudando o povo no protesto contra o monopolio.

Como se não bastasse, segunda questão nasceu. Motivou-a a transferencia de asiladas do Recolhimento da Misericórdia para o convento da Lapa, hostilizada a autoridade diocesana.

Nas duas questões interveiu o populacho, sempre a desmandar-se e quando o povo febricitava é contar com temperatura elevada.

São Salvador conheceu motim, apedrejando palacio presidencial, tentando invadir casas religiosas. Esgotados meios suasorios para restabelecer calma foi mister recorrer aos revulsivos da dispersão á espada e pata de cavalo, o campo de batalha dos amotinadores juncado de... chinélos.

O movimento popular contra o monopolio ficou sendo o da Carne sem Oso e da Farinha sem Caroço, alcunha dado pela soldadesca repressiva, a veia sarcastica popular chamando de Revolta dos Chinélos o motim de perturbação a São Salvador.

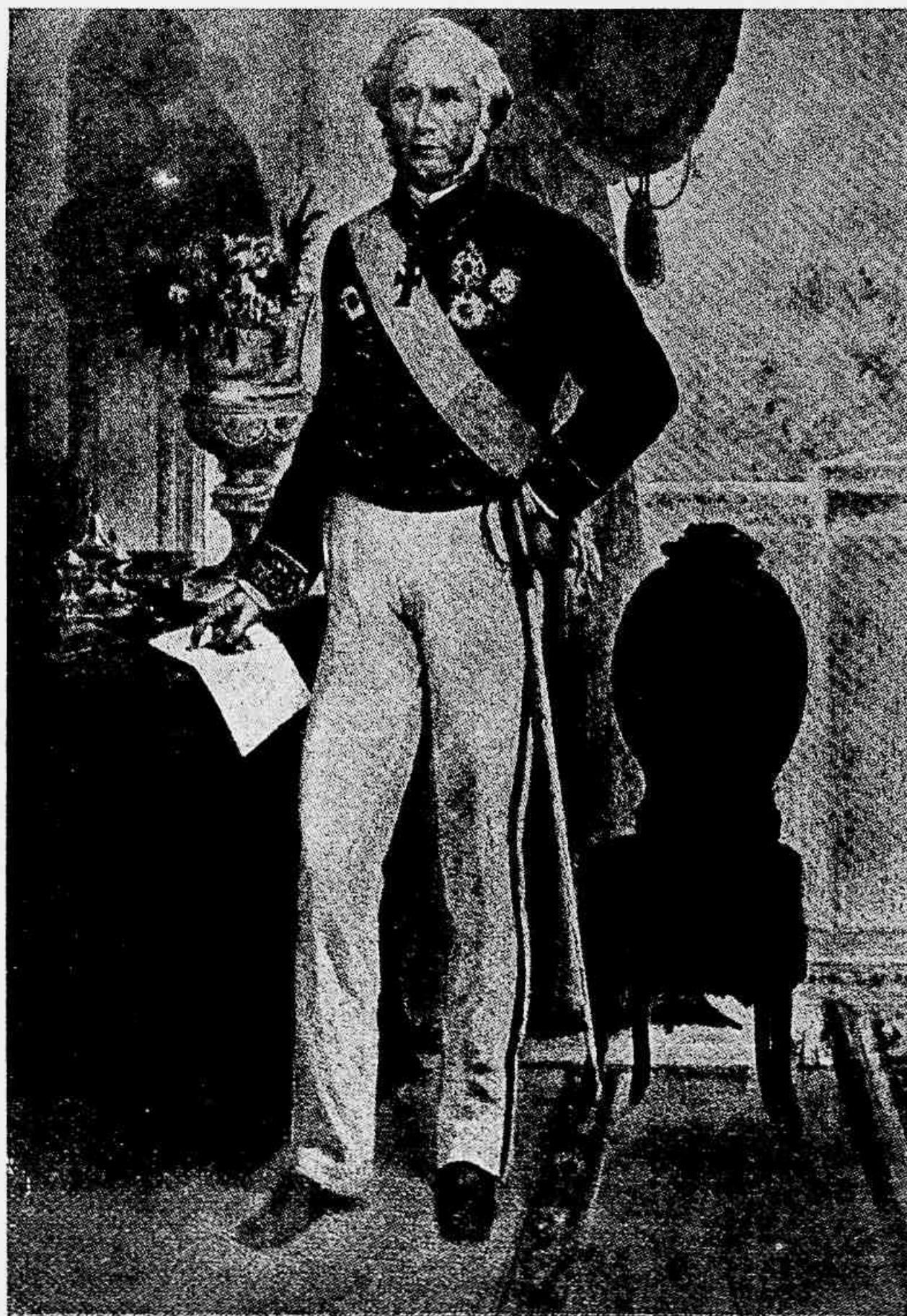
Motins e incendios deixam rescaldos, teve-os o motim da capital bahiana. Ao celebrar-se o aniversario do juramento de Constituição do Imperio, foi Sinimbu' avisado de atentado á sua vida.

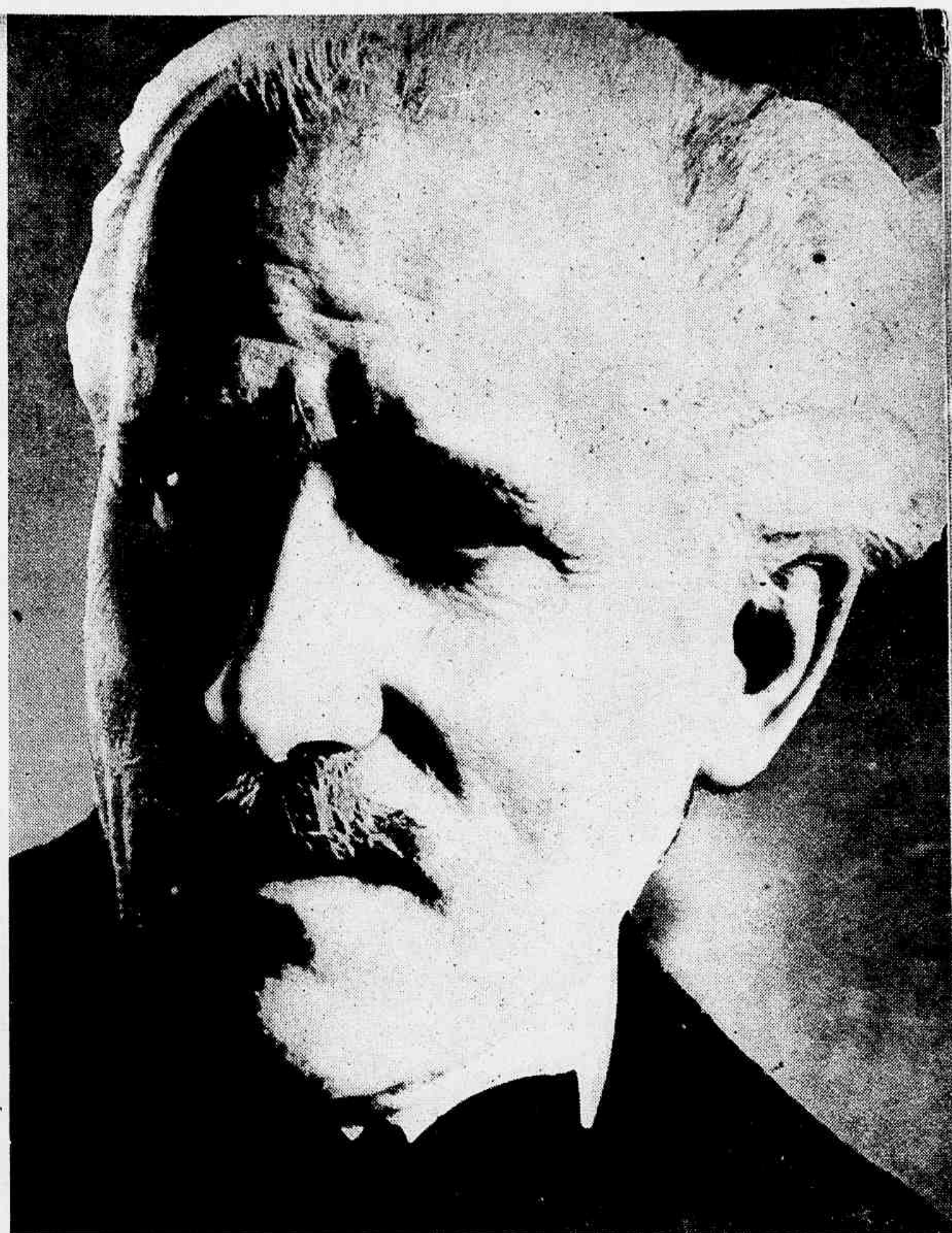
Sem atender a esposa, declarou Sinimbu' expor-se sesinho cumprindo dever. Na data marcada o presidente da província apresentou-se á multidão, ele só em janela de palacio.

A tropa fez continencia, troou artilharia e logo depois um tiro sibilo aos ouvidos do presidente milagrosamente escapo, conservando-se sereno, impoamente ajudado por estatura alta a manter-se erecto e impressionante, para que o povo, ferido de respeito pelo destemor, assim contemplasse quem o fitava sem arrogancia.

Ao successo de 24 de Março devia succeder inquerito policial. Conhecendo autoria da tentativa, Sinimbu' sustou providencias. Vingou-se, pelo esquecimento e pelo perdão.

VISCONDE DE SINIMBU' — (Maceió 1810 — Rio de Janeiro 1908)





Ao alto à esquerda: Toscanini chegando ao Rio, em avião da Panair, quando visitou o nosso país pela última vez. A direita: Toscanini, que é ao mesmo tempo sentimental, genial e genioso...

O TRATAMENTO aconselhado pela terapêutica jornalística para a "falta de assunto" é "nariz de cêra" e imaginação, em doses iguais ou alternadas. O primeiro remédio, entretanto, está fora do alcance do correspondente estrangeiro. Quem conseguirá encher com "nariz de cêra" um telegrama — meio de comunicação sucinta para os relatórios periódicos ao jornal que expede representantes pelo mundo? Resta, então, a facilidade de imaginar alguma coisa de sensacional, que não possa sofrer contestação muito decisiva, e continuar à cata de notícias.

Não sei se a aspiração à mais alta magistratura do seu país natal, registrada por um repórter americano, como tendo sido, durante algum tempo, uma das principais preocupações de Toscanini foi fruto de uma situação de pobreza de novidades ou resultado de alguma investigação escrupulosa. O fato é que, certa manhã, ao ler os jornais, o mundo inteiro tomou conhecimento de um despacho que continha detalhes a respeito da candidatura musical, na musicalíssima Itália, que estava passando da marcha fúnebre do fascismo para o "allegro" da reconstrução. Se foi verdade, porém, não passou de mais um capricho logo abandonado pelo temperamental regente cuja fama internacional, perante o público, é completada por aquele resumo da sua posição em face dos músicos, esboçado por Leslie Lieber — "Sentimental, Genial e Genioso".

"GUERRA PSICOLÓGICA"

A vida de Toscanini pode ser resumida em uma série de anedotas. E' assim, pelo menos, que ela correu o mundo e, se grande parte das histórias que se conta a seu respeito são imaginárias, não é menos certo que estão profundamente ligadas à sua biografia.

Seus gestos exuberantes, seus urros de raiva como seus gritinhos de prazer e satisfação, lançados, perante orquestras indefesas, da plataforma do regente, tudo isso provocou a capacidade inventiva e determinou a formação de uma verdadeira lenda a seu respeito. Essas restrições à validade de quanto se avança, audaciosamente, como tendo acontecido, de fato, não significam, contudo, que Toscanini,

MÚSICA

SENTIMENTAL, GENIAL E GENIOSO

Toscanini visto por um membro da orquestra da NBC — Quebrou seis batutas, atirou pelos ares três estantes e algumas partituras — Temperamental, porém incapaz de machucar quem quer que seja — Quem está cantando?

De ROBERTO LYRA FILHO ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

na realidade, seja um carneirinho manso. Pelo contrário. Muitas vezes, o testemunho autêntico, indiscutível e, ademais, insuspeito, de admiradores, registrou barbaridades muito maiores e proezas muito mais sensacionais.

Leslie Lieber conta que, em poucos dias de ensaio, assistiu a Toscanini atirar, pelos ares, três estantes, partituras sortidas, quebrar meia dúzia de batutas e fazer toda sorte de piruetas sobre o estrado, quando queria dar expressão veemente à sua irritação. Dispondo, para sua defesa de um frágil instrumento, Lieber deliberou que não comparecia mais aos ensaios, porém um companheiro advertiu-o nestes termos:

— Já reparou que ele só joga tudo aquilo para os lados? E' incapaz de machucar quem quer que seja. O que você está assistindo é uma "guerra psicológica" para despertar os brios dos instrumentistas. Depois, ele melhora.

Lieber, relutantemente, concordou em permanecer:

— Mas continuo convencido de que qualquer louco do hospício seria incapaz de se mostrar tão extravagante como ele.

— Meu caro, a diferença entre um regente e um louco é que o segundo não conhece música...

Depois dessa dose de filosofia, Lieber passou a considerar com mais tolerância os estranhos espetáculos de um maestro cognominado Arturo Furioso, à maneira de um outro furioso célebre da literatura italiana — O Orlando.

Certa vez, rasgou a casaca que envergava, numa demonstração de raiva. E, depois disso, emergiu qual um precursor de barrete pinto, porém sem perder a compostura...

"NUTS!"

Harry Glantz é um dos melhores trompetes dos Estados Unidos. Entretanto, nem mesmo um músico completo escapa, às vezes, à fúria do maestro. E Glantz, em diversas ocasiões, foi objeto de amargas censuras.

Toscanini, de uma feita, fez parar a orquestra e dirigiu a Glantz um fluxo incompreensível de impropérios, em italiano, cujo sentido geral poderia ser deduzido pelo tom em que eram proferidos. Sem dizer uma palavra, o trompete levantou-se e foi saindo. Já da porta, voltou-se e exclamou:

— "Nuts!" (expressão tipicamente lanque que pode ser traduzida, aproximadamente, por: *besteira*!).

Toscanini, porém, pouco familiarizado com a gíria, acreditou que ele estivesse pedindo desculpas e berrou:

— Essas desculpas já vêm tarde.

Nesse momento a orquestra, não se contentando, prorrompeu numa risada que foi das cordas aos metais. Inteirado da significação da palavra, Toscanini, sem mais, juntou sua risada à hilariedade geral.

"QUEM ESTÁ CANTANDO?"

Uma das fraquezas de Toscanini é a sua mania de cantarolar enquanto rege

Começa baixinho mas, quando se entusiasma, chega às vezes a cantar bastante alto. Os técnicos de som da NBC criaram cabelos brancos com essa mania, pois é impossível filtrar, nos receptores as interpolações canoras do regente.

O mais interessante, porém, é que ele não sabe que canta. Chega, mesmo, a interromper a execução, no ensaio, para perguntar, zangado:

— Quem está cantando aí?

Apesar de suas maneiras, entretanto, Toscanini é estimado pelos instrumentistas que o admiram e respeitam o seu ouvido sensibillíssimo, a sua compreensão exata e penetrante das partituras, o senso arquitetônico com que constrói as grandes obras musicais, destacando nitidamente os diferentes planos.

Na data de seu aniversário a Orquestra da NBC teve um gesto comovente. Ligou o telefone para o maestro e tocou, para ele, o "Happy Birthday" o que feriu, de certo modo, a dignidade do conjunto, porém ficou registrado como uma homenagem sincera, espontânea e comovida. Centenas de professores tocando aquela melodiazinha eram como se os ministros do Supremo Tribunal dançassem ciranda, de mãos dadas...

— Mas valeu a intenção, declarou Lieber.

E ninguém pensou em desmenti-lo.

Toscanini, visto pelo caricaturista Oscar Berger.



Mademoiselle FIFI

Conto de GUY DE MAUPASSANT



Ilustração de ARMANDO PACHECO

O MAJOR, comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler sua correspondência, recostado ao fundo duma grande poltrona estofada e com as botas sobre o mármore elegante da lareira, onde as esporas, durante os três meses que ele ocupava o castelo de Uville, tinham traçado dois buracos profundos, cavados cada dia um pouco mais.

Uma taça de café fumegava sobre uma jardineira de marchetaria manchada pelos licores, queimada pelos charutos, entalhada pelo canivete do oficial conquistador que, às vezes, detendo-se no apontar um lapis, traçava sobre o gracioso móvel monogramas ou desenhos, ao capricho de sua imaginação indolente.

Quando acabou de ler as cartas e percorreu os jornais alemães que seu ordenança lhe trouxera, ergueu-se e, após lançar ao fogo três ou quatro enormes achas de lenha verde, pois que seus homens abatiam aos poucos o parque para se aquecer, aproximou-se da janela.

A chuva caía em bátegas, uma chuva normanda que se diria lançada por uma mão furiosa, uma chuva oblíqua, espessa como uma cortina que formava uma espécie de parede de raíais enviesadas, uma chuva que açoitava, que salpicava lama, que inundava tudo, uma verdadeira chuva dos arredores de Ruão, esse vaso noturno da França.

O oficial olhou por muito tempo os campos inundados, e, lá adiante, o Andelle entumescido que transbordava; tamborilava contra a vidraça uma valsa do Reno, quando um ruído o fez voltar-se: era o ajudante, o barão de Kelweingstein, que tinha um posto equivalente ao de capitão.

O major era um gigante, largo de espáduas, adornado por uma longa barba em leque, como um guardanapo sobre o peito. E toda a sua grande figura dava a idéia dum pavão militar, um pavão que levasse a cauda desfraldada no queixo. Tinha olhos azuis, frios e suaves, uma cicatriz de cutilada na face, recebida na guerra da Austria; e diziam-no tão reto homem como bravo soldado.

O capitão, um homenzinho corado e obeso, enchedo à força, usava quasi à escovinha o cabelo avermelhado, cujos fios de fogo davam a impressão, quando se encontravam sob certos reflexos, de que seu crânio estivesse coberto de fósforo. Dois dentes perdidos numa noite de farra, sem que ele se recordasse, ao certo, de que modo, faziam-no cuspir palavras mal pronunciadas, nem sempre compreensíveis. Era calvo apenas no alto do crânio, touselado como um frade, com um toção de cabelinhos anelados, dourados, dourados e brilhantes, em torno àquele círculo de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão e sorveu de um trago a taça de café (a sexta desde a manhã) ouvindo o relatório de seu subordinado sobre os incidentes ocorridos no serviço; em seguida, ambos se aproximaram da janela, concordando que aquilo não era divertido. O major, homem tranqüilo, casado, se conformava com tudo; mas o capitão, gozador da vida, frequentador de lupanares e furioso conquistador, irritava-se de estar encerrado

havia três meses na castidade obrigatória daquela posição perdida.

Como arranhassem à porta, o comandante gritou que abrissem, e um homem, um dos seus soldados automáticos, apareceu no vão, anunciando, apenas com sua presença, que o almôço estava pronto.

Na sala, encontraram os três oficiais de posto inferior: um tenente, Otto de Grossling; dois subtenentes, Fritz Scheunau-burg e o marquês Wilhelm de Eyrick, um loirinho orgulhoso e brutal para com os soldados, duro com os vencidos e violento como uma arma de fogo.

Após sua entrada na França, os colegas passaram a chamar-lhe Mlle. Fifi. Este apelido lhe vinha do jeito requebrado, do talhe esbelto que parecia cingido num espartilho, do rosto pálido onde um incipiente bigode mal aparecia, e, também, do hábito que ele tinha, para exprimir seu soberano desprezo dos séres e das roisas, de empregar a todo instante a locução francesa — *fi, fi, donc*, que pronunciava com um leve sibilo.

A sala de jantar do castelo de Uville era uma longa e suntuosa peça, cujos espelhos de cristal antigo, estrelados por balas, e as pesadas tapeçarias de Flandres, retalhadas a golpe de sabre e pendentes em certos lugares, denunciavam as ocupações de Mlle. Fifi em suas horas de desfastio.

Nas paredes, três retratos de família, um guerreiro de armadura, um cardeal e um presidente fumavam longos cachimbos de porcelana, enquanto que, em sua moldura desdoirada pelos anos, uma nobre dama de colo espartilhado mostrava num ar arrogante um enorme par de bigodes feito a carvão.

E o almôço dos oficiais transcorreu quasi em silêncio naquela peça mutilada, ensombrecida pela chuva, com seu triste aspecto vencido, e onde o velho assoalho de carvalho se tornara sólido como um chão de taberna.

A hora do fumo, quando começaram a beber, tendo terminado a refeição, ficaram, como todos os dias, a falar da monotonia em que viviam. As garrafas de conhaque e de licores passavam de mão em mão; e, todos, derribados sobre as cadeiras, bebiam a pequenos goles repetidos, conservando ao canto da boca o comprido canudo curvo que terminava em ovo de faiança, sempre pintado como para seduzir hotentotes.

Quando o copo esvaziava, tornavam a enchê-lo com um gesto de lassidão resignada. Mas Mlle. Fifi quebrava o seu a todo instante, e um soldado logo lhe estendia outro.

Uma cerração de fumo acre os afo-gava, e ele pareciam engolfar-se numa borracheira amodorrada e triste, nessa melancólica embriaguez dos que nada têm a fazer.

Mas o barão, repentinamente, se apur-mou. Uma revolta o sacudiu; ele protestou:

— Por Deus! Isto não póde continuar, é preciso inventar alguma coisa, afinal de contas.

O tenente Otto e o subtenente Fritz, dois oficiais de rudes e graves fisio-

mias, marcadamente germânicas, responderam a um tempo:

— Inventar o que, capitão?

Ele refletiu alguns segundos, depois continuou:

— O que? Ah, bem, é preciso organizar uma festa, se o comandante o permitir.

O major largou o cachimbo:

— Que festa, capitão?

O barão se aproximou:

— Eu me encarrego de tudo, comandante. Enviarei o Dever a Ruão para nos trazer mulheres; sei onde arranjá-las. Prepare-se aqui uma ceia; aliás, não falta coisa alguma, e, pelo menos, passaremos uma boa noite.

O conde de Farlsberg alçou os ombros, sorrindo:

— Você está louco, meu amigo.

Mas todos os oficiais se haviam erguido, cercando o chefe e suplicando:

— Permita, comandante, isto aqui é tão triste.

Afinal, o major cedeu: "Está bem", disse ele; e, em seguida, o barão mandou chamar o Dever. Este era um velho sub-oficial que ninguém jamais tinha visto sorrir, mas que cumpria fanaticamente todas as ordens de seus superiores, quaisquer que fossem.

Perfilado, com o rosto impassível, recebeu as instruções do barão; em seguida saiu, e, cinco minutos depois, um grande carro do trem militar, coberto por uma tolda de lona estendida em cúpula, abalava sob a chuva furiosa, ao galope de quatro cavalos.

Logo um frémito de alerta pareceu percorrer os espíritos. As posições de abandono se corrigiram, os rostos se animaram e iniciou-se uma palestra.

Se bem que a chuva continuasse com a mesma fúria, o major afirmou que estava menos sombrio, e o tenente Otto anunciava, convicto, que o céu ia clarear. Nem mesmo Mlle. Fifi parecia ter sossego. Erguia-se e tornava a sentar-se. Seu olhar claro e agudo procurava algo para quebrar. De repente, fixando a dama dos bigodes, o loirinho sacou do revólver. "Não assistirá a isso", disse; e, sem abandonar a poltrona, mirou. Duas balas furaram os olhos do retrato.

Em seguida, exclamou:

— Façamos a mina!

E, repentinamente, a palestra foi interrompida, como se todos tivessem sido tomados por um poderoso e novo interesse.

A mina era um invento seu, sua maneira de destruir, seu divertimento preferido.

Ao abandonar o castelo, o proprietário legítimo, o conde Fernand D'Amoy d'Uville, não tivera tempo de levar nem de ocultar nada, salvo a prataria escondida no buraco de uma parede. Ora, como ele fosse muito rico e suntuoso, o seu grande salão, cuja porta abria para a sala de jantar, apresentava, antes da fuga precipitada do dono, o aspecto duma galeria de museu.

Das paredes pendiam telas, desenhos e aquarelas de preço, enquanto que sobre os móveis, os aparadores, e nos armários elegantes, mil bibelôs, vasos de porcelana, estatuetas, figurinhas de Saxe e bonecos



da China, marfins antigos e cristais de Veneza, povoavam o vasto compartimento com sua multidão preciosa e extravagante.

Pouco restava agora. Não que alguém houvesse roubado; o major, conde de Farlsberg, absolutamente não o teria permitido; mas Mlle. Fifi, de vez em quando, armava a mina. E, todos os oficiais, nesse dia, se divertiam, de-fato, durante cinco minutos.

O jovem marquês foi buscar no salão o que precisava. Trouxe um pequenino bule da China, côr de rosa, encheu-o com pólvora de canhão, e, pelo bico, introduziu delicadamente um longo pedaço de estopim, acendeu-o e correu a colocar essa máquina infernal no compartimento vizinho.

Depois, voltou depressa, fechando a porta. Os alemães aguardavam, de pé, sorridentes, com uma curiosidade infantil na fisionomia; e, logo que a explosão estremeceu o castelo, eles se precipitaram juntos.

Mlle. Fifi, que entrara na frente, batia palmas delirantemente diante de uma Venus de terracota cuja cabeça afinal saltara; e cada um deles juntava pedaços de porcelana, maravilhando-se com os recortes estranhos dos cacos, examinando os novos estragos, contestando alguns outros como produzidos pela explosão anterior. E o major observava com paternal o vasto salão destruído por esse divertimento à maneira de Nero, polvilhado de destroços de objetos artísticos. Retirou-se em primeiro lugar, declarando com bonomia: "Esta, sim, foi boa".

Mas tal onda de fumaça invadira a sala de jantar, misturando-se com a do fumo, que não se podia mais respirar. O comandante abriu a janela, e os oficiais, voltando para beberem um último copo de conhaque, se aproximaram.



O ar úmido engolfou-se na peça, trazendo um cheiro de inundação e espécie de poeira d'água que pulverizava as barbas. Eles olhavam as grandes árvores vergadas sob a chuva, o amplo vale obscurecido por aquele aluvião de nuvensombrias e baixas, e, muito ao longe, o campanário da igreja, ereto como uma ponta cinzenta na chuva torrencial.

Desde a chegada deles que o sino da igreja não tocava. Era, afinal, a única resistência que os invasores tinham encontrado nos arredores: o sino. O vigário absolutamente não se recusara a receber e a alimentar os soldados prussianos; diversas vezes, até, aceitara beber uma garrafa de cerveja ou de bordêus com o comandante inimigo, que o utilizava, seguidamente, como intermediário benévolo; mas era inútil pedir-lhe um único tinido do seu sino; ele preferia ser fuzilado. Essa era a sua maneira de protestar contra a invasão, protesto pacífico, protesto do silêncio, o único, dizia ele, que convinha ao padre, homem de decura e não de sangue. E todos, por dez léguas em derredor, exaltavam a firmeza, o heroísmo do padre Chantavoine, que ousava afirmar o luto público e

proclamá-lo pelo mutismo obstinado de sua igreja.

A povoação inteira, entusiasmada com tal resistência prontificava-se a apoiar até o fim o seu pastor, a desafiar tudo, considerando esse protesto tácito como a salvaguarda da honra nacional. Parecia aos camponeses que, dessa forma, melhor faziam jus à gratidão da pátria do que Belfort e Strasbourg, e que davam um exemplo equivalente, immortalizando o nome do lugarejo; exceto isso, nada mais recusavam aos prussianos vencedores.

O comandante e seus oficiais riam dessa coragem inofensiva; e, como toda a região se mostrasse submissa e obediente, toleravam de bom grado aquele mudo patriotismo.

Só o jovem marquês Wilhem desejava forçar o sino a bater. Desesperava-o a condescendência política do seu superior para com o padre; e todos os dias suplicava ao comandante que o deixasse fazer "Ding-don-don" uma vez, uma única vezinha, para, apenas, rir um pouco. E pedia isso com graças felinas, com requebros femininos, com doçuras de voz de uma amante torturada por um dese-

jo; mas o comandante não cedia e Mlle. Fifi, para se consolar, fazia a "mina" no castelo d'Uville.

Os cinco homens ficaram ali, juntos, alguns minutos, aspirando a umidade. O tenente Fritz, finalmente, disse, com um riso pastoso:

Aquelas senhorritas, tectidamente, num terror pom tempo para sua passeio.

Em seguida se separaram, cada um para o seu serviço, e o capitão com muito que fazer para os preparativos do jantar.

Quando se encontraram de novo, ao cair da noite, puseram-se a rir ao ver-se tão elegantes, perfumados e untados como nos dias de parada. Os cabelos do comandante pareciam menos grisalhos que pela manhã; e o capitão se barbeara, conservando apenas o bigodé, como uma chama sob o nariz.

Apesar da chuva, deixaram a janela aberta; e um deles, às vezes, ia escutar. Às seis horas e dez minutos, o barão percebeu um rodar longínquo. Todos se precipitaram; e, logo, o grande carro se aproximou com seus quatro cavalos sempre a galope, enlameados até o lombo, esbaforidos e resfolegantes.

Cinco mulheres desceram pela escada, cinco belas raparigas escolhidas cuidadosamente por um camarada do capitão a quem o "Dever" levava um cartão deste.

Elas não se tinham feito rogar, certas de ser bem pagas, conhecedoras que eram dos prussianos, naqueles três meses que os vinham tentando, no empenho de tirar partido dos homens como das coisas. São "exigências do negócio", diziam consigo em caminho, como resposta a alguma agulhada secreta de um resto de consciência.

E imediatamente entraram na sala de jantar. Iluminada, parecia ainda mais lúgubre na sua lastimável desordem; e à mesa coberta de carnes, de baixela rica e da prataria encontrada na parede onde a escondera o proprietário, dava a esse lugar o aspecto duma taverna de bandidos que ceiassem após uma pilhagem. O capitão, radiante, apossou-se das raparigas como duma coisa familiar, abraçando-as, apalpando-as, farejando-as, calculando-lhes o valor como vendedoras de prazer. E, como os três jovens quisessem ficar cada qual com uma, ele se



O FASCO AINDA NÃO

Continuam empenhados na propagação da doutrina totalitária os inimigos da democracia. À maneira dos "lobisomens" na Itália, os governos

Texto e fotos da KEYSTONE especialmente para "EVIL"

RECENTEMENTE, surgiram provas irrefutáveis de que sobrevivem na Alemanha organizações clandestinas dos nazistas: os "lobisomens", o "partido nazista secreto", os "bundeswehr" e outros grupos preparados e treinados por Heinrich Himmler e seus assessores para manter vivo o movimento hitlerista e para "vingar os mortos e os líderes que desapareceram com o Fuehrer". Essas organizações agem na sombra, sem o aparato e sem a força, a amplitude e a importância do antigo nazismo, na época em que este enchia os horizontes políticos da Alemanha, — mas, de qualquer forma, tem praticado muitos assassinatos de autoridades aliadas, de alemães democratas,

Em cima: à esquerda, a polícia prende uma quantidade de milho que devia ser racionada; embaixo: à esquerda, os carabinieri desarmam uma trabalhadora escondida na casa de um eleitor; à direita: um dos tocos de canoas em Milão pelo Grupo



SCISMO NÃO MORREU!

na propaganda subterrânea da ne-
os inimigos da vida democrática —
nazistas, o "grupo Nemesis"
lia governo ditatorial.

ON PRESS AGENCY, de Londres,
a "REVISTA DA SEMANA".

provas
ivem
ndes-
s", o
huh"
ados
eclas
rista
que
Essas
apa-
im-
a em
ticos
orma,
e au-
tatas,

e atos de sabotagem, além de outras per-
turbações.
Também no Norte da Itália, a exemplo
do que acontece na Alemanha com o
nazismo, está ainda vivo, subterrânea-
mente, o fascio de Mussolini, que causou
a desgraça da Itália, mas que muitos lou-
cos ainda seguem fanaticamente. O re-
porter fotográfico da Keystone foi con-
vidado a acompanhar numerosas dili-
gências da polícia italiana, agora a serviço
da democracia, contra elementos suspe-
tos e outros até mesmo declaradamente
fascistas, nas áreas do Norte da Itália
mais afetadas por greves, distúrbios e
motins políticos. São, na verdade, miserá-
veis as condições de vida nas áreas in-

nde e
sabotador que escondia no seu paiol grande
aciona-
o: em cima, à direita: uma velha dá informa-
ção
sua aldeia, onde ainda existem fascistas em
descobrem cunhetes de munição e uma me-
ele
to fascista: ao centro, um italiano suspeito
polícia, para mostrar que não tem armas es-
carte
s impressos clandestinamente e distribuídos
pelo
Grupo Nemesis".



GRUPPO NEMESIS
Il Duce
W il FASCISMO

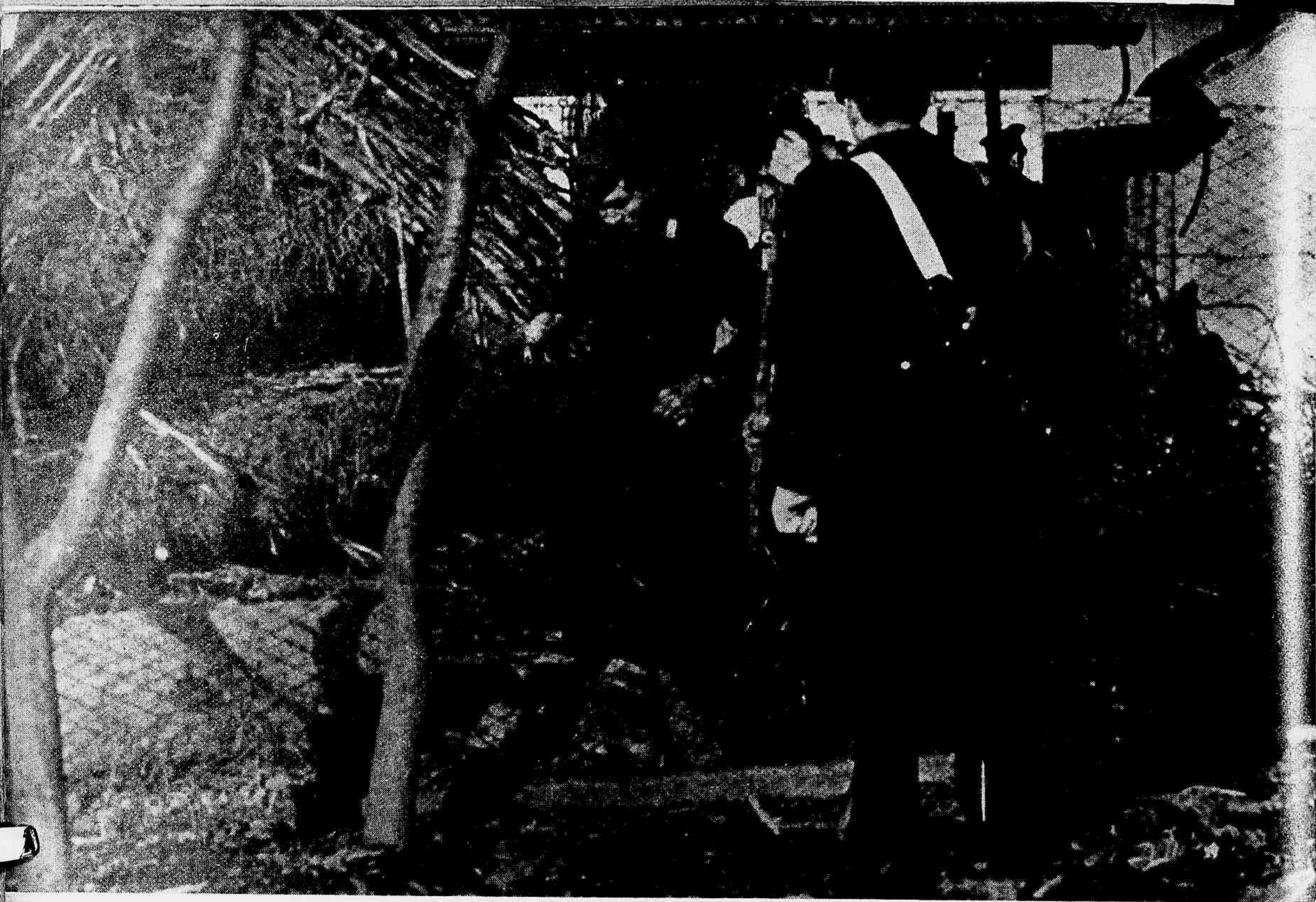
Il Duce è vivo ne
cuori Italiani





Na página ao lado: praguejando e insultando a polícia, uma jovem e uma velha italianas, são arrastadas para fora de casa, afim de serem revistados os aposentos e o celeiro de suas casas. Em cima: o conteúdo de uma carroça suspeita é esvasiado, para que a Polícia o reviste. Em baixo: um posto público de informações sobre os prisioneiros italianos ainda retidos na Rússia.





Em cima: carabinieri da policia italiana dão uma busca, acompanhados pelo fotógrafo da Keystone. Aqui não foi encontrada munição de espécie alguma... Mas...

dustriais e as lutas políticas, entre o governo e os partidos que herdaram a herança trágica do lunático Mussolini tornam ainda piores essas condições. A incerteza pela sorte dos soldados italianos aprisionados na frente russa contribuiu para fazer com que fermentem ainda mais os ânimos. Os postos de informações sobre os prisioneiros são muito procurados e os fascistas, manhosamente, fazem comícios ao pé dos mesmos, proclamando a "fartura dos tempos de Mussolini", como se não tivesse sido o ditador justificado o culpado da prisão de tantos milhares de italianos, lançados à guerra em defesa dos alemães, povo a que não estimavam e com o qual nada tinham em comum, a não ser o regime ditatorial vergonhoso e humilhante para qualquer nação civilizada.

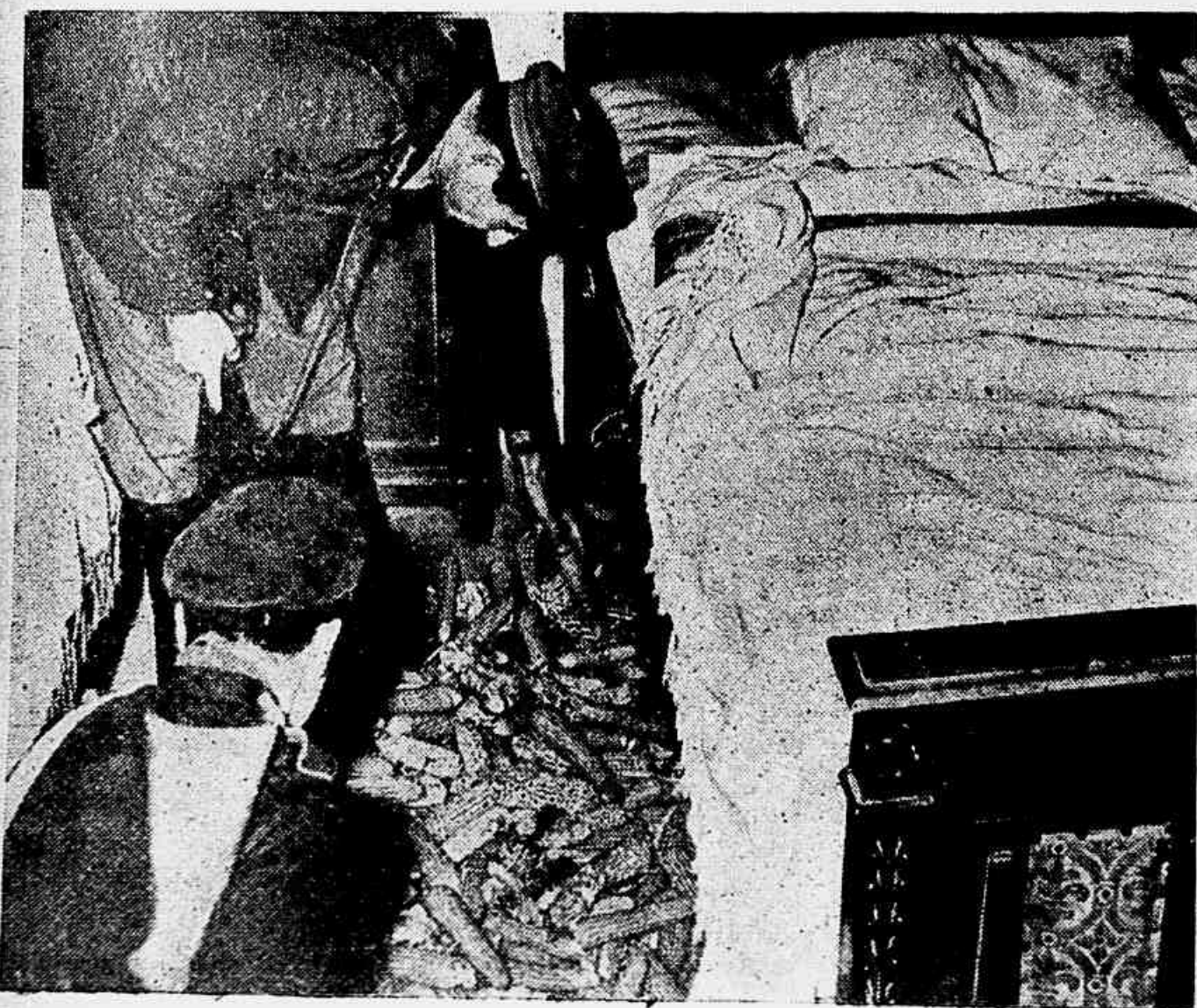
Em Milão, uma noite, um carro a veloz, sem sinais exteriores de identificação, percorreu as ruas, em marcha rápida, deixando os seus passageiros cair de dentro do mesmo cartazes e prospectos toscamente impressos, com os dizeres: "GRUPPO 'NEMESI' — W IL DUCE. W IL FASCISMO. IL DUCE È VIVO NEI CUORI ITALIANI". O que quer dizer: Grupo Nemesi. Viva o Duce. Viva o fascismo. O Duce é vivo nos corações italianos". Nemesi, como se sabe, é o Deus da vingança. Pelo correio, autoridades democráticas recebem cartas ameaçadoras contendo, dentro, papéis com a insignia fascista, — às vezes legendas com a declaração de "Esquadrão de Ação Mussolini". A alguns, chegou a notícia de que eles, os destinatários de tais missivas, haviam sido condenados à morte e se-

riam "oportunamente executados". Esses episódios têm se registrado por toda a Itália, obrigando a polícia a pacientes investigações, para descobrir os autores de tais ameaças. As vezes, os muros são pixados, com uma letra apenas, um "M", que é a inicial de Mussolini.

As autoridades italianas não agem apenas por conta própria. As nações aliadas têm, também, recomendado energia nas investigações e no combate às organizações clandestinas nazistas, afim de evitar que estas possam ter, outra vez, influência nos destinos do povo italiano. Esquadrões de carabinieri, fortemente armados, têm percorrido todos os lugares suspeitos, à procura de armas escondidas, ou de munições, ou, ainda, de material de propaganda ilícita. De quando

em quando, há uma descoberta, — e algumas prisões são realizadas. Mas é preciso notar-se que o fascismo dominou a Itália através de um quarto de século e que tem inúmeras ramificações. Seu sistema de espionagem, delação, pseudo-atividades militares, etc., tudo isso envenenou de tal forma a mente de muitos italianos, que a extirpação total do tecido gangrenoso totalitário terá de ser removido com muitas cautelas e não pequenas dificuldades. Esses elementos malsãos e anti-democráticos não se regenerarão, nem se integrarão de bom grado na sociedade democrática. "Uma vez fascista, sempre fascista", é o que se pôde dizer de qualquer indivíduo contaminado por esse vírus. E por isso mesmo é preciso exercer sobre ele permanente e infatigável vigilância.

Em baixo, à esquerda: se não havia munições na casa do italiano que figura no alto da página, seus aposentos estavam, no entanto, cheios de espigas de milho, sonegadas ao consumo... — À direita: a polícia detém uma carroça suspeita para exame.



VOCÊ sabe, minha amiga, o que é "auto crítica"? Auto crítica é a sinceridade, a honestidade com que uma pessoa se avalia a si própria. É aquele sentimento que impede que você saia na rua com um traje ridículo, ou um "maquillage" exagerado, aquela que aparece no momento exato em que você vai dizer alguma coisa tola.

É uma coisa que todos esperam das mulheres, deveriam esperar... Só assim não veríamos tantos verdadeiros disparates ambulando com os quais deparamos a cada instante. São senhoras gordas e quarentonas de saínhas e de trejeitos brejeiros; são as "metidas" a "vamp", as criaturas que usam as roupas inconvenientes e inadequadas, são outras que se exibem audaciosamente quando a sua figura pede com urgência que a enfeitem...

São cabeleiras exageradas e mal penteadas, cabelos sujos, a esvoaçante no rosto da gente; e esses cabelos em geral caem sobre rostos "maquillados", como se só a maquiagem interessasse...

São outras ainda que deixam que saiam pontas de aças e pedras de combinações, ou que esboçam as meias constantemente enrugadas, dando uma desagradável impressão de negligência...

A mulher que tem auto crítica, não sai de casa sem se examinar detidamente dos pés à cabeça; sabe o que lhe convém; isto é veste-se de acordo com o seu tipo e com a sua idade, evitando sempre o ridículo.

Além disso é simples, natural, tem confiança em si própria justamente porque se analisa com honestidade.

A auto crítica não é apenas considerada em relação à indumentária e aos cuidados físicos, mas também em relação a atos e gestos públicos, íntimos ou sociais...

Atinge a todos os setores da vida humana; tem grande relação com os pretenciosos e cabotinos, mas, aí já viria outra crônica...

Hoje, quero apenas me referir a essas criaturas cuja aparência denota a mais completa falta de auto crítica; a essas pessoas que ao passar na rua, despertam compaixão ou hilaridade... E tudo por não quererem enxergar!

E tudo porque não têm a capacidade e a coragem de dizer: "não, eu assim mais pareço uma bruxa!..."

★

Mais um modelo de noiva oferecemos hoje às nossas leitoras. Este é sugerido por Joan Leslie, da Warner Bros., e executado em cetim. O corpete é muito ajustado, o decote redondo, com recortes bordados, mangas "presunto", sala com farto "godet" e longa cauda. Veu de "tulle", longo. Dois grupos de flores enfeitam a cabeça.



NOS BASTIDORES FEMININOS



CHAPÉUS MODERNOS



TERESA WRIGHT, essa figurinha delicada e bonita que em breve veremos em "Os melhores anos de nossa vida", oferece às suas "fans" do Brasil, três lindíssimas sugestões para chapéus de inverno. A encantadora "estrela" da RKO Radio apresenta um modelo bastante

feminino, executado em veludo cinza, com véu e pluma pretos. Observem a originalidade da sua luva, também de veludo cinza, dando um "toque" inteiramente novo à sua "toilette". Para o "cocktail" ela selecionou este elegantíssimo modelo de cetim preto, gênero "beret", com plumas pretas de um lado.



UM casaco de peles, é uma verdadeira atração para a mulher. De fato, ele a embeleza muito e lhe dá um "quê" elegante e "chic" que dificilmente se obtém com outra "toilette". Esther Williams e Frances Gifford, da MGM, apresentam alguns agasalhos das suas coleções particulares. Em cima, da esquerda para a direita: Pêlo da Pérsia e feltro cinza, são usados neste casaco esportivo, de mangas largas. Para ocasiões menos cerimoniais, este casaco de lontra é o mais indicado. E' cintado também, arrematado na frente por um nó com duas pontas. Para as horas mais elegantes, Esther Williams prefere este maravilhoso casaco de "mink", cintado e com mangas "três-quartos" largas. O chapéu é de plumas de avestruz, rosa pálido. Em baixo, à esquerda: E agora, cabe à Frances Gifford exibir o seu valiosíssimo casaco de "mink", com mangas bastante largas. Tem a vantagem de poder ser usado tanto para a rua como para ocasiões mais formais.

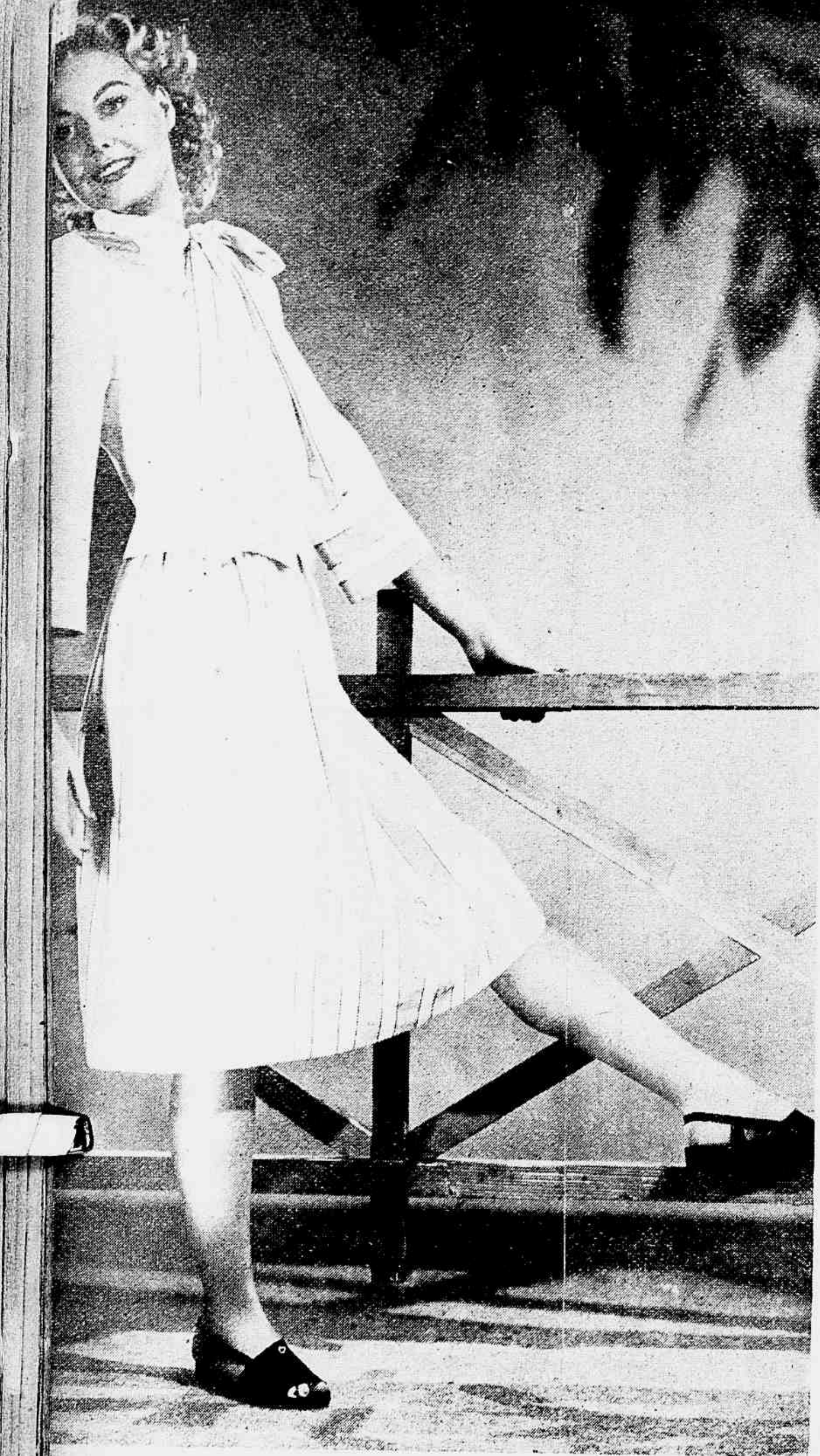
PELES...



MODELOS

HA certos modelos que apesar de simples, dão à sua dona esse ar gracioso que tanto realça os seus encantos. Outros vivem de pequenos detalhes, outros ainda demonstram a imaginação do seu criador, mas todos visam o mesmo fim: embelezar a mulher. Hoje oferecemos às nossas leitoras alguns modelos bastante graciosos e interessantes. Ao alto, à esquerda: Esta é Adele Mara, da Republic, com um vestido listrado, sobre o qual usa uma jaqueta branca, muito ajustada. Um grande laço ao pescoço, termina em pontas. Mangas "três-quartos".

Em baixo: Blusa muito feminina que sugere beleza de medalhão. E' executada em "chiffon" cinza claro, com renda preta, de seda, formando pala e decote. Babados "godets" e franzidos são aplicados ao redor da pala e nas mangas, sob os punhos. Sugestão de Phyllis Thaxter, da MGM. Modelo para "jeune-filles", de Carven. E' executado em lã bege, e tem interes-



GRACIOSOS

trabalho de nervuras, formando "godet" profundo na saia. Mangas de corte moderno ajustadas nos cotovelos. Em baixo, à esquerda: Cyd Charisse, outra encantadora figurinha da MGM, usa este "duas-peças" de lã cinza, bordado em violeta e verde e vários tons. O casaco, sem botões, tem a gola alta, arrematada por duas pontas em forma de "echarpe". Observem também o quanto é original a bolsa executada no mesmo tecido e com o mesmo bordado. Em baixo, à direita: Camisola de cetim rosa pálido com delicada renda branca no decote e nas mangas, apresentado por Catherine Mc Leode. Ao lado, à direita: Novamente de Adele Mara é este "duas-peças" em fina lã listrada, amarelo e branco, com a jaqueta com listras em sentido contrário ao da saia, mangas de cava larga, fechadas por punhos sob o cotovelo. Gola "chemister".





BUSCANDO inspiração na era Victoriana, Phyllis Thaxter, "estrela" da MGM, do filme "Tenth Avenue Angel", selecionou este modelo para a noite, utilizando-se do tecido estampado para um traje formal. A figura número 1 nos mostra a interessante capinha "godet" que forma a gola, e que termina atrás em profundo "V". O corpete é justo, e sobre os quadris há duas bandas bastante drapeadas. A saia é "godet". Na figura 2, vemos o belíssimo efeito obtido pelos "apanhados" do drapeado

GALA

dos quadris, que caem em farto "godet", formando ligeira cauda. Este modelo, aconselhamos especialmente às moças altas e magras. O tecido é estampado com motivos musicais, o que lhe dá anda maior encanto. Na página à direita: A famosíssima Ingrid Bergman aqui nos aparece com um deslumbrante modelo para jantar em lamé dourado. Decote em "V", mangas compridas, justas, saia com ligeiro "godet" acentuado abaixo dos joelhos.



A elegantíssima Rosalind Russell, usa para a rua, este costume de lã quadriculada preto e branco, de talhe clássico e saia com "macho". Para completar, "sweater" de jersey de seda verde vivo. (Foto RKO Rádio).





SEGUNDO AMOR

Premiado no Concurso Permanente de REVISTA DA SEMANA

Ela bate um lenço para mim. Vejo lágrimas em seus olhos. Lentamente, o trem vai sumindo na noite escura. E dentro dele vai Dejanira. Aquela que foi o meu anjo salvador numa das fases mais difíceis de minha vida. Não acreditava que existissem, ainda, no mundo, criaturas iguais a ela. A sua doce amizade fez as minhas forças voltarem de novo. As suas mãos, brancas como a neve que eu tinha, na-

quela época, em meu coração, abriram as portas da vida, que tinham se fechado para mim. E agora ali estava eu, sozinho, sem ela. O comboio já devia estar bem distante. Fizera mal, deixando-a partir. Mas não havia mais jeito. Ou talvez houvesse. Estava dramatizando muito a situação. Poderia escrever-lhe, pedindo que voltasse. Ou então ir visitá-la e lhe dizer, francamente, que não poderia viver sem

ela. O melhor agora era ir, mesmo, para casa. Não adiantava nada ficar ali parado, pensando na vida. Quanto mais pensamos, pior. Devemos apenas viver, viver fazendo o bem, como Dejanira me disse. Queria esquecer, distrair-me, mas estava sempre pensando os pensamentos de Dejanira.

Comecei a andar pelas ruas desertas àquela hora. Perto de mim passou um casal muito abraçado, naturalmente para espantar o frio. Às 12 e meia che-

guei em casa e dormi bem, ao contrário do que supunha. Mas no outro dia acordei triste, sentindo que me faltava alguma coisa. Entrei no quarto em que ela dormia. E voltaram, claras, aos meus ouvidos as suas palavras: "Não posso, Roberto, não poderei fazer o que você quer. É inútil a sua insistência. Peço-lhe, por favor, não continue. Assim será melhor para mim e para você também".

(Continua na pág. 54)

Quas blusas

E UM ELEGANTE MODELO

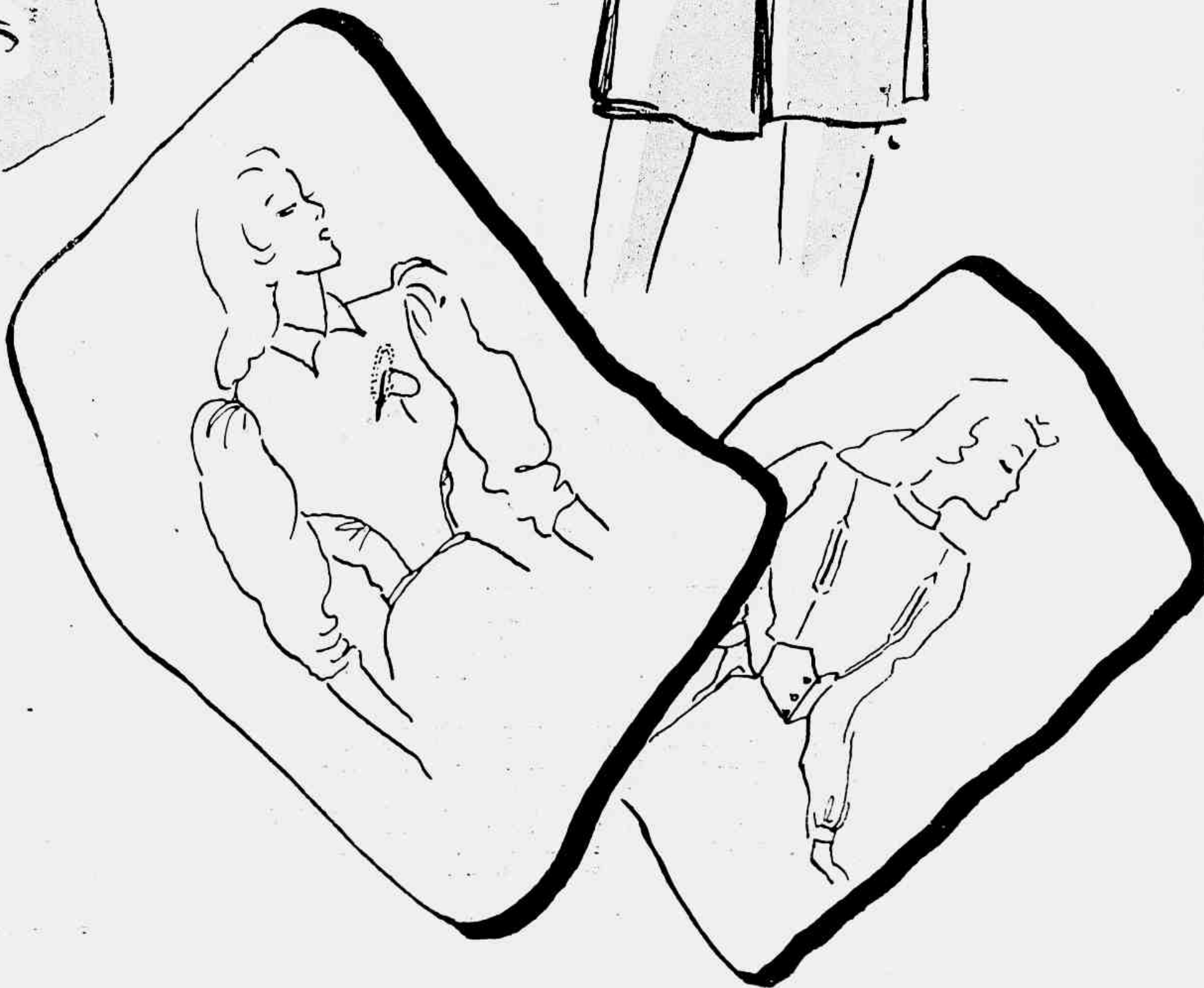
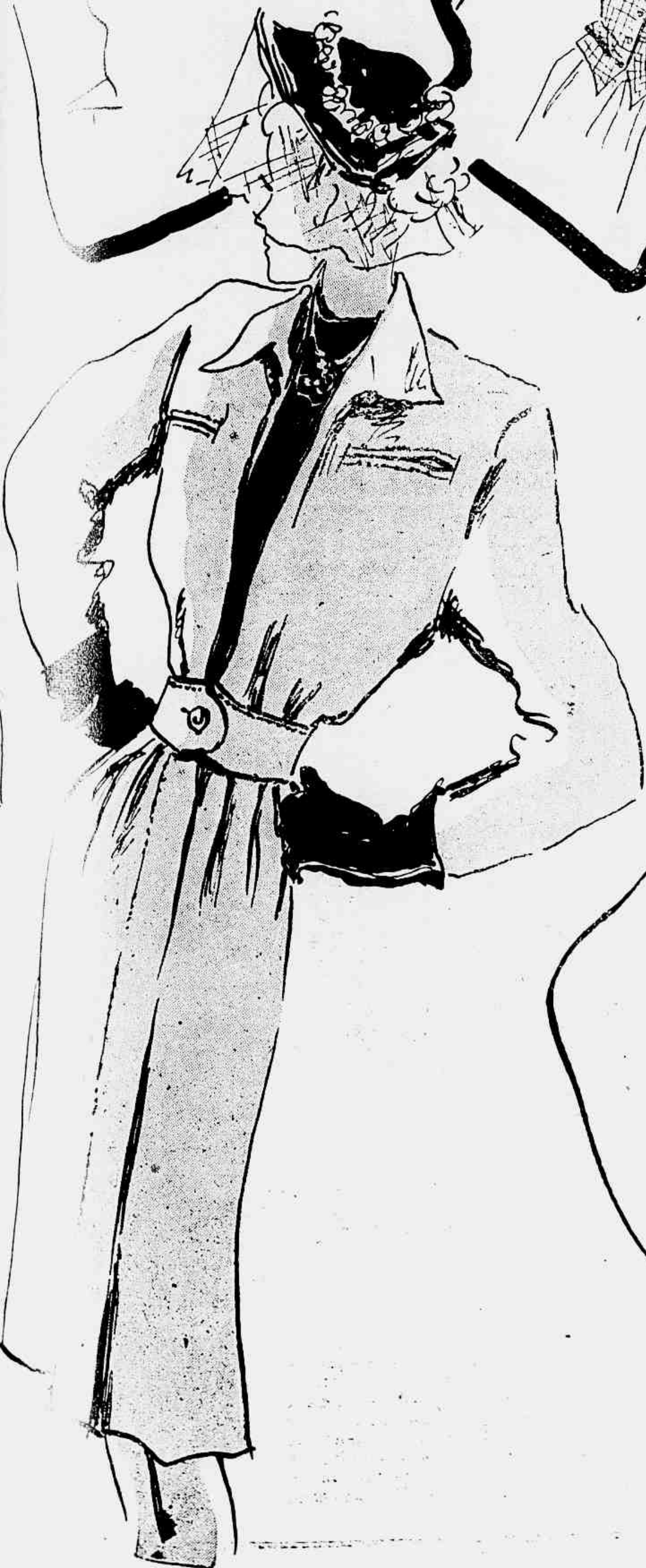
"Manteau" verde-oliva, esportivo, com duas carreiras de pequenos botões. Cintura ajustada.

a) — Blusa de cetim creme, com pregas partindo dos ombros.

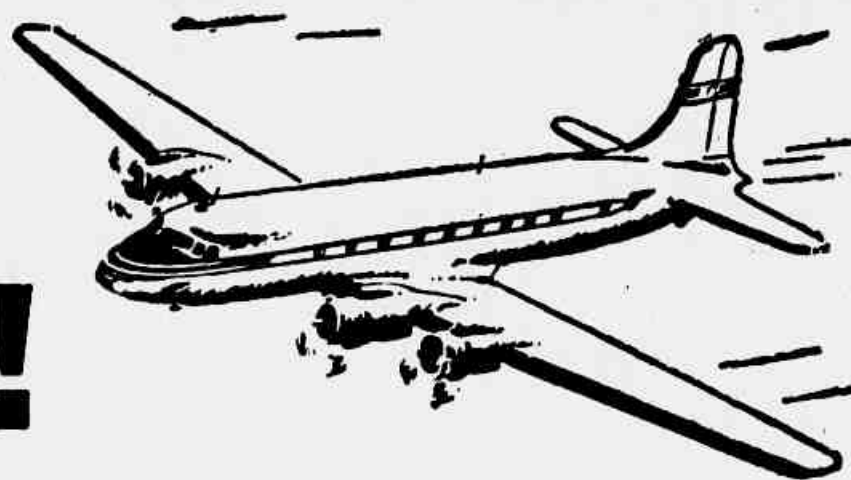
b) — Para a manhã, blusinha de opala branca, com "pois" verdes.



Casaco belga "três-quartos", com mangas "kimono". O cinto é preso ao casaco, abotoando na frente. Saia marrom.
a) Uma blusa elegante, de organdi branco, decorada com valencianas e pequenos botões de cristal.
b) Em tricot azul é este modelo que veste Lem para a manhã.
"Manteau" cinza, muito "chic", fechado somente na cintura, com um grande botão.
As mangas terminam com punhos abotoados.
a) para "après-midi", blusa de seda branca. Pala sobre os ombros.
b) colete xadrez, em cinza ou bege muito prático.
"Manteau" que com suas abas laterais, imita o "tailleur". Cor cinza claro.
a) Blusa de seda cinza, com mangas "três-quartos". Monograma original. A saia é preta.
b) Blusa simples, juvenil, com mangas compridas. Bolsos muito interessantes. Cintura cinza. Saia preta.



Voe por Clipper ...é mais fácil!



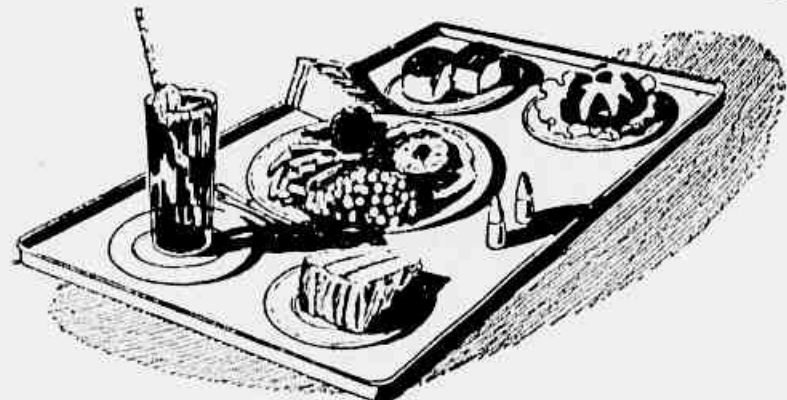
★ É mais fácil porque um corpo de funcionários especializados em viagens internacionais, está sempre pronto para lhe prestar assistência em todos os pormenores da sua viagem de *Clipper*, para qualquer parte do mundo servida pela PAA. Um telefonema para o escritório da Pan American mais próximo é tudo quanto V. S. terá que fazer.



★ Os passageiros são unânimes em proclamar a presteza e eficiência que oferece um voo de *Clipper*. Da reserva da passagem ao desembarque, verificam que os solícitos funcionários da Pan American tudo fazem para tornar a viagem um motivo de inesquecível prazer.



★ Aonde quer que as suas viagens levem V. S. — da luxuriante beleza dos trópicos às majestosas geleiras do Alasca — é fácil divisar a grandiosidade do panorama através das janelas dos gigantescos *Clippers*. Peça ao aero-moço para lhe mostrar os pontos mais interessantes durante o trajeto — ele terá a maior satisfação em atender aos seus menores desejos.



★ Jantar não constitui um problema a bordo de um *Clipper*. Refeições quentes, deliciosas, preparadas por exímios mestres-cucas, são servidas graciosamente. V. S. poderá saborear um apetitoso sanduiche ou uma refrescante bebida a qualquer momento. Os aero-moços estão sempre prontos a lhe servir...

Voe pela PAA... experiência sem PAR!

A tenacidade dos técnicos da Pan American conseguiu reduzir a uma ciência exata o maior inimigo das viagens aéreas — o tempo. Espalhados pelos mais longínquos recantos do globo, os meteorologistas da PAA mantêm uma constante vigília — prevendo as condições atmosféricas — assinalando as zonas perigosas — levando a efeito minuciosos estudos cartográficos — fornecendo um serviço de vital importância, consoante à norma da Pan American de sempre oferecer ao público viajante os padrões mais elevados de segurança e conforto.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE.
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



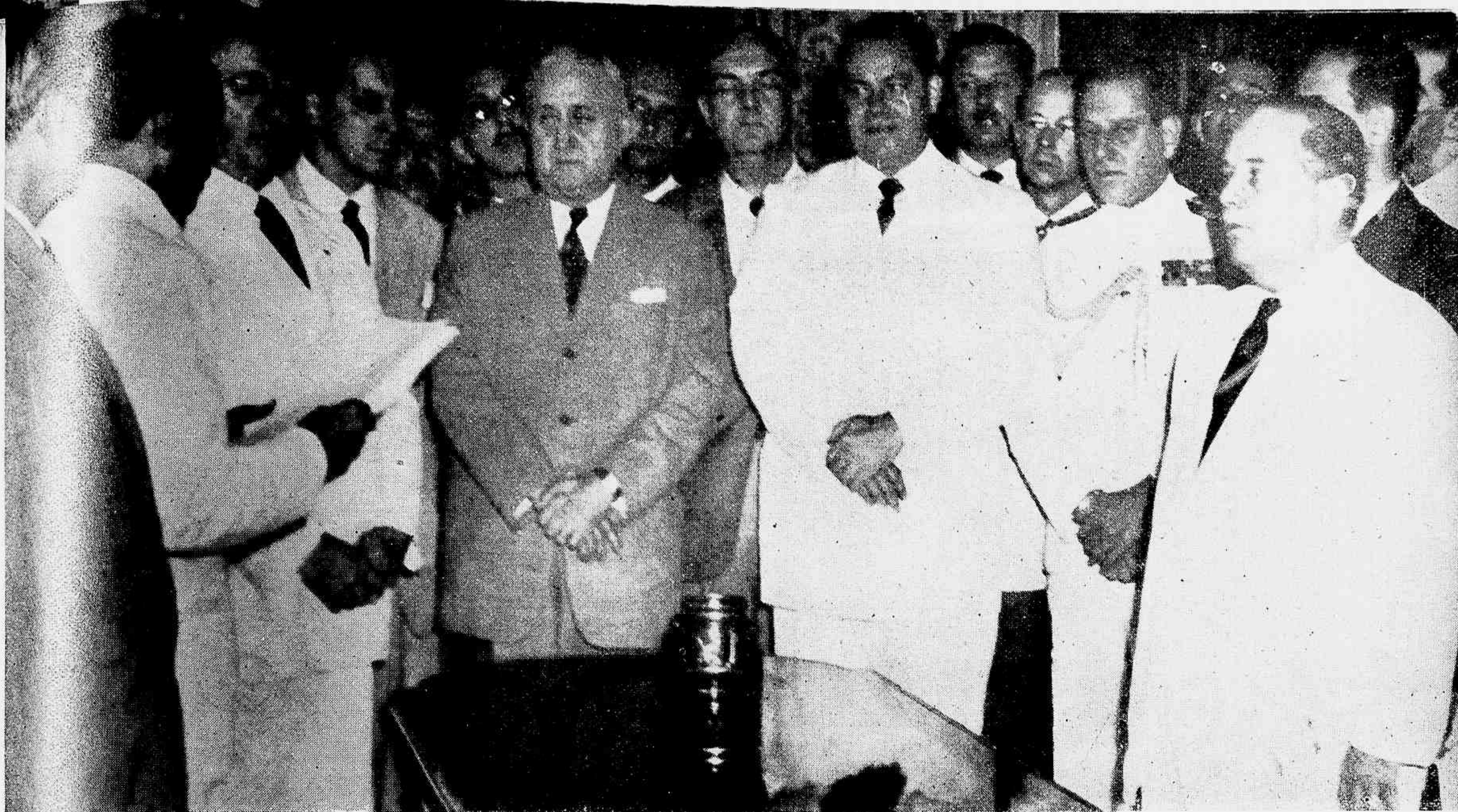
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



PAA

A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antigua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica —
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia
— Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana
— República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.



No Palácio do Catete, o General Eurico Gaspar Dutra, tendo à sua direita o Ministro do Trabalho, ouve a leitura da mensagem de solidariedade dos trabalhadores brasileiros.

AS COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO

O PRIMEIRO PASSO MAGNÍFICO DE UMA EMPRESA DE GIGANTES

A solenidade da entrega do 1º Grupo Residencial de Marechal Hermes à "Fundação da Casa Popular" — Outras cerimônias da maior data dos Trabalhadores.

BEM dissemos, por ocasião da posse do senhor Morvan Dias de Figueiredo na pasta do Trabalho, que era S. Excia., o homem para o cargo, numa hora em que, a par de urgentes e sábias medidas no terreno econômico-financeira, também havia a necessidade premente de realizações práticas e de elevado cunho social.

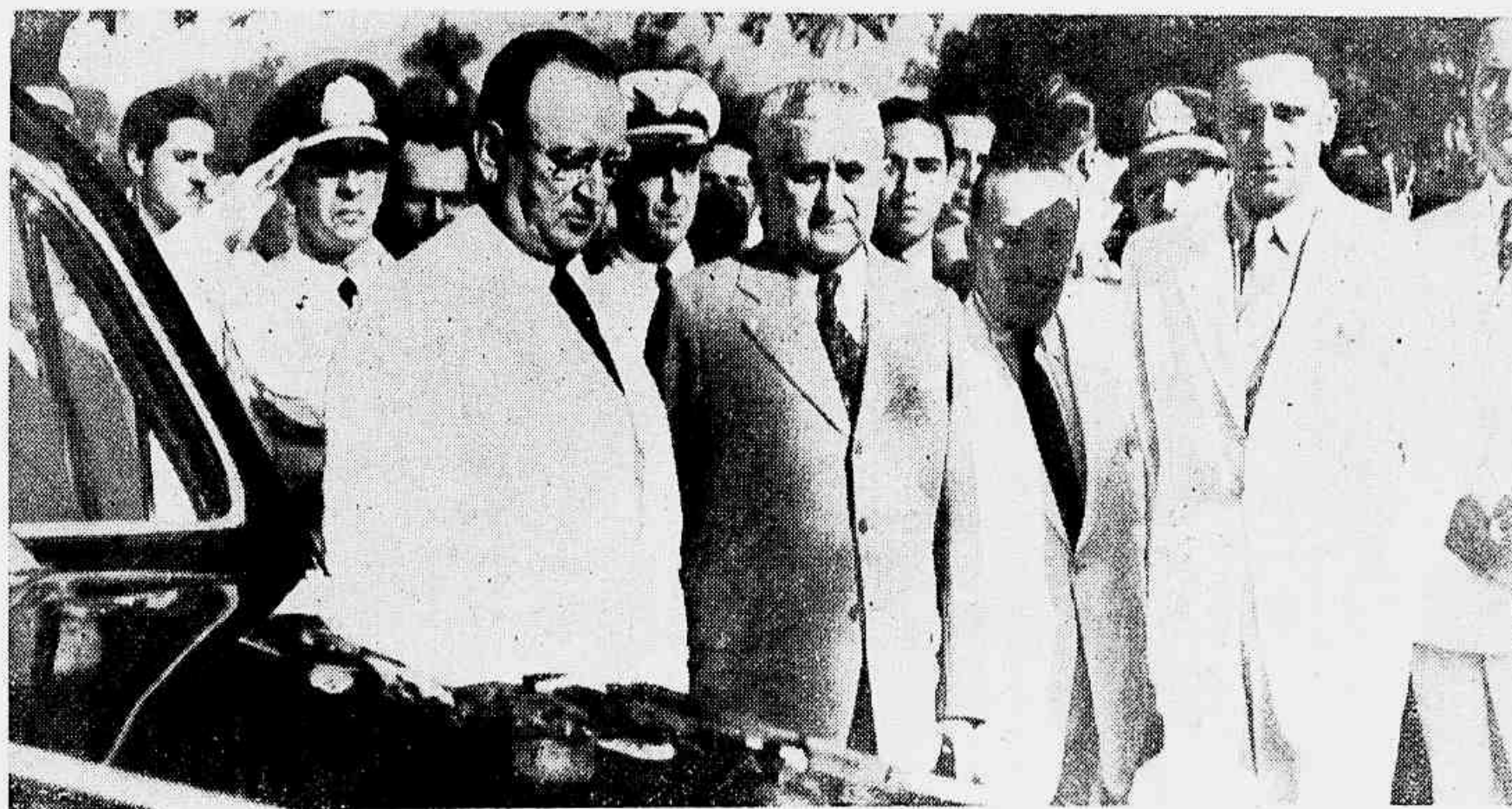
E que tínhamos inteira razão está confirmado pelo que, em menos de cinco meses, surge como resultado de sua ação esclarecida no Ministério do Trabalho.

Entre as comemorações do 1º de Maio, destacou-se como o marco inicial de uma empresa de ilimitado alcance, a cerimônia da entrega do primeiro Grupo-Residencial, de Marechal Hermes, à "Fundação da Casa Popular" que o Governo constitucional organizou e concretizou de maneira a não permitir qualquer dúvida quanto ao seu prodigioso benefício social, pois que facilita, por todos os meios e rapidamente — segundo o desejo repetidamente manifestado pelo senhor Presidente da República — a obtenção da casa própria pelos funcionários e trabalhadores nacionais.

O Conselho Administrativo da "Fundação da Casa Popular", constituído por técnicos de renome e da escolha do senhor Morvan Dias de Figueiredo, não descansou na execução da obra benemérita de levar avante o grandioso plano. E esta louvável dedicação já apresentou os primeiros esplêndidos resultados, de que é testemunho a solenidade presidida pelo senhor Morvan Dias de Figueiredo e que mereceu a presença do Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, que assim levou o seu aplauso ao patriótico dinamismo do senhor Ministro do Trabalho.

Após esse primeiro Grupo Residencial de Marechal Hermes, outros serão construídos sob a gestão do senhor Morvan Dias de Figueiredo, e entregues aos funcionários e trabalhadores brasileiros, num atestado eloquente de que o atual Ministro do Trabalho está realmente empenhado na realização de um vasto e brilhante programa cujos objetivos principais são a assistência desvelada e o amparo eficiente a todos os que trabalham pela grandeza do Brasil.

Nas comemorações do 1º de Maio, o senhor Morvan Dias de Figueiredo presidiu a outras solenidades, como a grande festa oferecida aos trabalhadores na Quinta da Boa Vista, comparecendo ainda ao Palácio do Catete onde apresentou ao Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra a Comissão dos Trabalhadores que foi levar ao Presidente da República uma mensagem de agradecimento e de inteira solidariedade ao Governo.



O senhor Presidente da República e o senhor Morvan Dias de Figueiredo, assistem, na Quinta da Boa Vista, ao desenrolar dos festejos promovidos em homenagem aos trabalhadores.



Flagrante da solenidade de entrega do primeiro Grupo Residencial de Marechal Hermes à "Fundação da Casa Popular", com a presença do Exmo. Sr. Presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra, que se vê, rodeado pelo senhor Morvan Dias de Figueiredo, Ministro do Trabalho; D. Jayne Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro e outras autoridades civis e militares.

Nem se pergunta*



só uso Kolynos! diz Merle Oberon

famosa estrela da UNIVERSAL PICTURES que aparece em "NIGHT IN PARADISE"

Nada mais natural! Kolynos deixa os dentes limpos e brilhantes; a boca fresca e perfumada. Um só centímetro de Kolynos dá à boca uma incomparável sensação de saúde e bem estar. As mais belas mulheres do mundo estão de acordo em que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

Mademoiselle Fifi

(Continuação da pág. 29)

opôs a isso com autoridade, reservando-se o direito de fazer a partilha com toda a justiça, de acordo com os postos, para não ferir a hierarquia.

Então, afim de evitar qualquer discussão, qualquer reclamação, ou suspeita de parcialidade, alinhou-as por ordem de altura, e dirigindo-se à maior, disse, em tom de comando:

— Teu nome?

Ela respondeu, engrossando a voz:

— Pamela.

Então, ele proclamou:

A número um, a chamada Pamela, tocará ao comandante.

Beijando, em seguida, Blondine, a segunda, em sinal de posse, ofereceu a gorda Amanda ao tenente Otto, a Eva "Tomate" ao sub-tenente Fritz, e a menor de todas, Rachel, uma morena muito jovem, de olhos negros como borrões de tinta, uma judia cujo nariz adunco confirmava a regra que caracteriza a sua raça, ao mais jovem dos oficiais, ao frágil marquês Wilhem d'Eyrik.

Todas, aliás, eram bonitas e gordas, mais ou menos parecidas, assemelhando-se em tudo pela prática quotidiana do amor e a promiscuidade das casas públicas.

Os três rapazes pretendiam logo carregar suas mulheres, sob o pretexto de lhes oferecer escovas e sabão para se lavarem; mas o capitão se opôs a isso prudentemente, afirmando que elas estavam bastante limpas para sentar à mesa e que aqueles que subissem queriam trocar ou descer, perturbando os outros pares. Sua experiência prevaleceu. Houve, então, apenas muitos beijos, beijos de expectativa.

Súbito, Rachel sufocou, tossindo até às lágrimas e expirando fumaça pelas narinas. O marquês, sob o pretexto de beijá-la, acabava de soprar-lhe um jato de fumo na boca. Ela não se zangou, não disse uma única palavra, mas fixou seu possuidor com uma cólera acesa no fundo do olhar negro.

Sentaram. O próprio comandante parecia encantado; colocou Pamela à sua direita, Blondine à esquerda e declarou, desdobrando o guardanapo:

— Você teve uma idéia encantadora, capitão.

Os tenentes Otto e Fritz, polidos como se estivessem ao lado de senhoras, intimidavam um pouco suas companheiras; mas o barão de Kelweinstein, entregando-se ao seu prazer predileto, brilhava, dizia frases picantes, parecia incendiado com sua coroa de cabelos vermelhos. Galanteava em francês do Reno; e suas cortesias de taberna, expectoradas pelo buraco dos dois dentes quebrados, chegavam às raparigas em meio duma metralha de saliva.

Elas, entretanto, não compreendiam coisa alguma; e sua inteligência só pareceu despertar quando ele cuspiu palavras obscenas, expressões cruas, estropiadas pelo sotaque. Então, todas ao mesmo tempo, começaram a rir como loucas, caindo sobre o ventre dos companheiros, repetindo os termos que o barão começou a deturpar propositadamente para fazê-las dizer torpezas. Elas as vomitavam à vontade, embriagadas desde as primeiras garrafas de vinho; e, voltando ao que eram, expandindo-se, beijavam os bigodes da direita e os da esquerda, beliscavam os braços, lançavam gritos furiosos, bebiam em todos os copos, cantavam coplas francesas e trechos de canções alemãs aprendidas nas suas relações quotidianas com o inimigo.

Logo, os próprios homens, embriagados por aquela carne de mulher exposta ante o seu nariz e às suas mãos, exaltavam-se, berrando, quebrando a baixela, enquanto, atrás deles, os soldados, impassíveis, os serviam.

Só o comandante guardava compostura.

Mlle. Fifi colocara Rachel sobre os joelhos e, animando-se a frio, ora beijava loucamente os crespinhos de ébano do seu pescoço, aspirando o doce calor do corpo e toda a fragrância de sua pessoa, pelo pequeno espaço entre a pele e o vestido; ora, através da roupa, beliscava-a furiosamente, fazendo-a gritar, tomado duma ferocidade raivosa, dominado pela sua necessidade de destruição. Outras vezes, também, tomando-a nos braços,

apertando-a como se quisesse confundi-la consigo próprio, apoiava longamente os lábios sobre a boca fresca da judia e a beijava até perder o fôlego. Mas, de repente, mordeu-a com tanta força que um filete de sangue desceu sob o queixo dela e caiu no corpinho.

Ainda uma vez a rapariga o encarou e, limpando o ferimento, murmurou:

— Isto se paga.

Ele começou a rir, um riso cruel. E disse:

— Eu pagarei!

Chegava-se à sobremesa; enchiam as taças de champanha. O comandante ergueu-se e, no mesmo tom em que saudaria a imperatriz Augusta, brindou:

— As nossas damas!

E começou uma série de brindes, brindes duma galanteria de soldados e de borrachos, de mistura com gracejos obscenos, tornados mais estúpidos ainda pela ignorância do idioma.

Erguiam-se um após outro procurando espírito, esforçando-se por parecerem engraçados; e as mulheres, cambaleantes, os olhos vagos, os lábios pastosos, aplaudiam freneticamente.

O capitão, sem dúvida, querendo dar à orgia um ar galante, ergueu ainda uma vez o copo, e disse:

— As nossas vitórias sobre os corações!

Então, o tenente Otto, espécie de urso da Floresta Negra, aprumou-se, inflamado, saturado de bebidas. E, tomado repentinamente de um patriotismo alcoólico, gritou:

— As nossas vitórias sobre a França!

Embora embriagadas, as mulheres calaram-se; e Rachel, trêmula, voltou-se:

— Ficá sabendo que eu conheço franceses diante de quem não dirias isso.

Mas o marquezinho, mantendo-a ainda nos joelhos, pôs-se a rir, muito alegre com o champanha:

— Ah! Ah! Ah! Desses eu nunca vi. Sempre que aparecemos eles mandam pernas!

A rapariga, exasperada, gritou-lhe no rosto:

— Estás mentindo, sem vergonha!

Durante um segundo, ele fixou nela seus olhos claros, como os fixava nos quadros quando lhes furava a tela a tiros. Depois, desatou a rir:

— Ah! não digas isso, beleza. Estariam aqui, se eles fossem valentes? — E, animando-se: — Nós somos os donos! A nós a França.

Ela saltou dos seus joelhos para a cadeira. Ele levantou-se, espichou o copo até o centro da mesa e repetiu:

— A França e os franceses, os bosques, os campos e as casas, tudo é nosso!

Os outros, completamente embriagados, sacudidos de súbito por um entusiasmo militar, um entusiasmo de brutos, agarraram os copos, vociferando: "Viva a Prússia!" e os esvaziaram de um só trago.

As mulheres, reduzidas ao silêncio e cheias de medo, não protestavam. A própria Rachel se calava, impotente para responder.

Então, o marquezinho colocou sobre a cabeça da judia a sua taça novamente cheia de champanha.

— A nós também — gritou — todas as mulheres de França!

Ela se ergueu tão depressa que o cristal, virando, despejou, como num batismo, o vinho flavo nos seus cabelos negros, e espafifou-se no solo. De lábios trêmulos, Rachel desafiava com os olhos o oficial que continuava a rir. E ela balbuciou, numa voz oprimida pela cólera:

— Não, não, não, isso não é verdade; vocês não terão as mulheres da França.

Ele sentou-se para rir à vontade e, procurando o tom parisiense:

— Esta é bem poa, bem poa; que vieste fazer aqui, entom, menina?

Atônita, Rachel calou-se a princípio, sem compreender bem na sua perturbação; mas logo que percebeu o que ele dizia, lançou-lhe indignada e com veemência:

— Eu! Eu! Eu não sou uma mulher, sou uma prostituta; e é só isso que merecem os prussianos!

Rachel ainda não terminara e já ele começara a esbofetear-la violentamente; mas, como erguesse ainda uma vez a mão, ela, desviada de raiva, tomou de sobre a mesa uma faquinha de prata

(Continua na pág. 52)



QUEM É O AUTOR DA MÚSICA?

O Regulamento para a execução dos serviços de rádio-comunicação, no território nacional, foi aprovado pelo decreto n. 21.111, de 1 de março de 1932. O parágrafo primeiro do art. 35 desse Regulamento, estabelece o seguinte: "A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outro meio, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores".

A falta de cumprimento desse dispositivo é de fácil comprovação por quem se der ao trabalho de escutar os programas irradiados pelas nossas emissoras. Anuncia-se carinhosamente as qualidades do produto comercial, o nome respeitável do speaker que entra e sai do ar, os dons artísticos dos cantores, o valor das orquestras, o título das músicas mas, raramente, se enuncia o nome dos autores de uma obra musical. Além do fato constituir, conforme já dissemos, um desrespeito àquele dispositivo de lei merecendo, portanto, uma providência séria por parte das autoridades a quem está afeto a sua fiscalização, concorre para deixar no anonimato os criadores das melodias que, em última análise, servem para descansar os nossos ouvidos do matraquear ininterrupto dos textos de propaganda comercial ou atuam como calmante, após ouvirmos a trama tenebrosa das novelas da moda...

F. CORRÊA DA SILVA

WHAT IS THIS THING CALLED LOVE?

(Do filme da Warner "Acordes do Coração")

Fox de Cole Porter

What is this thing called love?
This funny thing called love?
Just who can solve its mystery?
Why should it make a fool of me?
I saw you there one wonderful day,
You took my heart and threw it
away;
That's why I ask the Lawd in
Heaven above,
What is this tingh called love?

I GUESS I'LL HAVE TO CHANGE MY PLAN

(Do filme da Warner "Acordes do Coração")

Fox de Howard Dietz e Arthur Schwartz

I guess I'll have to change my plan,
I should have realized
There'd be another man,
I overlooked that point completely,
Until the big affair began.
Before I knew where I was at,
I found myself upon the shelf
And that wast' that,
I tried to reach the moon
But when I got there,
All that I could get was the air,
My feet are back upon the ground,
I've lost the one girl I found.

YOU DO SOMETHING TO ME

(Do filme da Warner "Acordes do Coração")

Fox de Cole Porter

You do something to me,
Something that simply mystifies me.
Tell me, why should it be
You have the pow'r to hypnotize me?

Let me live 'neath your spell,
Do, do that voodoo that you do so
well.

For you do something to me
That nobody else could do.

SCHOTTIS DA FELICIDADE

de Lupicínio Rodrigues

(Criação dos Quitandinha Serenaders
no filme da Atlântida "Este Mundo é um Pandeiro")

Felicidade foi-se embora
E a saudade no meu peito
Ainda mora.
E' por isso que eu gosto lá de fóra
Porque sei que a falsidade
Não vigora.

A minha casa
Fica lá de traz do mundo
Mas eu vou em um segundo
Quando começo a cantar.
Meu pensamento
Parece uma coisa atôa
Mas como é que a gente vôa
Quando começa a pensar

AMICO

Bolero de Rafael Hernández.

Me dijo así, yo soy amigo fiel
y en su palabra de amor yo confíe
en él creí porque jamás pensé
que me robara el amor que somé
Amigo...
vaya un amigo
que el confiarle mi pena
se burló de mi llanto
Amigo...
vaya un amigo
que sabiendo que ella
me estaba traicionando
Me dijo
ella te ama
su obsesión es tan sólo
a tu lado volver.
Mentira,
era mentira,
el amigo del alma
me robó su querer.

"Alvo como o Linho Irlandês"



Ao longo das costas rochosas da Irlanda do Norte, onde as montanhas de Mourn caminham graciosamente para o mar, estendem-se os ensolarados vales e cristalinos regatos que dão à fibra do linho alvura sem par.

"Alvo como o linho Irlandês" é um sinônimo de pureza e excelência conhecido em todo o mundo.

Os associados do Irish Linen Guild, através muitas gerações, têm preservado cuidadosamente esta reputação de excelência, e repetidamente advertem aos impacientes compradores de linho que é impossível apressar a natureza. Os elevados padrões mantidos a todo custo pelo Irish Linen Guild são a sua garantia da melhor qualidade.

Portanto, antes de comprar, procure o selo do Irish Linen Guild na orela de cada jarda do puro Linho Irlandês — da mesma forma que procuraria a marca de uma fina peça de prata. Outra razão porque dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!



The Irish Linen Guild.
BELFAST



LYTOPHAN



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECCOES
DO COURO CABELUDO

MADemoiselle FIFI

(Continuação da pág. 50)

para doces e, tão rapidamente que nada se viu de início, cravou-lhe a faca no pescoço, justamente na concavidade onde começa o peito.

Uma palavra que ele pronunciava lhe foi cortada na garganta; e ele ficou de boca-aberta, com um olhar horrível.

Todos lançaram um grito e se ergueram em tumulto. Mas, tendo jogado a sua cadeira nas pernas do tenente Otto, que desabou de todo o comprimento, ela correu à jancela, abriu-a antes que alguém tivesse podido segurá-la, e lançou-se na escuridão da noite, sob a chuva que continuava a cair.

Em dois minutos, Mlle. Fifi morreu. Então, Fritz e Otto desembainharam as espadas e quiseram massacar as mulheres, que se arrastavam aos seus joelhos. O major, não sem dificuldade, impediu esse morticínio e mandou encerrar num quarto, sob a guarda de dois homens, as quatro mulheres aterrorizadas; em seguida, como se estivesse dispondo seus soldados para um combate, organizou a perseguição da fugitiva, certo de alcançá-la.

Cinquenta homens, cobertos de ameaças, foram lançados no parque. Duzentos outros revistaram os bosques e todas as casas do vale.

A mesa, desguarnecida num instante, servia agora de leito mortuário, e os quatro oficiais, rígidos, curados da bebedeira, com o rosto endurecido de homens de guerra em atividade, permaneciam perfilados junto às janelas, sondando a noite.

A chuva torrencial continuava. Enchía as trevas um marulho contínuo, um inquieto murmúrio de água que cai e de água que corre, de água que goteja e de água que salta.

Súbito, um tiro ecoou, seguindo-se um outro ao longe; e, durante quatro horas, se ouviram, de tempos em tempos, detonações próximas ou longínquas e gritos da soldadesca, palavras estranhas lançadas, como apelos, por vozes guturais.

Ao amanhecer, todos retornaram. Dois soldados tinham sido mortos, e três outros feridos por seus colegas no ardor da caça e na fúria daquela perseguição noturna.

Ninguém havia encontrado Rachel.

Então, os habitantes foram aterrorizados, suas casas reviradas, toda a região

percorrida, batida, revolvada. A judia não parecia ter deixado um único vestígio de sua passagem.

O general, avisado, ordenou que se abafasse o caso, para não dar mau exemplo ao exército, e castigou com uma pena disciplinar ao comandante, que puniu seus inferiores. O general dissera: "Ninguém faz guerra para se divertir e meter-se com mulheres da vida". E o conde de Falsberg, exasperado, resolveu vingar-se sobre a região.

Como necessitasse de um pretexto para agir sem constrangimento, mandou chamar o cura e lhe ordenou bater o sino para o enterro do marquês D'Eyrik.

Contra toda expectativa, o padre mostrou-se débil, humilde, atencioso. E quando o corpo de Mlle. Fifi, levado por soldados, precedido, cercado, seguido de soldados que marchavam de fuzil carregado, deixou o castelo de Uville, dirigindo-se para o cemitério, pela primeira vez o sino tocou seu dobre fúnebre num compasso alegre, como se uma mão amiga o acariciasse.

Ele tocou ainda à noite, e na manhã seguinte também, e todos os dias; carilhonou tanto quanto queriam. As vezes, mesmo, durante a noite, começava a se agitar sozinho e atirava docemente dois ou três sons na sombra, tomado de alegrias singulares, despertado sem se saber por que. Todos os camponeses do local disseram-no então enfeitado e ninguém mais, salvo o padre e o sacristão, se aproximava da torre.

E' que uma pobre rapariga vivia lá em cima, na angústia e na solidão, alimentada às escondidas por aqueles dois homens.

Ela permaneceu ali até a partida das tropas alemãs. Depois, uma noite, o padre, tendo pedido emprestada a carroça do padreiro, conduziu ele próprio sua prisioneira até a porta de Ruão. Ali chegando, o padre abraçou-a; ela desceu e retomou, às pressas, o caminho da pensão de mulheres, cuja proprietária a acreditava morta.

Dali foi tirada algum tempo depois, por um patriota sem preconceitos que a amou por sua bela ação; mais tarde, tendo gostado dela por si mesma, desposou-a, tornando-a uma senhora tão boa como muitas outras.

(Tradução de Justino Martins).

A VIDA DE JÚLIO CESAR

(Continuação da pág. 20)

César não perdeu tempo; zarpou imediatamente. Ao chegar ao Egito, a primeira coisa que lhe deparou aos olhos foi a cabeça do rival espetada numa vara. Os seus amigos no Egito tinham matado Pompeu e enviaram-lhe a cabeça deste como presente, poupando-lhe assim o trabalho de continuar a perseguição. César censurou os egípcios por aquela "barbaridade" e regozijou-se com a boa sorte que tivera. Era outro obstáculo removido na sua marcha para o domínio de Roma.

★

Mas a guerra civil não estava terminada. Alguns amigos de Pompeu ameaçavam ainda causar transtornos em várias partes do mundo. Antes de ocupar-se deles César deteve-se algum tempo no Egito, afim de regularizar os assuntos dos Ptolomeus. O rei Ptolomeu, ao morrer, deixara um filho com o mesmo nome e duas filhas, Arsínoe e Cleópatra. Todos os três disputavam o trono, e Cleópatra apelou para César com o fim de obter o apoio deste às suas pretensões. O romano era um homem calvo, epilético, e tinha então cinquenta e quatro anos. Cleópatra contava apenas vinte e um. Prontamente ele aceitou ao seu pedido e proclamou-a rainha do Egito.

César, que fora o político mais hábil de Roma, tornava-se agora um instrumento nas mãos da mulher mais hábil do mundo. Se havia de voltar a Roma e pôr termo à guerra civil, demorou-se vários meses no Egito, incapaz de fugir à fascinação de Cleópatra. Entregou-se de corpo e alma àquele entreato amoroso no entardecer da sua vida. Aceitou o convite de subir o Nilo com ela. Sentado no "pa-

lácio flutuante" da rainha, com as suas colgaduras de púrpura, a proa dourada, os remos de ponta prateada que rutilavam em rítmica concordância ao serem mergulhados nágua pelos cinquenta escravos núbios, César perdia-se em sonhos de um império como não fora visto igual. Voltara à Itália para divorciar-se de Calpúnia. Mandaria então buscar Cleópatra e, juntos, com a ajuda dos deuses que ele servira como sumo sacerdote, tornar-se-iam senhores de Roma, do Egito, do mundo inteiro.

Mas enquanto César sonhava nos braços de Cleópatra e escutava a música e os cantos das raparigas egípcias, os amigos de Pompeu não permaneciam ociosos. Suscitavam revoltas em várias províncias, assim como na própria Roma. A menos que César se apressasse, a sua cabeça, como a de Pompeu, em breve estaria enfeitando a ponta duma vara.

Assim, com grande relutância pôs de parte as vestes festivas do Egito e, mais uma vez, envergou o uniforme de militar. Prometeu a Cleópatra, que estava para ser mãe, mandar buscá-la logo que o filho nascesse.

Não voltou diretamente a Roma, pois estava um tanto envergonhado da ociosidade a que se entregara ultimamente. Seus amigos e admiradores tinham esperado vê-lo obter grandes vitórias nos campos de batalha do Egito. Ao invés, conseguira apenas um triunfo — na alcaça da rainha egípcia. Queria trazer para Roma algo mais concreto que os votos de felicidade de Cleópatra. Portanto, fez-

**MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos

Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE

se de vela para o Ponto, uma das províncias romanas rebeldes da Ásia Menor, e sem muita dificuldade reprimiu a insurreiçāo. Então, para provar aos romanos — e para converter-se a si mesmo — que ainda era o poderoso César de antes, participou sua vitória ao senado em três breves e jactanciosas palavras: "Veni, vidi, vici (vim, vi e venci)".

★
Entusiasmados pela nova da sua vitória, os romanos receberam-no de braços abertos. Proclamou-se ditador por dez anos e chamou Cleópatra. Esta veio com o filho, a quem dera o nome de Cesário (pequeno César). Juntamente com ela veio outro membro da família real do Egito — sua irmã Arsíone — não porém como hospede, mas como prisioneira. César, depois de ter exibido Arsíone diante dos romanos num dos seus numerosos desfiles triunfais, mandou matá-la — como especial favor à rainha do Egito. Instalou Cleópatra num palácio situado do outro lado do Tibre — não ousara divorciar-se de Calpúrnia — e juntos se empenharam não só para serem reconhecidos como reis de Roma, mas também para serem adorados como duas das suas principais divindades.

Foi ordenada a construção d'um templo em honra do conquistador. Erigiram-se-lhe duas estátuas e nomeou-se um sacerdote para lhe oferecer sacrifícios e preces. Proclamou César que qualquer juramento feito em seu nome devia ser tão respeitado quanto um juramento em nome de Júpiter.

E a todas essas honras divinas ele associava Cleópatra. Junto à imagem do "Invencível Deus, Júpiter Júlio (César)" — tal era a inscrição da sua última estátua — fez colocar a de Cleópatra, "a Divina Irmã de Venus".

Se essa ridícula apropriação dos atributos divinos repugnava a muitos romanos, ainda mais antipatia lhes inspirava a sua resolução de tornar-se rei de Roma. Mandara fazer um trono de ouro para si e estava apenas esperando uma ocasião favorável para cingir a corôa.

Pareceu-lhe que o ensejo se apresentava durante um dos carnavais romanos. Afim de sondar os sentimentos do povo, combinou com Marco Antonio que este lhe ofereceria a corôa, meio por gracejo e meio a sério, como parte incidental dos divertimentos. Antonio fez o que lhe fora dito, mas César, notando a desaprovacão dos espectadores, decidiu recusar, por enquanto.

Entretantes, dois filhos de Pompeu, Cneio e Sexto, tratavam de provocar na Espanha uma insurreiçāo contra Roma, ou antes contra o ditador. A rebelião ameaçava tornar-se séria, e César se viu na contingência de pôr-se mais uma vez à frente do exército.

Esmagou a revolta, matou os filhos de Pompeu e voltou a Roma, onde se proclamou ditador vitalício.

Fez então que cometeu o erro mais fatal da sua carreira. Realizou festejos públicos em honra da sua vitória contra Cneio e Sexto Pompeu.

César, entretanto, convencido de que um deus nunca erra, prosseguia tranquilamente na execução dos seus planos. A 15 de março do ano 44, dirigiu-se ao senado. Ia radiante de satisfação. Os senadores, segundo esperava, o elegeriam rei de todas as províncias romanas fora da capital. Depois disso, seria sem dúvida proclamado imperador de Roma.

Entrou no senado pronto para ser recebido com uma corôa. Ao invés, receberam-no com vinte e três punhaladas.

Assim terminou a carreira de um dos mais bem dotados e mais perigosos malfeitores da história. Para não cairmos no erro de derramar lágrimas sentimentais pelo seu assassinio, recordemos que a ambição insensata de César, antes que o punhal de Bruto lhe pusesse fim, tinha custado a vida de 160.000 compatriotas seus — preço excessivamente alto para a glória de qualquer homem.

(Do livro "Vida de estadistas famosos").

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA
Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

SEGUNDO AMOR

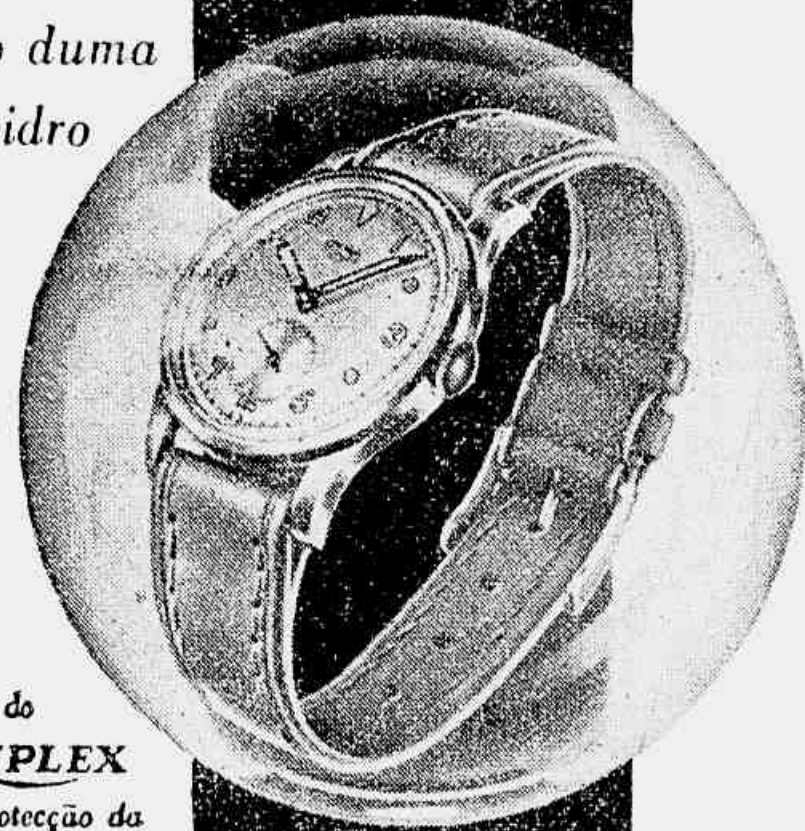
(Continuação da pág. 45)

E todos os planos que eu havia feito desfizeram-se rapidamente. Não adiantavam mais nada os castelos que eu edificara, sonhando acordando, naquêles serões calmos, ao seu lado. Eu lia, enquanto ela bordava tranquilamente. Era no inverno e muitas vezes o vento fazia um barulho forte nas janelas, assustando-a. Quando isto acontecia, os nossos olhos se encontravam. Um rádio deixava cair em nossos ouvidos, de vez em quando, uma melodia que era um insistente convite ao amor. Mas, cada um continuava entregue ao que fazia. De momento a momento, trocávamos algumas palavras. Conversa comum. Mas quanta coisa eu lia nos olhos dela. E provavelmente muito dizia também os meus. Seus olhos eram pretos, suaves e repousantes. Gostava muito de fitá-los. Não sei porque, mas davam sempre a impressão de que Dejanira era dona da vida, que ela espalhava felicidade. Mas, naquele tempo, eu não a compreendia bem. Nestas noites tranquilas ela me aparecia como uma princesa de encantamento. Apesar de tudo, eu a desgostava sempre. Uma vez, estávamos, os dois sosinhos na sala, como habitualmente. Tia Luiza, viúva sem filhos, que morava em minha casa, estava deitada. Nenhum barulho. Ouvíamos, quasi, a respiração um do outro. De repente ela me perguntou: "Roberto, com a sua experiência, o que pensa você do amor?". Surpreendido pela artificialidade e pelo inesperado da pergunta, que veio quebrar um longo, mas agradável, silêncio, respondi: Não sei bem. Não tenho opinião muito firme a respeito. Aliás o melhor é a gente deixar os poetas e romancistas dizerem o que é o amor. Nós devemos, apenas, viver um grande amor, o que é melhor. Você não acha?"

— Você tem razão, mas queria saber o seu modo de pensar.

Não sei porque, mas tive vontade de lhe dar um beijo. Um beijo longo, sentido, destes que parecem levar a alma da gente com eles. E foi o que fiz. Dejanira não opoz a menor resistência. Depois olhou-me com doçura e os seus olhos disseram-me de seu amor. Muito tempo — aliás não tínhamos noção de tempo — ficamos assim, sentindo que eramos felizes. Depois, inexplicavelmente, Dejanira tornou a levantar-se e me dirigiu palavras asperas, reprovando amargamente o meu gesto. Saí da sala sem me dar "bôa noite". No outro dia pouco falou comigo. Sentia a frieza de sua atitude. Pedi-lhe desculpas, disse-lhe que fora um impulso a que não pudera resistir. Fiz todo o possível para que ela me tratasse como sempre havia tratado. Não adiantou. Irrepreensivelmente amável, mas sem aquêles olhares que eram verdadeiros bálsamos para a minha alma sensível.

*Resguardada
como dentro duma
bola de vidro*



a máquina do
CYMA TRIPLEX
deve a perfeita protecção da
sua caixa especial a sua vitoriosa
resistência à infiltração
de todas as POEIRAS e
IMPUREZAS

CYMA

TRIPLEX

PARA-CHOQUES * ANTI-POEIRA * ANTI-MAGNÉTICA



Hoje e sempre uma
PILSEN-EXTRA

ANTARCTICA

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

Contra dores

ASPIRINA



O remédio de confiança

Mas, parece, aos poucos, ela foi se arrependendo. Um dia chegou perto de mim, muito emocionada e me disse: "Compreendi o seu procedimento naque-

la noite. Você... não teve mesmo culpa. E se quizer..." E saiu depressa. Fiquei um tanto confuso.

Que mulher incompreen-

A loucura do diamante

(Continuação da página 58)

Descobri um encobridor de objetos roubados: tomou-me o diamante das mãos e disse-me simplesmente que eu podia persegui-lo se desejava rehavê-lo. E vejo-me agora possuidor de diamantes que valem milhares de libras, trago-os amarrados ao pescoço e entretanto estou sem casa e sem comida. O senhor é a primeira pessoa a quem confio o meu segredo, porém simpatizei com a sua pessoa, e como estou no fio...

E observou-me atentamente.

— Seria uma loucura da minha parte, disse eu, comprar um diamante nestas condições. Além disso, não costumo trazer comigo centenas de libras. Entretanto, desejo crêr que me fala verdade. Façamos assim, se quizer: o senhor vai amanhã ao meu escritório...

— O senhor julga que sou um ladrão, disse ele tristemente, e irá prevenir a polícia. Não, não caírei nesta armadilha.

— De uma maneira ou de outra, estou convencido de que o senhor não é um ladrão. Eis o meu cartão, em todo caso é bom que o guarde. Não é necessário que vá em hora marcada. Pode ir quando bem lhe parecer.

Ele tomou o meu cartão, e com ele a certeza da minha boa vontade a seu respeito.

— Tome o meu conselho e venha, disse-lhe novamente.

Ele sacudiu a cabeça com ar incerto e duvidoso:

— Embolsarei qualquer dia a sua meia-coroa, com um lucro que o há de surpreender. Em todo caso, guardará o meu segredo?... Não me siga.

Dizendo isto, atravessou a calçada e sumiu-se na escuridão, não longe dos pequenos degraus existentes sob a abertura abobadada que conduz a Essex street: deixei-o ir, e foi a última vez que o vi.

Pelo tempo adiante, recebi duas cartas dele pedindo-me dinheiro — em bilhetes do banco e não em cheques — sempre para enviar a lugares diferentes. Eu refleti e tomei a resolução que me pareceu mais própria ao caso. Um dia ele foi visitar-me, porém eu tinha saído. O moleque que me servia, descreveu-me o seu aspecto: magro, sujíssimo, esfarrapado e tossindo horivelmente. Não deixou nada para mim. Nunca mais soube dele. Pergunto, às vezes, a mim mesmo, o que teria sido feito dele. Seria um monomaníaco engenhoso, ou um negociante, pouco honesto, de pedras falsas? Ou teria ele realmente, como afirmava, conseguido fabricar diamantes? Esta última hipótese me sugere, de vez em vez, a idéia de que deixei passar a mais brilhante ocasião de fazer fortuna que jamais tive ou terei em minha vida. Pode ser que ele tenha sido atirado para o lado com indiferença (um deles, torno a refletir, era quase tão grosso como o meu polegar); ou então, continua talvez vagueando à procura de quem compre os seus diamantes. Em todo caso não é impossível que ele consiga obter um lugar acima da sociedade e que, passando através o meu horizonte até às altas camadas serenas e tranquilas, reservadas aos ricações, ele me expresse "in petto" a falta que cometi e o meu pouco espírito de iniciativa.

Penso também algumas vezes que bem poderia ter arriscado ao menos umas cinco libras.

sível, pensava. Não sabia a que atribuir aquilo. E em muitas coisas era assim o temperamento dela. Não se poderia saber de que maneira iria reagir ante um fato. Sómente numa coisa (vim a saber depois): quando se tratava de fazer o bem, isto podíamos ter certeza, ela o faria. Tinha sempre uma palavra de conforto para os que sofriam.

★

Antes de sua partida ela me procurou e disse que havia marcado o dia da viagem. Que não poderia, mesmo, ficar mais. Que havia cumprido o seu dever e seguiria para casa. Foi neste momento que expuz a ela todo o meu drama. Desiludido com a vida, chorando um amor que a morte roubara, com dois filhos pequenos para educar, eu precisava de uma companheira que fosse um estímulo nas horas de desfalecimentos. E esta companheira estava escolhida, só poderia ser ela. Mas Dejanira permanecia irredutível. Dizia que nunca poderia ser minha esposa. Por um motivo simples: não me amava. Perguntei-lhe porque me olhara sempre com aqueles olhos quentes, cheios de promessas. Porque consentira que eu a beijasse. E mais do que isto, porque me dera a entender, depois, fazendo-me julga-la até leviana, que eu a poderia beijar se quizesse. Não, definitivamente eu não a compreendia. Amava-a até à paixão. Mas ela era para mim um enigma, um doce e provocante enigma. Não podia suspeitar que atrás de todos os seus atos estava a sua grande bondade, um vivo desejo de ajudar a seus semelhantes.

★

E com a sua recusa voltariam para mim todos aqueles dias monotonos, em que sentia a alma voltada para o passado, chorando um amor que, embora houvesse durado pouco no tempo, vivia muito em meu coração. Todas as noites tinha sonhos mansos com Maria. Eram cenas de nossa vida que voltavam. A nossa lua de mel. Os jantares lá de casa. Passeios, os meninos brigando. O susto que ela tomou quando nasceu o primeiro dente do Robertinho. Tudo isto vinha povoar as minhas noites de sombras amigas. Mas o despertar era muito triste. Vivia sucumbido. Viajei, interessei-me por varias atividades. Dediquei-me a esportes violentos. Nada adiantava. Todas as noites: sonhos, lembranças, recordações. Foi quando D. Amelia, minha sogra, chegou, trazendo Dejanira. Eu nunca reparara em minha cunhada. E nem reparei nos primeiros dias. Mas foi tanta a solicitude dela comigo e com os meninos, os seus cuidados eram tantos que principiei a vê-la com olhos mais atentos. Sentia que aos poucos ia dormindo melhor, mais tranquilamente. Começava a perceber, embora não sentisse o motivo, que a vida poderia ainda me oferecer alguma coisa. D. Amelia partiu, poucos

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiras, só o conse-

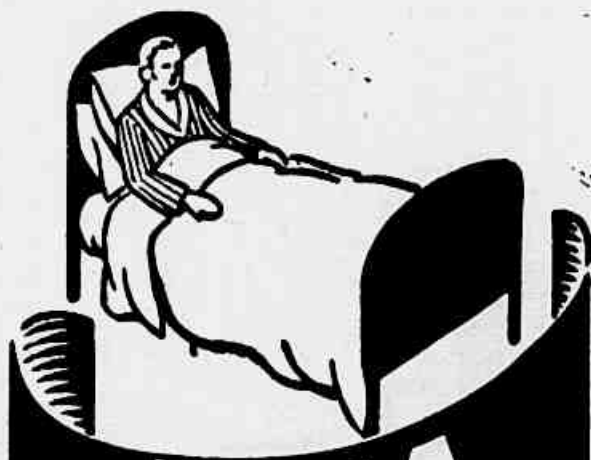
guiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em liquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!



ÁGUA INGLESA

GRANADO



TÔNICA
E APERITIVA
—
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
Alimenta a pele — Contra as rugas
A VENDA EM TODA PARTE

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto **COSTA PENNA** BAHIA-BRASIL

...dias depois. Dejanira ficou para ajudar D. Luiza tomar conta dos meninos. Ia verificando que o meu novo amor crescia, independente de minha vontade. E assim estava eu quando ela me comunicou que partiria dentro de quinze dias. Não acreditei na afirmativa de que ela não me amava. Muita coisa demonstrava o contrario. Devia haver um motivo escondendo-se nessa desculpa. Mas qual, qual poderia ser este motivo? A resposta, que não achava, começou a me preocupar.

Ela já me dissera que não amava ninguém, acrescentando, aliás, que nunca tivera um namoro sério. Irmã de minha senhora, conhecia-me bastante. Não conseguia, mesmo, compreender aquela recusa. Perguntei-lhe depois o que havia. "Nada, apenas o que já lhe disse". Uma vez, entretanto, ela me prometeu que diria quando partisse. A última noite que passamos juntos no salão, desta vez com a presença de D. Luzia e do Robertinho, que cabeceava de sono — ele havia ficado acordado, dizendo que queria aproveitar a noite — nada pudemos esclarecer. No outro dia, a caminho da estação, ela me disse o motivo. Eu fiquei simplesmente chocado. Não podia quasi acreditar. Julgava aquilo um disparate. Um romantico absurdo, comum talvez em épocas que já passa-

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para em-branquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim-Francis

ram. Não entendia como Dejanira, que se mostrava tão inteligente e compreensiva a respeito de tudo, pudesse pensar daquela maneira.

— Não, não é isto, eu quero saber o "verdadeiro" motivo. Isto é apenas uma suave desculpa.

Mas infelizmente não era. Não consegui persuadi-la, por mais que fizesse.

— Mas então porque você me deu a entender que poderia beijá-la de novo, se quizesse?

— Apenas, Roberto, para que você tivesse um alento, uma esperança na vida. Eu senti que você precisava de mim para esquecer minha irmã. Naquela época eu não estava profanando a memória de Maria, porque

você "precisava" de um estímulo. Mas agora, — pelo menos penso assim — a lembrança dela não vive, permanente, em seu coração. Você já pode viver sem ela... e sem mim também.

Não quis dizer mais nada. Despedimo-nos e ela partiu. Duvidei de sua intelegência nesta hora. Mas lembrando-me de que não pode haver nada mais misterioso e incompreensível do que os sentimentos de uma mulher, deixei a dúvida de lado. De fato, talvez o seu constante desvelo comigo houvesse sido motivado, unicamente, pelo desejo de sempre fazer o bem. Ou então ela acreditasse, muito seriamente, no que havia me dito. Tudo era incerto. Sabia, apenas, que morava em sua alma toda a bondade.

Um presente para o seu bebê!

Lady TALCO

As crianças são os sorrisos de Deus na terra!...

Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta.

Façam a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.

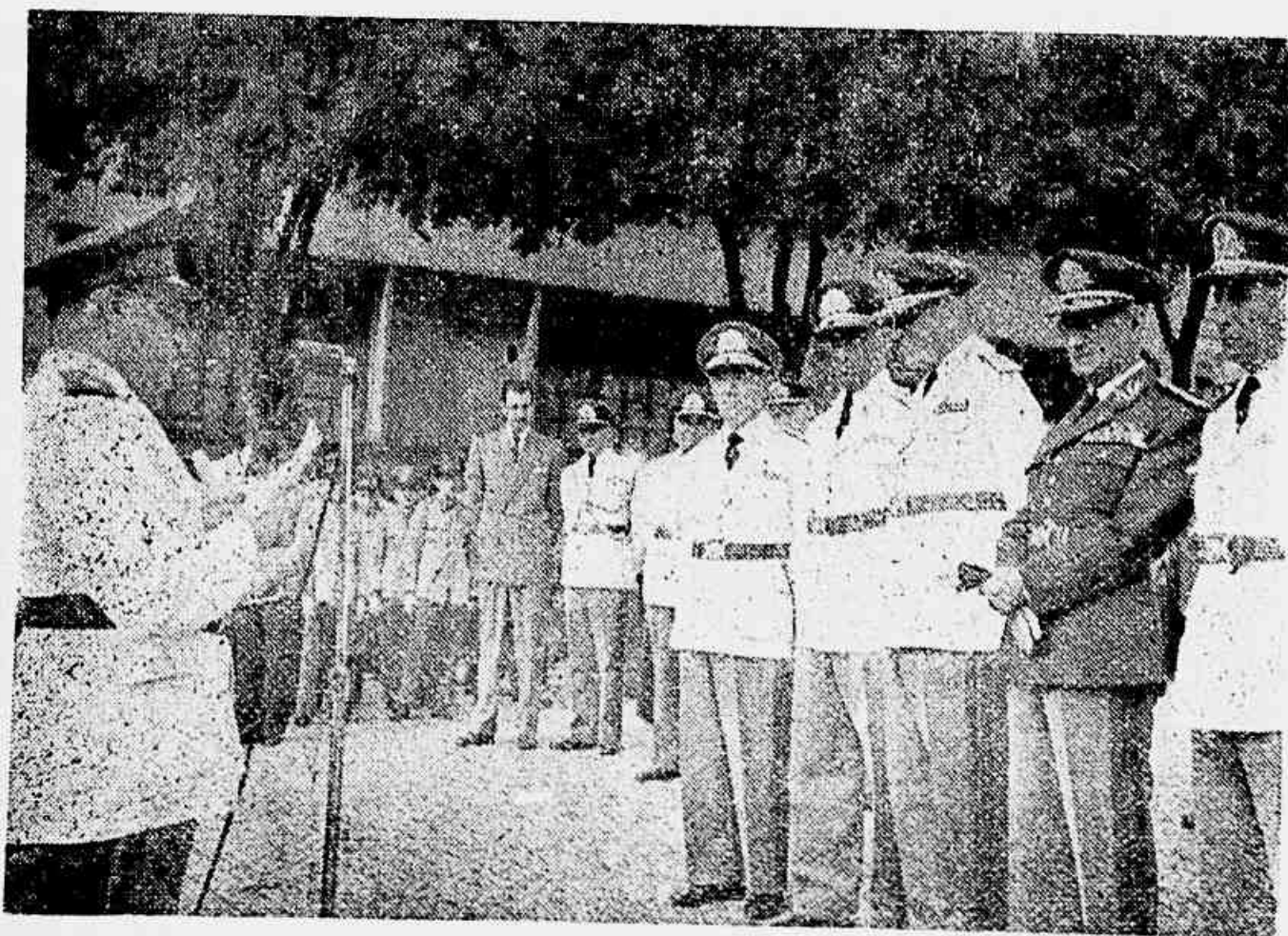
TALCO Lady

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ



ENLACE GUIMARAES-PACIFINI — Realizou-se no dia 12 de abril próximo passado o enlace matrimonial da senhorita Emília Ciribelli Guimarães com o senhor Dr. José Brandão Pacifini. Este flagrante foi tomado após a cerimônia religiosa que teve lugar na Basílica de Santa Terezinha à Rua Mariz e Barros, nesta capital.



O 38º ANIVERSARIO DO COLÉGIO MILITAR — Aspecto tirado quando o Major Dr. Carlos Sudá de Andrade usava da palavra, discorrendo sobre o papel da mocidade militar na construção da Pátria. Da direita para esquerda vêm-se os Generais Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra; José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, ex-adido militar na Inglaterra; Milton de Freitas Almeida, chefe do Estado Maior do Exército; Estevam de Souza Lima, Diretor do Pessoal do Exército; Aristoteles de Souza Dantas, comandante da Polícia Militar. O Colégio Militar está sob o comando do Coronel Jair Dantas Ribeiro.

UM NOVO CARNAVAL PARA O PÚBLICO SELETO DO RIO, NESTE ANO

Os cariocas não precisam esperar o ano vindouro, pois já no domingo, dia 25 de Maio, começará um segundo Carnaval para o público seletivo do Rio, que realizar-se-á no COPACABANA PALACE HOTEL, sob os auspícios de "MONSEIGNEUR".

Será uma grande alegria para o público aristocrático desta cidade assistir esta festa!

Trata-se de uma EXPOSIÇÃO de mais de 300 artigos variados, dentro os quais uma especial oferta para as Senhoras e Senhoritas, numa lindíssima coleção de vestidos de baile, soiré e passeio das mais atamadas casas de Paris.

O desfile de modelos vai ser apresentado no programa artístico do "Golden-Room" quinta-feira 29, sexta-feira 30 e sábado 31 de Maio, às 23 horas.

Uma exposição onde os conhecedores poderão apreciar, entre outras coisas, uma coleção única de finíssimos artigos de prata.

Enfim, onde todos poderão apreciar o mais refinado gosto italiano, pois Florença, Veneza e Nápolis serão representadas por uma indescritível variedade de artigos de arte e bom gosto, expressões de uma grande cultura e senso artístico.

É por isso, que os cariocas, como apreciadores de coisas finas e lindas, terão o prazer de um segundo Carnaval, no dia 25 de Maio de 1947.

de do mundo. E que continuaria sempre a ama-la. Mais nada. Mas, á medida que ia escrevendo para me consolar, tomei uma resolução. Explicaria o caso a D. Amelia e esta aconselharia sua filha. E é o que vou fazer. Irei buscar Dejanira. Trazer de novo para o vazio de minha vida, a doce certeza de sua presença.

A loucura do diamante

(Continuação da pág. 14)

mem durante dez ou vinte anos ainda assim valia a pena, e seria bem recompensada a fadiga de tantos anos. Suponha o senhor que seja enfim descoberto o verdadeiro processo de fabricação: antes que o segredo se divulgue e que o diamante se torne tão comum como o carvão de pedra, poder-se-ia ganhar milhões. Milhões!

E ele calou-se, esperando uma aprovação da minha parte. O seus olhos brilhavam de cubição.

— Imagine o senhor, disse ele que estou a dous passos da fortuna, e estou aqui!

Quando eu tinha vinte e um anos, continuou, possuía um milhão de libras esterlinas, e, pensava, ajuntando a elas o lucro de algumas lições, poderia entregar-me ás minhas pesquisas. Consagrei aos estudos um ou dous anos, em Berlim principalmente; depois apliquei-me a trabalhos originais por minha própria conta. A dificuldade consistia em guardar o segredo: compreende o senhor que se eu tivesse deixado transpirar uma só vez o que tinha em mente, outros poderiam ser tentados a pôr em prática a minha idéa; e eu não pretendo ser por tal forma genial, que pudesse chegar em primeiro lugar, caso houvesse uma especie de concorrência á descoberta. Querendo realmente fazer fortuna, era de maxima importancia que eu não desse a conhecer a ninguém a descoberta do meu processo artificial, pois, de outro modo, em breve estaria o mercado repleto de diamantes á venda. De forma que me vi obrigado a trabalhar sózinho. Primeiramente formei um pequeno laboratório; tendo-me, porém, faltado os recursos,

vi-me obrigado a continuar as experiências em um quarto, no suburbio de Kentishtown, miserável, sem moveis, onde acabei dormindo em uma enxerga, no chão, rodeado dos meus instrumentos. O dinheiro que me restava, desaparecia como que por encanto. Privei-me de tudo que não me pudesse prestar auxilios científicos. Tentei retardar a hora da ruína completa dando lições; não sou, porém um bom professor, não tenho grau em nenhuma universidade e não posuo grandes conhecimentos a não ser em química; via, portanto, que estava perdendo tempo e horas de trabalho por um lucro diminuto. Prossegui, pois, sempre e sempre a minha idéa. Ha três anos, resolvi o problema da preparação do "dissolvente", e aproximei-me da pressão requerida, metendo o meu "dissolvente" e uma, certa mistura carbonada d'entro do cano de uma espingarda hermeticamente fechada: enchia-se de água e deixava-se ferver, depois de estar selado fortemente.

Fez uma pausa.

— Era bem perigoso, disse eu.

— Sim: houve uma explosão; a janela e parte dos meus aparelhos ficaram em estilhaços. Mas que importa, consegui obter assim uma especie de pó de diamante.

Emquanto eu continuava a estudar o problema de submeter a uma forte pressão o preparado de que deviam nascer os cristais diamantinos, tive conhecimento das pesquisas feitas em Paris por Daubrée, no Laboratório de pós e salitres. Ele fazia explodir a dinamite em um cilindro de aço solidamente arrolhado e resistente, de forma a não ser possível arrebentar com a pressão; e vi que, com este processo, ele conseguia reduzir algumas pedras a uma especie de papas semelhantes ao terreno sul africano no qual têm sido descobertos diamantes. Era um esforço acima do que podia eu fazer com os meus fracos recursos; entretanto consegui adquirir, seguindo o modelo do dele, um cilindro de aço apropriado aos meus projetos, e coloquei dentro todas as minhas drogas e explosivos: acendi o fogo no meu forno, pus

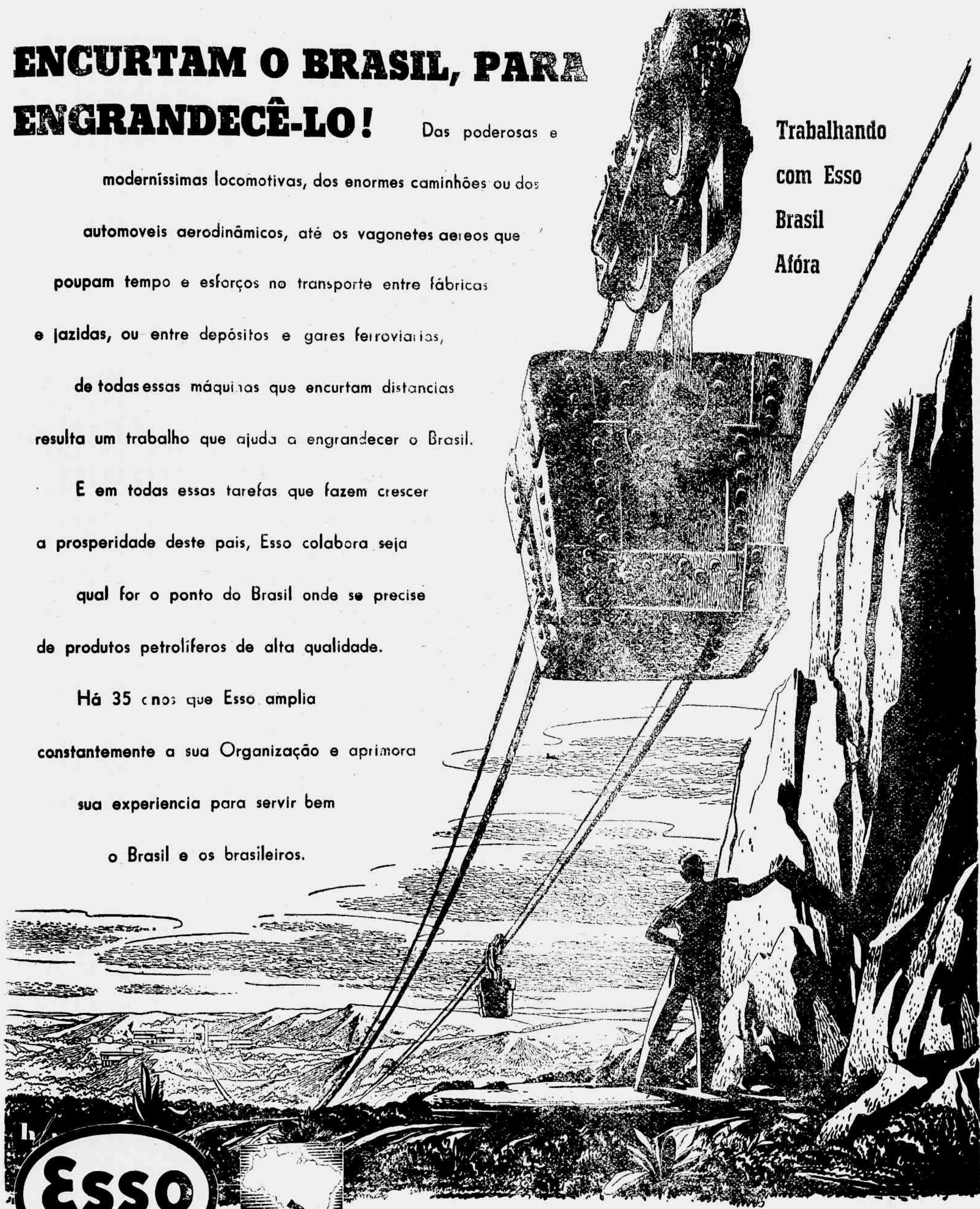
ENCURTAM O BRASIL, PARA ENGRANDECÊ-LO!

Das poderosas e moderníssimas locomotivas, dos enormes caminhões ou dos automoveis aerodinâmicos, até os vagonetes aereos que poupam tempo e esforços no transporte entre fábricas e jazidas, ou entre depósitos e gares ferroviarias, de todas essas máquinas que encurtam distancias resulta um trabalho que ajuda a engrandecer o Brasil.

E em todas essas tarefas que fazem crescer a prosperidade deste pais, Esso colabora seja qual for o ponto do Brasil onde se precise de produtos petrolíferos de alta qualidade.

Há 35 anos que Esso amplia constantemente a sua Organização e aprimora sua experiencia para servir bem o Brasil e os brasileiros.

Trabalhando
com Esso
Brasil
Aíora



McCann



Nas industrias extrativas, ou no trabalho comum de transporte, para suas máquinas ou sua frota de caminhões, ou seu automovel particular, o Sr. encontrará sempre no oval Esso a resposta cabal para suas necessidades de combustiveis e lubrificantes.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
nos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

GAFANHOTOS

(Continuação da pág. 23)

E nesta última seção burocrática, encalhara longamente o pedido, não se sabia por quê. Ao cabo de muita hesitação, conseguiu o lavrador, torcendo nas mãos o largo chapéu camponês, chegar à formosa presença de d. Iracema, oficial administrativo, padrão L, do Q G — P P III. (Em toda repartição sobressai uma d. Iracema, apetitosa e graduada. Talvez seja condão do nome. E talvez não seja). A funcionária acolheu-o de má sombra. Revolveu as gavetas, pesquisou, suspirou com alívio: encontrara o já volumoso processo.

— Os autos sobem agora para o diretor, esclareceu enfaticamente. Sim; poderia demorar algum tempo, não sabia quanto. O diretor era funcionário de categoria, padrão P, integrado na Tabela I do Q G, e achava-se também, para acréscimo de importância, comissionado no es-

tudo da "reestruturação de carreiras". Uma tarefa exaustiva, a reclamar a abnegação costumeira, tendo-se em vista os melindres e interesses em choque...

O agricultor não entendeu coisa alguma; agradeceu, porém, efusivamente, com repetidas curvaturas dorsais. — Que tipo exótico! exclamou mentalmente a servidora pública. Parece o Wallace Beery, com aqueles bigodes fantásticos, no filme "Vingança de Zingaro".

Ficou meditando algum tempo, na remançosa penumbra da sala, com um sorriso na boca polpuda, emoldurada a bâton. Retomou, a seguir, com enfado, a leitura aberta sobre a mesa:

— Inferno de repartição! Não se pode ler um romance com sossego. Volta e meia, surge-nos pela frente um macaco desses, com suas formigas... Ou com os seus gafanhotos, sei lá o que era!



O reporter abordou o lavrador no saguão da secretaria. Conhecia-o de vista, havia meses. Todos o conheciam de passagem, por ali. Mas, antes desse encontro, o diretor do jornal não se achava estomagado com o titular da pasta. Também, o secretário, que diabo! Recusar uma subvenção daquelas, pretensão discreta e razoável, só mesmo por capricho! Sem algum recurso pecuniário, não poderia existir imprensa honesta e independente.

Dois ou três dias mais tarde, em página inteira, com a fisionomia amarga do velho Zriny avultando entre fotografias de gafanhotos e vistas de campos assolados, o jornal publicava a reportagem de sensação e combate ao governo. Os títulos, em letras gordas, simbolizavam brados de alarma:

"Ante a indiferença bisantina dos poderes públicos"
"Uma fértil região à mercê dos acrídeos"

Sacolejados pelos automóveis primitivos, mantendo sobre os joelhos os pulverizadores e aparelhos variados, os agrônomos, biólogos e auxiliares, de classes e padrões diversos, rodavam pela estrada em abandono, rumo ao sítio dos lavradores húngaros.

O secretário tumultuára dezenas de repartições, ferido em pleno orgulho pela publicação escandalosa. Escada acima, escada abaixo, entre o agitado bater de portas, toda uma abnegada coleção de funcionários fora insistentemente perturbada, inquirida, censurada. Uma nova comissão se constituía, integrada por diretores e assistentes, a fim de elaborar, com alta cópia de artigos e parágrafos, o ante-projeto da reforma geral dos serviços daquele departamento. Sua excelência exigia, sua excelência ordenava. Além de clínico abalizado e poeta melodioso, não modernista e sim de padrão sentimental, o secretário aspirava também a uma paternidade, sonhava também com o título de projeção política: o de pai da lavoura e dos agricultores...

Fora assim que os técnicos, sobraçando os seus aparelhos, haviam transposto nervosamente centenas de quilômetros. Era assim que se encontravam ali, na estrada deserta, em cuja faixa de terra o mato apagara senhorial-

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

mente os vestígios do antigo trânsito. Na manhã aromal e fresca, a mão gorducha do motorista indicava onde fora o cerrado algodão dos imigrantes. Mas não havia mais algodão. No alto, sobre aquela estacaria oscilante, baluçavam oturora as vinhas de folhagem crespa. Mas os vinhedos não existiam mais. Não havia mais culturas de cereais e hortaliças. Não havia mais sombra de lavoura.

E também já não havia mais húngaros.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

tudo em cima dêle... e saí para dar um passeio.

Eu não pude conter o riso ante o ar de desprego que êle tomou.

— E o senhor não previu que isso faria saltar a casa? Tinha moradores?

Contentou-se com responder-me:

— Era no interesse da ciência... Morava no pavimento terreo a família de um negociante; no quarto atrás do meu, um fabricante de cartas de solicitações; e no sobrado, duas vendedoras de flôres. Era talvez, da minha parte, excesso de despreendimento, mas, em todo caso, seria bem possível que alguns dêles estivessem fóra.

Quando voltei o cilindro achava-se precisamente no lugar onde eu o colocara, em meio dos carvões incandescentes. A matéria explosiva não conseguira fazer estalar o recipiente de aço, e eu achei-me em face de um novo problema. O senhor sabe que, para a cristalização, o tempo é um elemento precioso e indispensável; si o senhor obrar com precipitação, os cristais sairão pequeníssimos; só depois de muito tempo é que eles adquirem um certo volume. Resolvi,

portanto, dar dois anos ao meu aparelho para esfriar e tomar cuidado em que a temperatura fôsse abaixando aos poucos, muito lentamente. Ora, estava nesta ocasião, completamente falto de recurso; com um enorme fogo para trazer sempre aceso, com o aluguel do quarto por pagar, e também com o estômago a dar horas, eu estava quase sem um vintem.

Nem posso contar-lhe todos os expedientes de que lancei mão no tempo em que fabricava diamantes. Fui vendedor de jornais, guardador de cavalos, porteiro.

Durante algumas semanas, fui moço de recados. Fui empregado como ajudante de um homem que possuía um carro de puxar a braço, e eu apregoava a mercadoria de um lado da rua, enquanto êle apregoava do outro lado. Em uma ocasião, durante oito dias, não achei trabalho algum e tive de pedir esmola. Ah! que horrível semana foi aquela! Um dia percebi que o fogo ia apagar-se e eu não comêra desde a véspera: um rapazinho, que passeava com uma de suas amigas, me deu dez soldos por basofia. Seja bendita a vaidade! Vi-

nha de dentro das casas de comodidades um aroma delicioso e terrivelmente tentador; entretanto eu ia despendendo todo o meu dinheiro em carvão, e o meu fogo seria novamente atizado. Depois... mas a fome faz uma creatura ficar idiota.

Finalmente, ha três semanas, deixei apagar-se o fogo. Segurei o cilindro, desaparafusei-o enquanto estava ainda tão quente que me queimou as mãos, e tirei com uma tesoura uma massa semelhante á lava de um vulcão. e despedacei-a com um martelo sobre uma placa de ferro: achei três diamantes grandes e cinco pequenos. Quando estava sentado, despedaçando, abriu-se a porta do meu quarto e entrou o meu visinho escrivão: estava, como de costume, completamente embriagado.

— Anarquista.

— O senhor está embriagado.

— Revolucionário!

— Vá à casa de seu pai, respondi, querendo falar do diabo, pai das mentiras.

— Espere, disse êle lançando-me um olhar mau, e pôs-se a dar soluços; depois, encostou-se á porta, com um dos olhos sobre o batente, principiou a dizer to-

lices e a contar que entrara indiscretamente no meu quarto, que fôra avisar a policia naquela manhã mesmo, e que tinham tomado nota, por escrito, das suas declarações... Então, subitamente me ocorreu a idéa de que eu estava em uma armadilha: ou teria de revelar á policia o meu segredo, o que era o mesmo que divulgá-lo aos quatro ventos; ou escondendo-o, seria preso como anarquista. Tendo refletido nisto, precipitei-me sobre o meu visinho, agarrei-o pela gola e dei-lhe uma sacudidela. Depois, peguei nos meus diamantes e eclipsei-me com eles. Os jornais da tarde ocuparam-se do caso, dando á minha pobre mansarda como uma fabrica de bombas de Kentishtown. Presentemente, não posso desfazer-me dos diamantes nem por ouro, nem por prata.

Si entro em casa de ourives respeitáveis, êles mandam-me esperar e dão ordem, em voz baixa, ao caixeiro, para ir chamar um soldado: vejo-me obrigado a sair imediatamente, dando, como pretexto, algum motivo que não me dá tempo para esperar.

(Continua na pág. 54)



DORMITÓRIO

No cliché acima reproduzimos um original modelo de quarto de dormir. É composto de uma ampla cama de casal com cabeceira em capitonê forrada em cetim branco e ouro, colcha do mesmo tecido. Poltrona em damasco azul claro, forração do piso com passadeira de lã perola. Comoda e mesinha de cabeceira laqueada em azul claro com ornatos dourados. Paredes forradas em papel, cortinas de voile de sêda branco.

MOBILIÁRIOS — TAPECÁRIAS — DECORAÇÕES

Oferecemos orçamentos gratis



A maior e melhor organização do Brasil
agora sómente

65 — RUA DA CARIOCA — 67



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Cruz